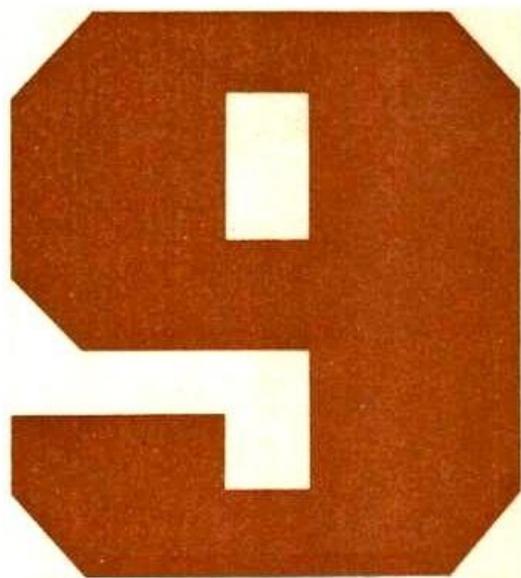


RIL



revista literária



revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

NOVEMBRO DE 1974

*

ANO IX — NÚMERO 9

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ORLANDO BIANCHINI

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

CONCURSO DE ILUSTRAÇÕES

O Centro de Extensão da Escola de Belas Artes da UFMG organizou o I Concurso de Ilustrações da Revista Literária para participação dos alunos da Universidade Federal de Minas Gerais. O concurso teve a participação de 19 candidatas.

O primeiro lugar foi para Paula Régis Junqueira, aluna da Escola de Belas Artes e que ilustrou o poema "Eu, de Nome Lutero Reis", de autoria de Luiz Otávio Linhares Renault. O segundo lugar foi para Sandra Bianchi, também aluna da Escola de Belas Artes e que ilustrou o poema "O Rato", de autoria de Orlando Bianchini.

Além desses, a Comissão Julgadora — formada pelos professores Álvaro Brandão Apocalypse, Beatriz Ramos de Vasconcellos Coelho e Júlio Espíndola de Castro Neto — decidiu dar Menção Honrosa aos trabalhos apresentados por Isabel Cristina Passos, Alvina Maciel, Paula Régis Junqueira, Lilliane Izapovitz Romanelli, Verônica Bezerra Neves e Geraldo Roberto, todos alunos da Escola de Belas Artes, e a Sérgio Morais, aluno do Colégio Técnico da UFMG.



Endereço para correspondência:

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG

1º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Rua Carangola, 288

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

REVISTA LITERÁRIA

Eis o número 9 da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, contendo os contos e poemas premiados nos concursos e ainda outros trabalhos de estudantes e ex-alunos da Universidade Federal de Minas Gerais.

A Revista Literária continua sendo organizada pelo Serviço de Relações Universitárias, mas agora vinculada também ao Centro de Extensão da Faculdade de Letras, que a acolheu de braços abertos.

Como sempre, a RL vem recebendo apoio: dos estudantes, dos professores, da imprensa, do público interessado em literatura. E, como sempre, agradecemos nesta página a colaboração e o apoio recebidos: da diretora da Faculdade de Letras, prof^a Iria Maria Renault de Castro Silva; do diretor-executivo do Conselho de Pesquisa, prof. Hélio Martins de Araújo Costa, e dos membros do Conselho (que estudaram a RL e deram seu referendo para que ela continuasse a ser editada); do prof. José Eduardo da Fonseca e dos membros do Conselho de Extensão da UFMG (o Conex deu os prêmios do Concurso de Contos e de Poemas e do Concurso de Ilustrações).

Agradecemos também à prof^a. Beatriz Ramos de Vasconcellos Coelho, Coordenadora do Centro de Extensão da Escola de Belas Artes, pela organização do I Concurso de Ilustrações e pelo incentivo que deu à Revista. E agradecemos, por fim, aos alunos da UFMG que continuam prestigiando a RL, a única publicação brasileira voltada exclusivamente à produção literária do estudante.



ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

Estreita Estrada — <i>Luiz Fernando de Souza Emediato</i>	11
1616 Canavial — <i>Carlos Maurício de Andrade Júnior</i>	19
A Estação das Uvas — <i>Sandra Lyon</i>	33

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

O Aguadeiro — <i>Kenneth Alberuaz Barbosa</i>	39
Notas Para o Roteiro de Um Romance — <i>Daniilo Gomes</i>	45
Peixe-Alecrim, Peixe-Pecado — <i>Sandra Lyon</i>	52
Segredo — <i>Antônio de Pádua Barreto Carvalho</i>	57
Solidão Urbana — <i>Osias Ribeiro Neves</i>	61

CONCURSO DE POEMAS

Aria de América Por um Antigo Marinheiro — <i>Antônio de Pádua Barreto Carvalho</i>	69
Perplexidade — <i>Antônio Carlos Gomes da Costa</i>	71
Navigari Necessè — <i>Sônia Maria de Melo Queiroz</i>	72

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

O Gado — <i>Antônio de Pádua Barreto Carvalho</i>	77
Parávoia — <i>Antônio de Pádua Barreto Carvalho</i>	80
Eu, de Nome Lutero Reis — <i>Luiz Otávio Linhares Renault</i>	81
Os Sobreviventes — <i>Eugênio Gomez</i>	83
Por Estas Sucessões Testamentárias — <i>José Gomes da Costa</i>	84

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

A Louca de La Paz — <i>Mônica de Catella Noronha</i>	89
Quem — <i>Ana Cecília Carvalho</i>	90
Noturno — <i>Charles Magno Medeiros</i>	91

Jato — <i>Luiz Carlos Alves</i>	92
Poema — <i>Luiz Carlos Alves</i>	93
Poema — <i>Luiz Carlos Alves</i>	95
O Rato — <i>Orlando Bianchini</i>	96
Aquém — <i>Danilo dos Santos Pereira</i>	98
Profecia — <i>Eduardo Lopes</i>	99
Meu Senhor Dom Quixote — <i>Valéria Furtado Azevedo</i>	100
Poema Proposta — <i>Ronald Claver</i>	101

CONTOS

O Pássaro de Terno de Linho Branco — <i>Octávio R. Mendonça Neto</i>	111
Meu Caso de Lixo — <i>Hiran Firmino</i>	114
André — <i>Hugo de Almeida Souza</i>	122
Lição de Malamar — <i>Ana Maria de Almeida</i>	125
Antes que Esfrie — <i>Walden Carvalho</i>	129
Centauro — <i>Duílio Gomes</i>	133
As Visões de Dona Olga — <i>Plínio Carneiro</i>	138

ENSAIO

As Unidades Narrativas em <i>As Mulheres de Mantilha</i> — <i>Lauro Belchior Mendes</i>	151
---	-----

RESENHA

Estatística da Revista Literária.....	165
Relação dos Contos Recebidos.....	166
Relação dos Poemas Recebidos.....	171
Publicações Recebidas.....	183
Críticas.....	184

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

1º Lugar

ESTREITA ESTRADA *

ASTOR

Luiz Fernando de Souza Emediato

Curso de Comunicação Social da FAFICH

— 3º ano

E lhe disse o Senhor, teu Deus: Ide, e sede casto. E ele foi, porém antes que chegasse a Jersheba, apareceu-lhe na estrada uma mulher nua e clara. O que procuras?, perguntou. E a mulher, que tinha as faces douradas pelo vinho e um estranho par de asas saindo do dorso, respondeu: Eu te procuro. E ele foi então com ela, pois acreditou nela estar o verbo, a verdade, a vida.

I

- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- Amém. Quais são seus pecados, meu filho?
- Padre...
- Sim, meu filho? Não tenha medo. Deus é bondoso e perdoa, a seus miseráveis servos, os iníquos pecados.
- Padre, eu não sei...
- Não tenha receio, meu filho.
- Eu não...

* A Comissão Julgadora do Concurso de Contos decidiu premiar a obra enviada pelo estudante Luiz Fernando de Souza Emediato, da qual destacou o conto "Estreita Estrada" para publicação.

— Está bem, eu o ajudo, meu filho. Você tem praticado atos imorais?

— Sim, padre...

— Sozinho ou com outros meninos, meu filho?

— Sozinho e com outros pessoas, padre.

— Ah...

A infância. A infância distante quarenta e oito anos, a infância incrustada na memória com seus medos e terrores e delícias. As primas nuas banhando-se na lagoa, as coxas brancas com pequenos pelos, os mamilos duros de frio, as masturbações, o corpo quente, suado, o torpor, os arrepios e os remorsos. A mãe construindo em palestras noturnas, ao pé do fogão, visões terríveis de um inferno povoado por monstros e demônios de rabos de faca, espinhos e urtigas, legiões de seres fantásticos perseguindo-o nos sonhos que o despertavam para a escuridão. O silêncio. O medo.

— Com pessoas, meu filho? Do mesmo sexo ou de outro, meu filho? Não temas, Deus é grande e bondoso e a todos perdoa, por maiores que sejam, os seus pecados.

— Do meu sexo e de outro, padre...

— De outro, meu filho?

— Sim, padre. Meninas...

— Ah...

Lígia. Lígia dos sorrisos e dos abraços. Tranças, lembranças. O corpo quente, criança, o pubis sem pelos. A doce pele. As perninhas abertas e as coxas firmes, os seiozinhos querendo brotar: Lígia, Lígia, Lígia... Lígia perdida no tempo, Lígia evocada do passado nas noites tristes em que, sozinho no quarto, perdido em devaneios, emaranhava-se, o crucifixo es-

quecido na parede nua, em décadas e décadas de recordações, desejos frustrados, desejos sufocados durantes dias, meses e anos, dezenas de anos inúteis e gastos. Lígia.

- Com outros meninos também, meu filho?
- Também, padre...
- Ah...

Os pequenos amigos. Corridas pelo mato, índio e bandido, lutas, os corpos juntos, o rio. Os corpos nus singrando as águas como navios vivos, os corpos nus dourando ao sol, as pequenas nádegas que o atraíam. “Meu filho, previna-te contra as tentações do demônio, ampla e confortável é a estrada que leva ao reino de Deus, e triste, e estreita, cheia de espinhos a estrada que conduz à vida eterna”.

— Meu filho, você não pode continuar fazendo estas coisas. Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, criou o homem à sua imagem e semelhança para que um dia lhe faça companhia no céu. Você não pode, meu filho, continuar praticando estes atos imorais. Sei que a tentação do demônio é forte, é quase irresistível. Mas você deve lutar contra Satanás. É isto que Deus espera de você: que lute, que reprima seus maus desejos.

— Padre, eu não consigo...

— Consegue, meu filho. À noite, durma com as mãos fora das cobertas. Faça isto, meu filho. E reze. Reze e converse com Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele te ouvirá e te consolará nas noites de insônia. Cristo resistiu quarenta dias e quarenta noites no deserto, com fome e com sede. Você não é capaz de resistir a uma só noite, no conforto de uma cama quente?

— Padre, é...

— A oração tudo alcança, meu filho. Isto é pecado, Jesus não quer, é crime contra a natureza. É impuro.

— Sim, padre.

— Agora vá, meu filho, vá. Reze cem ave-marias, vinte padre-nossos mais trinta vezes o ato de contrição. Você sabe o ato de contrição?

— Sei, padre.

— Muito bem, meu filho. Todos devemos saber como pedir perdão a Deus.

— Sim, padre.

— E agora, meu filho, vá com Deus. Deus é contigo, meu filho.

O pai. O chicote. As costas ardendo, as mãos inchadas pelos golpes de palmatória. Para nunca mais você pegar neste lugar, para nunca mais você usar esta mão para o pecado, para nunca mais você usar esta mão para praticar um crime contra as leis de Deus. Para nunca mais, nunca, nunca mais você usar esta mão para o pecado, para o pecado, o pecado, o pecado. O pecado de amar os gestos de Lígia, o pecado de usar a mão nele próprio, em Lígia, a curiosa e trêmula mão descobrindo e explorando novos caminhos no branco corpo de Lígia. O pai. Os olhos do pai arregalados e vermelhos surpreendendo-os arfantes e belos na descoberta de um mundo de delícias e prazeres. Os olhos repreensivos e raivosos do pai queimando como o fogo do inferno a sua mão, o seu pequeno pênis inexperiente e tímido. Os olhos do pai profanando a nudez infantil e envergonhada de Lígia, os olhos do pai: nunca mais, nunca mais, nunca, nunca, nunca mais.

— Padre, eu pequei.

— Sim, minha filha? Deus perdoa. Deus perdoa nossos iníquos pecados, sejam quais forem. Quais são seus pecados, minha filha?



As noites passadas em claro, o pênis endurecido sob as cobertas. As mulheres da cidade dançando desesperadas e convulsivas dentro dos sonhos sonhados de olhos abertos. O demônio; o inferno e o pecado entre ele e as mulheres dos sonhos, o fogo, os espinhos. A vida eternamente condenada, a se decompor nas chamas até o final dos séculos.

— Deus é grande, minha filha.

A derrota. As mãos ágeis e nervosas, o prazer oculto e depois o remorso, o medo, a frustração. A tempestade sobre o teto, os raios e os trovões. O clarão na vidraça, o coração disparado no peito oprimido. Salvai-me, senhor, do fogo do inferno. Salvai-me, senhor.

— Reze, minha filha. Reze. Cristo te quer pura e incorrupta para aquele que será o seu esposo e o pai de seus filhos.

Dançava. Os corpos juntos, pregados. As palavras saídas a custo do fundo da garganta, as fugas para os jardins ocultos. Os corpos esfregados sem amor e com fúria. O desesperado procurar de bocas e partes de corpos. A exaustão final. Uma procura que resultou em nada. O banho que não purificou as manchas. A missa de domingo e o juramento: "nunca mais, Senhor, praticarei tais atos". A inexorável e irresistível repetição dos atos.

II

Inquieto, observa-a se afastando, o corpinho gracioso, as nádegas movendo-se dentro das calças compridas. A imagem através do pequeno quadrado de tela do confessionário. Angustiado, baixa a cabeça que dói, aperta as têmporas com as pon-

tas dos dedos de unhas tristemente sujas. Suspira, deixa que a cabeça tombe sobre a tábua onde repousam os braços durante as confissões.

Senhor, não permitais... Não permitais que eu caia em tentação.

Joga o retrato no fundo da gaveta, como se contornada pela moldura olhe para ele com olhos distantes não uma mulher, mas um demônio de olhos vermelhos e fatais, no fundo das pupilas a promessa de maldições e torturas num inferno fantástico. *Por quanto tempo, Senhor, terei de suportar este tormento?*

Deita-se, manuseia o rosário sem conseguir rezar, abre o pequeno missal sem conseguir ler as minúsculas palavras que flutuam à frente de seus olhos. Demora a adormecer. Sonha com crianças, casas no campo, animais, criações de coelhos, árvores, uma planície vasta por onde corre livre e nu, o vento acariciando o corpo, a desejada paz invadindo-o. De madrugada tem pesadelos, desperta suado, um grito agarrado no peito. Um touro negro o perseguia seguido por uma procissão de mulheres histéricas e nuas. Todas as madrugadas um touro negro o perseguia acompanhado por uma procissão de mulheres histéricas e nuas.

Não permitais, Senhor, que eu sucumba à tentação. Dai-me forças, Senhor, dai-me forças para que eu suporte este martírio.

Adormece. Um sulco profundo rasgando a testa.

Desperta, os olhos fincados no teto. Sem se levantar, procura inutilmente imagens de um tempo em que teria sido possível outra escolha. Levanta-se, lava o rosto na pia do quarto, veste a batina. Em jejum, cruza o corredor que conduz à capela, o pequeno crucifixo ferindo os dedos rigidamente apertados contra ele. *A vida inteira eu me preparei para uma*

festa que não acontecerá jamais, a vida inteira eu me preparei para o inútil, para o vazio, para o nada. A vida inteira eu me preparei para a morte.

Os dedos separando as hóstias pregadas uma às outras, conduzindo depois a branca pastilha até os lábios dos fiéis, os lábios e as línguas estendidos humildes e submissos. Enfiando as hóstias, automaticamente, pela boca adentro dos fiéis, relembra a imagem que, de manhã, o espelho do quarto cruelmente devolveu. Os cabelos brancos e ralos, olheiras profundas. Os gastos olhos empapuçados. Os braços fracos, a pele flácida, o peito estreito com pequenos pelos esparsos. O ventre proeminente, ridículo. *Estou gasto, nada mais me resta.* O último fiel recebe a hóstia e se assusta com a força do gesto que a introduziu em sua boca.

1616 CANAVIAL

LINUS

Carlos Maurício de Andrade Júnior

Faculdade de Letras — 1º ano

(Ave Maria, cheia em desgraça...)

Negra do catre; é o que eu digo como seu senhor. Mas você não vai enfeitiçar o meu menino não. Meu filho é meu e só eu é que tenho esse guri gozado. Você mantenha-se longe desse deusinho branco, e vou dar pra ele um açoite e ensinar ele direitinho como se açoita um negro, uma negra, e ele vai se tornar uma coisa para ser temida e nunca para ser enfeitiçada, como um boneco desses que você faz e queima. Negra do catre, suas unhas são negras de verdade e já arranharam muito a porta da minha paciência. Negra do catre, égua. São feitas para trabalhar e para meu uso quando assim o quero. Sua merda de negra, para com esse olho de lama que chama e chama e chama, até que eu não posso mais. Quando fica agachada num canto da cozinha como um bicho, eu digo; mas que é bonito, eu sinto; então vem me servir na cama; e esse olho que chama, chama e chama a tudo que anda, a tudo que é macho; debaixo da sua roupa arde tudo como uma brasa negra e me queima, queima. Teima comigo, negra; teima que eu te mostro o lado esquerdo do meu rosto que tem um rastro da mão de Deus e faz tremer todo o povo negro. Teima, negra, e se arrasta pro meu lado; arrasta essa coxa lisa pro meu lado, essa perna preta que freme igual a uma égua solta no mato; e fique quieta que eu estou calado, que eu

posso morder essa coxa preta até meu dente arranhar o seu fêmur branco de égua. E fica acendendo, negra, essa chama na minha barriga, fica. Meu menino fica andando no terreiro e te olha, e fica te olhando. Fica te olhando no meio da cana quando sua anca mexe carregando a cana quando você anda. Não vou surrar menino por causa de uma negra; não vou surrar o meu menino por causa de uma negra de cio. Aqui não faz frio e está sempre quente e você gosta, negra, igual na sua terra maldita. Negra, você não tem medo? Não fica aflita com esse menino te olhando o tempo inteiro não? Por que não pede pra ele te matar agora, vai beijar o cabo da foice que ele botou a mão. Vai chorar e maldizer a sua mãe porque você queria ser branca pra poder ficar perto dele. Sua mãe te contou que era princesa na terra dela e aqui nunca faz frio como faz na terra de minha mãe, e você gosta. Princesa de preto, ha, ha; sua negra princesa de preto. Levo você pra cama, princesa, e você nunca viu cama mais rica, princesa. Já viu que essa cana é de vara, negra. Minha cana, minha vara negra. Você pega nessa cana, você morde nessa cana, minha vara, negra. Tem dinheiro nessa cana, ouro, essa cana.. Hoje eu quero, negra; de noite; preta; a noite é uma negra mãe das negras. Deixe meu filho, negra.. hoje eu quero. Oh, por favor, esqueça meu filho hoje à noite, esqueça. Duas negras hoje à noite; a noite é uma negra e você a outra negra. Meu filho não é homem; essa cana.. essa cana tem o seu cheiro, negra; tem meu dinheiro e aí está você chamando. Hoje eu quero hoje à noite, negra.

(o Senhor é convosco e maldita..)

Amanhã é meu aniversário que eu vou fazer treze anos. Ela fica me olhando que meu pai não sabe porque eu não vou contar. Eu estava sentado debaixo do monjolo e ela encostou a perna dela no meu ombro que ela estava passando do meu lado carregando a cana. Eu acho que tinha mais lugar pra ela ir, mas ela passou do meu lado e encostou a perna no meu ombro. É macia, mas também é dura. Ela não é gorda como

aquela outra mulher, mas quando eu vi de perto é grossa; mas ela não é gorda igual aquela outra e é lisa igual a seda preta que meu pai usa no braço, que minha mãe morreu; e brilha igual. Amanhã que eu vou fazer treze anos e ela falou que treze anos é azar mas que na terra dela é que é sorte. Ela falou que com treze anos os pretinhos na terra dela já aprende. Ontem que eu matei duas pacas que apareceram no terreiro do fundo com a pederneira do pai. Mas tive que bater nelas com pedra que elas não queriam morrer e meu pai ficou olhando da varanda. O pai ficou rindo e me falou assim é que se faz e depois ele disse alto pros empregados que o filho dele era igual ele e que ia ser um homem igual ele e que todos tomassem cuidado com o filho dele. Ela, depois, ficou me olhando e o olho dela fica cerrado como se fosse por causa do sol, e fica brilhando sempre e ela ficou sorrindo e o dente dela fica muito branco e brilhando sempre e ela me disse que eu era mesmo mau igual o meu pai. Ela disse que eu não prestava igual o meu pai e ficou rindo. Mas meu pai disse que é assim é que se faz. Amanhã que é meu aniversário e ela disse que os pretinhos da terra dela caçam é onça. Ela encostou a perna dela no meu ombro e tem um cheiro diferente que nem sabia se eu ficava ou levantava e ia embora. Mas eu não levantei e fiquei porque o cheiro dela é diferente que eu não consegui pensar nada. Depois ela saiu andando e amanhã é que eu faço treze anos e ela falou que os pretinhos já aprende com treze anos. Meu pai não gosta de preto mas eu queria saber o que eles aprendem com treze anos.

(..sois vós..)

Aquele cretino do holandês veio a negócios e eu estou farto de ser gentil com essa gente, protestantes do diabo. Veio com roupas da corte e ares da corte, mas o que não passa pela cabeça dessa gente é que essa terra eu conquistei e lavrei com meu sangue. O mal é o ouro que eles têm e que eu preciso; o mal é que eu tenho que trabalhar feito um negro para

consegui-lo. Odeio essa gente porque me fazem sentir como se eu fosse um estúpido negro escravo deles. Ainda mais que logo que entrou foi botando seus olhos ricos pra cima dela. Essa negra precisa aprender a me respeitar. Eu podia matá-lo agora e dizer que foi um negro; mas não vou dar esse prazer a ele não; vou mostrar pra ele que ele não está lidando comigo como se eu fosse um negro imbecil. E essa negra, parece que veio ver seu trabalho dentro de casa justo na hora que o holandês chegou. Ela passa perto de nós e eu posso até sentir seu cheiro; passe aqui de novo, negra, e mostre pro holandês quem eu sou. Negra, eu queria te matar todos os dias, mas se eu fizesse isso era só uma vez e nunca mais, por isso não faço. Olhe, negra, eu sei que você sabe, hoje à noite, negra, eu vou te matar um pouco. Você pode me arranhar com suas unhas e me morder com seus dentes de égua e até tirar um pouco do meu sangue, mas eu vou te matar um pouco hoje, negra. Negra, por favor, deixe do meu filho. Esqueça dele essa noite. Eu sei que você pensa nele e ele sabe e você se abre como uma noite estranha na frente dos olhos dele. Por favor, negra, eu vou te matar um pouco de noite; hoje eu quero, por favor, negra, hoje à noite eu quero te matar um pouco.

(... entre as mulheres...)

Menino fica olhando, olhando. Olhando eu com olho mais esquisito. Menino bonito, mas é bobo. Hoje é noite do pai dele. Vi do jeito dele olhar minhas coisa igual o cão. Quer me matar de medo. Quanta coisa ruim no mundo. Ele que tá morrendo sem saber. Vidro moído que eu consigo na senzala com a Velha, em troca de eu ficar com o filho dela três noites em sete dias. Conforme diz é três vez sete vez na comida dele e benzer, que nem três vez sete dias pro menino ficar sem pai nem mãe, que a mãe dele já foi tem sete anos. Menino bonito mas é bobo; fica olhando a nêga que nem o pai dele, mas é bobo. Quanta coisa ruim no mundo. Mãe morreu debaixo do cavalo dele quando foi abrir a porteira e ele nem

que esperou ela sair de debaixo do cavalo dele e ele que foi embora que nem olhou pra trás. Quanta coisa de ruim no mundo; mas minhas coisa é boa que o menino nem fala nada e só fica olhando, olhando. Eu que cheguei perto dele e ele nem que pega nem nada. Eu um dia quero esse menino; mas tanta coisa de ruim que bem que Mãe dizia que coisa ruim é ruim de nascença. Hoje é noite do pai dele, que eu sei. Ele pensa que vai me matar, ô gente mais boba de ruim, ele que pensa que vai me matar mas não vale nada sem a nêga. Que nêga é mais bonita que todas as dona; que sem eu ele fica que nem o menino, bobo, bobo. Gente ruim é que precisa de gente a quem fazer mal. Quando eu fazer o que deve de fazer, depois também vou querer morrer pra encontrar Mãe e viver de junto dela que nem antes. Mas hoje é noite dele que eu sei que é, e que eu vou aprontar de ficar tão linda que ele fica que nem doido pra cima de mim. Ele que tá morrendo e não sabe; a barriga dele já tá dura e a unha ficando roxa que ele nem sabe que já tá saindo sangue quando ele vai no mato de manhã cedo. Ele que tem medo de me matar não sabe que tá botando sangue que fica cheio de mosquito quando ele sai. Hoje, antes que vem a noite vou ver o menino, que ele vai pescar no rio e vou ver o que ele faz com a nêga mais bonita que ele já viu. Vai ficar que nem bobo, olhando, olhando; e eu que gosto do jeito que ele olha e fica parado e nem fala nada, nem faz nada, de dengo. Ô menino que é dengoso que nem uma moça.. ô menino que é bobo de um jeito diferente que o pai dele é bobo.. Vem cá, menino, pra eu te mostrar uma coisa lá na capoeira... vem juntar cana comigo que eu te mostro que essa cana é doce que nem se fosse... se fosse... ô menino, se fosse... se num fosse... vem cá que nêga vai te levar lá na macega... vem cá que nêga vai te ensinar fazer manteiga...

(..maldito é o fruto..)

Agora eu não sei se o pai está bravo ou doente, que ele saiu correndo e pegou uma panela na cozinha pra cuspir

dentro. Às vezes, quando ele fica bravo, ele se engasga; mas não tinha razão hoje, então é porque está doente. Ouvi ele ficar resmungando: que diabo, que hoje de noite ele tinha que ficar bom, que ficar bom, que ficar bom, bom.

(..de vosso catre..)

Louvado que seja o céu, que ele já tá morrendo. Hoje a Velha tava na varanda pra fazer descascar o milho e viu ele correndo pra cozinha que é pra pegar de uma panela que é pra cuspir sangue de dentro, dentro.

(..de vossa dor..)

Hoje aconteceu uma coisa esquisita. Eu estava na beira do rio pra pescar e eu sei que eu nunca vi que o rio fosse tão bonito desse jeito. Tinha passarinhos cantando na árvore e eu sei que nunca esqueci de jogar pedra neles, porque eu quase sempre acerto neles; mas hoje eu não quis fazer isso porque eu fiquei, de repente, me lembrando de minha mãe e ela não gostava dessas coisas que eu fazia e que meu pai gostava. Mas hoje eu fiquei lembrando de minha mãe, que eu lembro muito pouco dela que eu era muito pequeno quando ela morreu. Então eu lembrei que eu gostava dela e eu pensei que era um jeito muito diferente do jeito que eu gosto do meu pai. Aí que veio uma coisa esquisita que eu quase chorei: eu pensei de repente que eu não gosto do meu pai do jeito que eu gostava da mãe. Eu pensei que eu não gosto do meu pai de jeito nenhum. Aí foi tão esquisito que eu quase chorei sem sentir e quase que o caniço vai embora pra dentro do rio. Eu sei que eu nunca vi que o rio fosse tão bonito e eu pensei que amanhã é que é o meu aniversário, mas eu não fiquei alegre com isso. Amanhã é que faço treze anos, mas agora eu estou com medo, que esse dia vai ser diferente de todos os outros dias que eu tive, por causa do que eu pensei na beira do rio. Aí eu pensei nela, que ela me disse que treze anos é azar, mas na terra dela é que é

sorte. Aí eu vi que pensei nela de um jeito diferente também; ela ficou mais longe e parada, quase triste, dentro da minha cabeça. Então eu fiquei com medo de tudo o que eu pensava porque eu fiquei vendo tudo diferente do que eu sempre vi, dentro da minha cabeça. Aí aconteceu outra coisa esquisita que eu nunca fiz: quando o peixe fisgou eu não estava mais com vontade nenhuma de fisgar nenhum peixe e até fiquei com raiva de ter pescado um. Então eu puxei a linha pra soltar o peixe com a mão, porque ele não sabe se soltar sozinho. O peixe ficou pulando e eu não queria que ele se ferisse muito e tentei tirar o anzol, com a mão dentro da água. Aí, de repente, eu vi que ela vinha vindo na direção da margem, por trás de mim, mas eu estava tão nervoso com tudo que nem reparei direito. Ela chegou até na margem e fingiu que ia se lavar; me olhou com aquele olho que ela tem e ficou sorrindo. Mas aí ela viu o que eu estava tentando fazer e viu que eu estava mesmo querendo soltar o peixe sem machucar ele. Aí ela parou de sorrir, que ela viu que eu consegui soltar o peixe. Eu devia estar quase chorando porque eu estava vendo as coisas embaciadas. Aí eu olhei para ela, que estava do meu lado, perto de mim, e aí eu vi que a partir daquela hora eu sempre ia ver as coisas diferentes do que eu tinha visto. Ela estava do jeito que eu tinha pensado nela: estava perto, mas estava longe; quase parada, não ria mais, quase triste. Parecia que era outra pessoa e eu fiquei assustado que era outra pessoa que ela era, e acho que comecei a chorar sem sentir. Aí ela não tinha falado nada e foi embora na mesma hora, sem olhar para trás, com aquele jeito de andar que tinha virado outro jeito de andar porque eu estava vendo as coisas diferente. Então hoje é a véspera do meu aniversário, mas eu não estou me sentindo alegre nem triste, só esquisito, de um jeito diferente que eu nunca tive, desse dia que eu vejo tudo diferente. Então hoje é a véspera do meu aniversário, mas eu não estou me sentindo alegre nem triste, só um pouco assustado porque eu não gosto do meu pai de jeito nenhum.

(..de vosso ventre..)

Negra do catre, é o que eu digo; você espera que eu te mate essa noite, negra? Vou espremer o suco de seu povo em cima de minha cama e você pode gritar, chorar, espernear como uma égua; até que nada mais reste de nós dois, que ficaremos emborcados, de bruços, que restaremos como duas carcaças que o ódio roeu todo o interior numa só noite. Veja bem, negra, o que eu digo; eu disse nós dois, nós dois, nós dois, ouve? Eu disse nós dois porque eu não posso mais guardar o cavalo doido dentro de mim só para mim. Talvez eu tenha que morrer ao dizer que tenho paixão pela sua pele preta que brilha como espelhos refletindo estrelas e sua como o sangue de Cristo. Só hoje me dei conta de que estou doente e que posso morrer; hoje eu cuspi sangue e por isso sua noite terá sangue. Égua noite dessa noite negra, eu posso morrer e por isso minha paixão também é negra e você também pode morrer.

(..devassador Jesus..)

Agora eu tive que entrar na casa de jeito que ninguém vê que é pra poder ficar esperando ele no quarto dele. Hoje é noite dele, agora é hora dele. Hoje é dia que ele ficou sabendo que vai morrer. Que agora falta sete vez pra botar na comida, uma vez em cada dia; sete vez, sete dia. Ele que não sabe que o filho dele, que era que nem ele, não é mais; que eu vi que foi milagre até que na hora eu me benzi; que o menino tava chorando de vera pra soltar o peixe, que ele nunca que fez disso antes que eu sei. Agora eu sei que hoje teve foi um sinal pra mim que é pra mim não parar, que agora ele vai morrer sozinho, que a alma do filho dele tá salva e que o filho dele não é mais filho dele. Agora eu sei que hoje teve foi um sinal pra mim e pro menino, na hora que mãe me guiou pra beira do rio pra dar seu sinal pra mim. Agora eu sei que ele vai morrer mais sozinho que o cão. Agora é que ele sabe que vai morrer mais sozinho que o cão. Agora eu até que tenho um

pouco de medo que ele quer que eu sofra, mas que eu sou é mais bonita que qualquer dama que ele nem se aguenta. Ele que nunca teve mulher que é igual eu, ele que devia é agradecer a providência de morrer só depois que conheceu a nêga. Ele que devia agradecer que vai morrer pela minha mão. Deus que perdoe a minha alma, que eu nunca que fiz mal de vera; que pra matar ele a nêga tem que suar todo o seu sangue, que matar ele é sina que a nêga carregava até antes de nascer, e que a mãe de nêga botou a nêga no mundo que é só pra seguir essa sina, que tá em todo sangue da nêga igual a uma cobra que não deixa a nêga dormir, que é pra matar esse homem e depois a nêga também morrer. Agora é ele que entra e que vem. O trote das botas dele dá pra ouvir na casa toda que eu sinto o pouco de medo que ele quer pra eu sentir. Mas eu sou mais bonita que qualquer dama que ele viu, que ele entra no quarto e só olha pra nêga e passa a chave nessa porta de pau preto que nem eu.

(..Santa Maria..)

Agora você está aqui, negra; nós dois estamos, nós dois, nós dois, nós dois; ouve isso? Sei que você está aí, debaixo dessa pele preta, dentro dessa boca grande, no centro desses olhos brilhantes de princesa decaída; sei que você é minha morte que se oculta de mim, mas eu vou espremer você toda para fora porque eu tenho medo, mas, que ao mesmo tempo, é a única coisa que me importa agora. Esqueça do meu filho, égua negra; porque eu não me importo dele e não é você que vai se importar com ele. Olhe essa mão, ela já castigou negros, seu povo, princesa. Se arraste, negra, mostre para mim essa perna macia de égua livre, esse dorso preto que tem sangue mais vermelho que chibata alguma pode ver. Esquece meu filho, minha negra, e concentre-se em mim, em mim, minha princesa, em mim, égua negra, em mim..

(..mãe..)

Agora eu só falto morrer; mas não vou morrer de primeiro que ele que isso tá no meu sangue, minha mãe; que isso é que é mesmo o meu sangue, minha mãe; minha sina, minha mãe.

(..dos seus..)

Agora eu estou quase gritando o seu nome, negra; estou quase gritando, negra; e um bando de negros não poderia me fazer parar; mesmo um bando de negros malditos não poderia me fazer parar agora, negra; ninguém poderia, ninguém poderia me fazer parar.

(..rogai por nós..)

O pai já disse mais de uma vez que negros ele odeia. O pai já disse isso mais de uma vez, já gritou isso mais de uma vez, quando ele já chibatou uns negros que ele diz que fizeram mal a Deus. Sei que os negros também odeiam o meu pai e ficam com medo dele, só que meu pai não tem medo. Ele só odeia os negros, mas não tem medo deles, e os negros têm medo do meu pai. Bem, mas isso era o que sempre achei, o que sempre pensei que era, o que tinha. Assim como tudo na minha vida já parecia que era uma coisa só, e que eu até cheguei a pensar que eu era mesmo igual a meu pai, que quando eu crescesse era bom que eu fosse igual; e eu nunca que duvidei de nada, nunca que duvidei de mim e de minha vida, que era igual sempre; nunca que duvidei do meu pai e do que ele falava pra mim, de mim, dos negros, de Deus, dos outros. Mas agora eu lembro que se eu nunca duvidei eu nunca pensei um instante, uma hora, nem nada, no que ele fala. Nunca pensei que eu ia ficar igual hoje, pensando e chorando pra cada coisa que ele fala; isso tudo desde hoje de manhã que isso começou na minha cabeça até que apareceu na minha cabeça, de tarde, na beira do rio. Oh, minha mãe, que tudo isso fica me assustando porque agora quando olho pro odiador de negros, pro meu pai odiador de negros, eu só vejo o homem mais com medo que todos os

negros juntos. Agora, que eu vejo tudo diferente, desde hoje de tarde, na beira do rio. Que antes eu não pensava em nada do que ele fala, mas que agora eu fico pensando e chorando pra cada coisa que ele fala; que ele fala que odeia os negros, mas ele que está morrendo do medo que ele sente. Que ele fala que odeia os negros, mas que agora está dentro do quarto com ela, ela que me viu na beira do rio quando eu ganhei o presente de aniversário de minha mãe, que é isso de eu ficando tudo de um jeito diferente. Minha mãe já morreu tem muito tempo mas eu fiquei pensando nela na beira do rio e foi por causa dela que eu vejo as coisas diferente, agora. Amanhã é que eu faço treze anos e foi isso que minha mãe me deu de presente; agora ela, que está no quarto com meu pai, disse que treze anos é azar, mas que na terra dela é que é sorte; disse que os pretinho já aprende; meu pai odeia os negros, mas eu fiz igual um neguinho: eu aprendi a ver as coisas de um jeito diferente, antes de ter treze anos. Ela disse que é sorte na terra dela mas aqui é azar. Deve ser, porque na terra deles eles não são escravos e aqui é que eles são. Mas foi minha mãe que me fez ver as coisas igual um negro vê, e eu vi que meu pai é que tem medo; eu vi que eu era igual, mas agora é que não sou mais. Agora ela está dentro do quarto do meu pai e eu penso nela daquele jeito parado, quase triste que eu vejo ela agora e que eu sei que é o jeito que ela é; e ela está dentro do quarto com meu pai que pode bater nela mas ele é que está com medo; e quando eu penso no meu pai eu fico um pouco assustado porque eu não gosto dele de jeito nenhum. Amanhã é meu aniversário que eu vou fazer treze anos e eu aprendi também, igual um pretinho, igual ela disse, a ver as coisas diferentes igual minha mãe me ensinou depois de morta. Aprendi a ver as coisas diferentes igual um pretinho e eu vi que não gosto do meu pai, que não gosto do meu pai, do meu pai; que eu não gosto dele de jeito nenhum, nunca mais, nunca mais...

(..chorai por nós..)

Negra, eu estou determinado a te matar, negra; você está determinada a não morrer, negra. Amanhã eu mesmo vou providenciar para que eles sumam com você, para sempre, negra, para sempre. Eu sinto que estou doente, por isso você vai morrer amanhã e eu poderei ficar em paz; ordenarei a sua morte quando chegar a manhã. Você não vai chegar a sair desse quarto, negra, por isso goze bastante desse quarto que é seu último lugar entre os vivos. Você geme, negra; então gema bastante porque é a última vez. Você ainda pensa no meu filho, eu sei que você pensa nele; então pense bastante nele, negra. Amanhã é o aniversário dele e você, por Deus que estará morta; por Cristo que você estará morta. Você me arranha, negra, então arranhe com toda sua força por que é a última vez; amanhã, por Cristo, você estará morta, por Cristo que você estará morta.

(..os perdedores..)

Branco, branco. Barriga que já tá dura que nem pedra. Branco que nem me mete mais medo, agora. Me botou pra sofrer agora porque já sabe que está doente. Que nem de dois dia que ele escapa. Branco, faz de vez, branco, que você vai morrer de dois dias; que era sete dias mas que agora é dois, que é porque você come que nem um porco novo e comeu vidro que não chega. E agora eu sei que você vai em dois dias; três, se demorar. Cão de branco que me aperta que nem o cão, que eu choro; que dói que meu olho chora mas minha boca ri, que eu vou ter com minha mãe é de breve. Morreu debaixo do seu cavalo mas eu vou ter com ela é de breve, e pro lugar que você vai, meu branco, é o lugar que você saiu e não devia de ter saído. Que seu filho, meu branco, já não é seu filho de vera, que o lugar que você vai ele nunca que vai. Que eu vou ter com minha mãe é de breve, que você nunca que vai poder fazer mais nada com a gente, que eu vou ver minha mãe é de breve, que eu vou ter com minha mãe é de breve, de breve.

(..agora e na hora..)

Agora eu não sei mais. Agora que eu sei umas coisas é que eu não sei mais. Eu vejo que de noite é um silêncio só, que sempre foi assim mas eu nunca tinha visto que era. Agora eu vejo que de noite é tudo vazio, vazio e negro, e calmo. Muitas estrelas que tem. Amanhã é o segundo dia que eu vejo as coisas diferente. Agora eu só sei que tudo vai mudar, pra mim, pra tudo. Amanhã é o dia primeiro que eu não gosto do meu pai de jeito nenhum. Amanhã que é o meu aniversário é que todas as coisas vão começar ficando diferente. Amanhã não é azar, nem é sorte; amanhã é o dia que vai começar outro tempo; pra mim que vai começar outro tempo, pra quem quiser. Amanhã que eu não gosto de meu pai de jeito nenhum eu estou solto dele e de tudo o que ele pensa, igual um negro está. Eu não sou escravo nem sou um negro e nem o negro é escravo porque ele vê as coisas de um jeito diferente, igual eu aprendi a ver. Não é azar nem é sorte, é um jeito diferente pra gente viver. É um jeito que não serve pro meu pai, que ele tem medo.

(..de nossa morte..)

Ah..áh..áááááh..aaaaah..aaaaaaaaáááááahhh....

(..também..)

A noite é negra e eu sei pensar igual um negro; um negro sabe pensar igual de noite.. cheio de estrelas que brilham igual a pele deles. Agora que eu sei pensar igual um negro é que eu não gosto mais do meu pai. Amanhã é um dia em que tudo vai começar de um jeito diferente de antes e eu não estou mais assustado nem com medo de mais nada, que amanhã é um dia diferente pra mim que sou diferente igual um negro..adeus pro meu pai para sempre porque eu sou diferente agora e amanhã é um dia que começa um tempo que vai ser diferente, diferente. Tudo vai ser de novo, tudo começa diferente amanhã, amanhã começa o novo. Amanhã, de manhã, amanhã, amanhã.

(Ave Maria, cheia em desgraça
o senhor é convosco e maldita
sois vós
entre as mulheres
maldito é o fruto
de vosso catre
de vossa dor
de vosso ventre
devassador Jesus
Santa Maria
mãe
dos seus
rogai por nós
chorai por nós
os perdedores
agora & na hora
de nossa morte
também.)

A ESTAÇÃO DAS UVAS

MARISA

Sandra Lyon

Faculdade de Medicina — 4º ano

A moça apanhou o cesto e caminhou de pés descalços pela trilha atapetada de folhas. Chegou, no entanto, um pouco tarde à parreira, onde as uvas já haviam sido chupadas pelo sol. E ele ia alto, deitado no céu, entregue à sesta.

De volta, a moça pensava nesses estranhos caprichos enquanto falava à mulher de ventre inchado que essa não era uma estação propícia às uvas. A mulher fez cara enfezada, ameaçou um choro fácil, sempre submissa às vontades daquele parasita que palpitava em suas entranhas. Sujeita às suas fúrias, aos enjoos, náuseas ou vômitos.

O homem, segurando com a mão o serrote, jogou longe o toco de cedro que logo se acomodou no chão. Se não é tempo de uva, paciência. O suor escorrendo no rosto como fios lustrosos, ele voltou a tratar a madeira bruta numa fúria cega, decidida. Pensou uma vez, pensou duas vezes, já resignado a ir à cidade mesmo sabendo que não encontraria aquele fruto tão fora da estação chuvosa. Voltaria, no entanto, aliviado da culpa de negar a seiva para crescimento e floração do ser que ele semeara no ventre da mulher, outrora pequeno e tenro. E que ele regara por tantas noites, pensando sempre que não vingaria uma semente daquelas na época do estio.

Construía, agora, ali uma estufa para secar o alho, já trançado em réstias. No terreno perto da casa, ele trabalhou

a terra dura com enxada, picareta e pás. Fincou os esteios que se acomodaram nos buracos de olhos vidrados encarando o céu tão limpo de nuvens brancas. Esses cepos vieram da mata à força de braços, o tronco lavrado e arrastado até o carro de bois. Então, o homem experimentou a fortaleza dos esteios e riu divertido ao pressentir que o vento pulsava à distância.

Dentro da casa a mulher enrosca-se em afazeres domésticos consumindo os seus dias cheios de tédio numa rotina desapiedada. Na cozinha ela preparou o fermento, esperando com resignação que crescesse, inchasse como os cogumelos crescem, como o seu ventre estufava dia após dia. Num andar gíngado trouxe da despensa a farinha que despejou na gamela, misturou o fermento, leite, ovos. O sal acentua o sabor dos ingredientes, ela pensa em voz alta. E amassa tudo de maneira obstinada, dá formato aos pães. Assim comanda a disposição deles no tabuleiro de flandres levado ao forno. Os pães saem de lá com uma cor dourada, e, quando o homem mastiga os pedaços aos arrancos, parecem mesmo ter preservado a calidez do forno em que foram torrados.

Depois de errar uma hora do quarto à cozinha, o homem olha com certo constrangimento a mulher dilacerada em dor. O alívio não tardará, pensa. Os animais se acasalam, nascem os bezerras, peixes, cães, perdizes e gatos numa mansidão e naturalidade de se espantar, num leve estremecimento de flor na ânsia de se abrir. A parteira não denota surpresa, tem o olhar e gestos lentos demais, a sua face é enrugada e murcha como fruta madura em demasia. Assim prepara ervas, chás e rezas, aguarda a hora.

As paredes da estufa sobem dentro dos esteios, brotam da terra. Os adobes são empilhados num desenho repetido, ajustados com o barro amassado junto ao ribeirão. A cumeeira é assentada, depois o homem atrela os caibros entre uma cisma e outra. Sentado nas vigas, mais tarde ele cobrirá a estufa com as telhas empilhadas, catalogadas com o gosto do lodo, terra e polidas por várias gerações de chuvas.

Será que ainda demora muito?, pergunta o homem enquanto uma telha escapa-lhe das mãos, espatifando-se no chão num baque surdo. As dores se prolongavam há horas, aquelas vidas querendo se separar uma da outra. O baixo-ventre é como tumor prestes a supurar-se, de repente, sem ser lancetado: aflora à superfície a carne rósea, gomenta daquele fruto maduro que se desprende do talo. Perdido tanto tempo no labirinto, um poço escuro, a claridade é um choque, e o homem escuta, entre o alívio e o susto, o choro alto, com a força de um grito.

Aliviada e menos feroz, a mulher agasalha a nova vida. Assim, o homem entra no quarto na ponta dos pés, acerca-se da cama, debruça-se para examinar os traços do filho. Depois apaga o candeeiro, escutando o bater da cancela, o murmúrio de vozes que se afastam. Então, ele sente no rosto a aspereza da barba crescida e vela, ali, com olhar enternecido o sono acumulado da mulher e filho, retemperando as forças perdidas.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

0011 000

111

111 111

.....
.....
.....
.....
.....

O AGUADEIRO

JUAN SILVESTRE

Kenneth Albernaz Barbosa

Curso de Comunicação Social da FAFICH

2º ano

Peste de sol! Que necessidade tinha essa quentura toda? Isto é pura semostração...

O sol lá no alto, levando a sério sua qualidade de estrela de quinta grandeza, nem ligava para a ofensa do caboclo cá embaixo. Também, quem vai ligar para rabugem de velho em pleno sertão? Já não ligam para choro de criança, que dirá pras lamentações de Seu Tota: velho rezinguento como ele só... E além disso nunca se ouviu falar que sol tivesse ouvido ou consciência para pesar... Sendo, pois, o único elemento que há de ficar impune na história negra dessa terra esquecida de Deus.

A pino, era uma moedona de ouro no azul do céu... Sem nuvem que avisasse chuva ou que valesse a pena existir. Da rodela de fogo desciam raios incandescentes que ardiam no cangote cascudo do sertanejo, rebrilhavam nas suas faces enrugadas e faziam quietar os passarinhos nas árvores... Se é que se pode chamar de árvores aquela secura toda. Galhos da finura de braço de esqueleto. Retorcidos, musculosos e minguaados que nem o homem do sertão: pouco para guentar viver de pouco.

Meidia... Seu Tota já tinha botado a água da manhã e saía do povoado a fim de buscar a carga da tarde. Ia tocando a fila de jégues, no trote, pelas ruas poeirentas do

lugar, buscando a saída para a estrada. Os carotes sacolejavam dois a dois de cada lado no lombo dos bichos, entrec chocando-se com um ruído de osso velho... Tropicilha miúda, sem madrinha, pois eram só quatro jegues de um branco sujo e magricelas, porém fortes como tronco de braúna. E agora, pressentindo que estavam chegando perto do lugar costumeiro, apertavam o passo, fazendo o velho correr mais do que sua idade permitia... E uma vez ele chegou a parar um pouco, levando a mão ao peito, onde sentia uma palpitação desusada... Uma dorzinha fina do lado esquerdo do peito.

Quando consegui chegar debaixo da jaqueira, onde fazia pouso para a comida, teve que se apoiar durante alguns segundos no tronco caloso até passar a maldita tonteira. Depois, com grande esforço, trepou no primeiro galho e com o facão derrubou dois dos enormes frutos carocudos e amarelentos, que bateram no chão com um "plof" gordo e leitoso, escorrendo das rachaduras. Com dois golpes de facão partiu ainda em dois pedaços iguais, dando-os aos animais que se puseram a comer com regalo.

Servidos os bichos, sentou-se ao pé do tronco, e abriu o embornal de brim azul desbotado, tirando de dentro, aos punhados, farinha branquinha da Bahia e os ia jogando na boca, onde deixava formar o bolo úmido para ser engolido de uma só vez; do contrário engasgava e todo sertanejo sabe disso. Três punhados de farinha depois, tirou um pedaço de carne seca e cortou uma tira com a faca comprada na feira, e se pôs a moê-la com as gengivas, puras, rijas que nem cartilagem.

Quando terminou de comer a miserinha, bebeu um gole d'água e deu de beber aos animais. Feito isto, apertou a barrigueira de cada um, ainda capengando com um pouco das pernas emperradas. Quando terminou de aprontar o último jegue, pensou que não estava mais pra'quilo. O cansaço já montava nas costas, encurvando-as com seu peso de muitos anos de vida árdua. Dera-se por sortudo, pois nesta terra, é raro o homem que alcançava tal idade vivendo só no trabalho, na privação e naquele clima hostil... Mas tinha boas recordações do caboclo rijo que fora, na época em que derrubava

curraleiro só no torcer do sebenho, todo deitado no lombo do piquirea veloz, forte e pequeno.

Seu Tota já ia pelos 70, embora não soubesse com exatidão. A única coisa de seu eram quatro jegues de aguar. Assim mesmo, não eram coisas, viviam mas já estavam velhos e podiam muito bem morrer a qualquer hora, deixando-o na mão.

Quando conseguiu juntar dinheiro pra comprar os quatro, deixou de ser peão e começou a botar água, pois ganhava mais do que no lombo de um cavalo, se arriscando o dia inteiro. Mas era um ganhar mais, e uma vida tranquila que não valia a pena. Vendia a cinco cruzeiros a carga — quatro carotes eram a carga. Três contos em cada cinco iam para o dono da vereda. Juntando os quatro animais em duas viagens por dia, ganhava 16 cruzeiros. Da cidade até a vereda, tinha uma légua, quatro léguas por dia! Seu Tota pensava — E os bichos ainda gastavam com comida, pois não se pode alimentá-los só de jaca e capim brabo. Ele a bem dizer, comia menos do que um passarinho, mas os rebentos que lhe deixou o falecido filho, três moleques encapetados e mais a nora... Ê, não paga a pena. Não paga. Se ainda tivesse uma terrinha que pudesse cultivar... Ia ajudando, mas nem isto, pois além do casebre alugado, em que morava com sua nora e os netos, só havia o telheiro onde pernoitavam os animais.

O sol apertando cada vez mais... O aguadeiro já ia pelo meio da jornada, matutando... Ainda se pudesse largar aquele povo sem água por um dia e tirar para descansar as pernas... Mas não! Seria muita ruindade dele. O povo estava lá embaixo, agüentando a sede, até que ele chegasse de tardinha com a bendita água... Velho rezinguento, que diabo te deu hoje? Querer folgar... Tem é mesmo que rir do descaramento.

Diabo de água salobra de Jaguaquara. Ê por graças a ela que eu tenho com que viver, não nego, não nego. Mas também não tem outro, nesta terra, que queira aguar? Só eu pra botar água nessa terra do cão. E o pior é ter que no fim do dia, estrompado de andar, ainda ter que ir lá no alto botar

a água da mulher de Seu João Baixão... Homem surdo mas bom tá ali... Mas a mulher, virge! É boazinha também, mas mas quando pega a broncear... Ave, nem cascavel!

Seu Tota olhou outra vez pra o céu, e lá estava ele, limpinho de nuvens. E na sua cara curtida de sertanejo pintou a preocupação.

É, a veredinha tá mingando... E nem sinal de chuva... E o seu Miro agora? 4 contos! Aquele peste qué é encher a burra de ouro até pocar... E se eu aumento pro pessoal lá embaixo, eles diz que eu tô querendo enricar... Foi bem assim no ano passado... Diacho, se ela seca eu tô danado com jegue e tudo... Gente besta essa... Quero enricar... Nessa mi-séria que eu levo? Tem até graça.

Já descendo pro olho d'água num panelão de serra comida, viu lá embaixo seu Miro olhando pro chão... Preocupado, coçando a barba rala de uma semana... O velho foi andando com o coração na mão, já sabendo o que aquilo queria dizer...

É, Tota. A bichinha mingou de vez. Tá uma lagriminha à-toa correndo do chão. O restinho da poça é pros bezerros novos beber. Tu pode deixar teus bichos molhar os beiços, mas não vai dar pra levar pra cidade...

O diacho. Agora é andar... Só andar! Bem seu Miro disse, a abertura da nova estrada ia prejudicar a minazinha... E a estrada traz fartura... Pra quem tem com que comprar fartura. Mas água ela não traz. Não, água quem traz é o besta do Tota, o velho caduco. É bem assim que eles diz... E seu Miro logo quis descontar o seu quando soube que iam desviar o córrego. "Aumento mais um conto, seu Tota. A água agora vai ficar cara... Pois lá no corgo ela não presta. Só presta, como ocê sabe, depois que entra na terra, por debaixo da pedra e vem dar aqui. E a água só vem pra cá, quando o ano é bom de chuva. Aí ela ganha força... Mas que diabo, tu entende mais de água do que eu! — E seu Tota ainda ouviu a gargalhada cretina do fazendeiro, enquanto ia pegando a picada para subir as bordas da serra: — "Imagine só. Eu querê ensinar de água o aguadeiro!"

Quasé uma légua mais para dentro do sertão. O sol avermelhando lá no alto, caindo para a tarde, espiava a terra com seu olho mau de fogo, espalhando a quentura. Nem cobra se vê. Chapéu de palha enterrado na cabeça, fazendo uma sombrinha à-toa, seu Tota mais cansado, mais triste do que a própria miséria, fincava o pé na estrada, puxando os jegues estropiados.

Só, no sertão, de doido o aguadeiro apregoava:

— Óia a água. Fresquinha! — sua voz cantava o aboio triste.

— Êeeh, vem gente. Óia ela...

Caminhada comprida, a mais até que a própria vida.

— Desse jeito saio no rabo do cão, oxente! Óia a água, meu povo. Freesquinha. Vem gente!

Chão duro, fervendo debaixo das alpercatas de couro cru. Um rastrinho de poeira no caminho, assentando logo, pois não tinha um ventinho, só, que desse para refrescar e arejar aquela lida.

O sol queimava o resto de vontade do velho, mandava e desmandava na terra estorricada, e os bichos sem querer andar, com os pés inchados, levantavam a cabeça e soltavam um ronco grosso pelas gargantas secas. Seu Tota deu um restinho d'água para eles, mas os pobres, não havia mais água que os fizesse andar.

O aguadeiro molhou a garganta, mas não havia mais água que fizesse o ar correr. Querência de vivo, é respirar. Mas que ar? Aquele mormaço não era ar que se respirasse, era chumbo derretido.

O coração disparava de novo pelas estradas loucas das veias estuporadas. A pontadazinha cada vez mais forte no lado esquerdo do peito, já era um ferrão em brasa, enterrado no dito, doendo como um desgraçado.

A vista, sem querer enxergar de novo o céu, só via as coisas lá de dentro, lá de trás... Engraçado, parecia que a noite chegava, matando a visão do mundo, mas um vaqueiro forte, destemido, galopava no lombo de um piquira, disparado

pelo agreste, atrás de boi desgarrado. Era ele, o Tota, com vinte anos...

Lá vinha ele com o vento batendo no rosto e entrando às golfadas pelo nariz descendo aos pulmões fortes do homem de vinte anos que aboiava e galopava e o rabo do boi acenando mais à frente era mais que um convite um desafio à mão que esticava decidida pegava e torcia o sebenho do bicho deixava ele para trás dava mais um puxão e upa! O animalão caía, virando as pernas para o alto, levantando poeira onde tinha passado o galope já solto do corcel... Satisfação de vaqueiro forte e orgulhoso!

O corpo velho, sem querer andar, parando, tropeçando no caminho, picada à-toa, aberta pela tropa em secas passadas. A tonteira de novo, forte, o tronco da jaqueira, qual o quê? O aguadeiro no sertão só foi caindo, o sol caindo, esfriando. Os jegues inquietos, já não tinham forças para sair de perto do defunto.

A vereda ali pertinho, mais um pouco e chegava lá, descansava e voltava no dia seguinte, mas o coração parou antes a miséria do aguadeiro. Era o fim.

E no chão ressecado, o corpo velho ficou estirado, sobre as rachaduras que o sol abriu. Urubu chegando de longe no sentido da carne morta, voando, revoando e baixando para ver... E a gente sem água no povoado, esperando o aguadeiro, mas o coitado foi tão longe que nunca mais pode voltar.

— x —

Na tardinha o menino se agarra na saia da mãe e pergunta choraminguento:

— Tô com sede, mãinha. Cadê seu Tota co'a água?

— E eu é que sei, onde aquele diabo de velho se meteu?

Limpa as mãos na saia surrada e vai até a porta, ficando a olhar para o fim da rua. O menino chora lá dentro e ela ralha sem vontade, sabendo que o pobre tem razão. Na outra porta vê a vizinha, espiando as roseiras secas e grita:

— Ô dona Zilda. A senhora não tem aí um golinho d'água pra dar de beber a esse menino aqui? O diabo do aguadeiro sumiu nesse mundo, oxente! Só sendo que caducou e esqueceu da gente.

NOTAS PARA O ROTEIRO DE UM ROMANCE

NEF

Danilo Gomes

Faculdade de Direito — 5º ano

1) Lavinia será a moça do encontro de uma noite apenas. A de cabelos pretos. A que viaja. A que toca piano e aprende cravo (um dia tocará como a Delfosse, de quem tem todos os discos).

2) E, nos ventos do inverno, Valda. Uma lenta descoberta. A lua argentizou o mel daqueles olhos. A lua bruxa. Ou a bruxa lua.

3) Cristiano verá na sala grande da fazenda um retrato de moça e se apaixonará, porque ela se parece extremamente com Valda. Uma noite aparecerá na fazenda uma moça idêntica, com um broche antigo, o mesmo do retrato. Os mesmos cabelos de Valda, o mesmo sorriso, o jeito de contar as coisas balançando deliciosamente a cabeça. Fitam-se no fundo dos olhos. O frio no estômago. Cristiano cravará depois o olhar no broche (que mais tarde encontrará na ermida, com os dizeres de que pertenceu à moça do retrato, falecida em 1883, aos 23 anos). Três mulheres, uma só mulher: Valda, a amada, a multidimensional, a sempre lembrada. Valda, a que será nostalgia. Aquela lembrança o conduzirá às vagas estrelas da Ursa Maior.

4) Capítulo da praia. O vento incessante, o mar agitado. A noite de assombro: o encontro entre os penedos. Aparece na praia um padre escrevendo na areia com uma vara, como Anchieta refém (dos tapuias? dos tamoios? verificar). E um corsário do século XVI em busca de riquezas. Uma tribo. Caravelas. No alto, à esquerda, o forte. Troar de canhões. Aparece depois uma mocinha rumo ao arrastão, bebendo Skol em lata e ouvindo no rádio de pilha aquela música “na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê”... Pesadelo? Delírio? De quem? (Depois a moça no Bar Aratu).

5) Como reagiria se lhe dissesse que estou amando-a? O gosto de fruta madura que tem a paixão aos 35. A força, o sereno e consciente desespero desse amor. (Valda talvez não saiba o quanto é amada. Nem pelos apertos de mão, nem pelos beijos. Pode pensar num pequeno caso inconseqüente, numa aventura provisória, apenas isso). Se ela ao menos imaginasse a violência desse difícil amor, desse duro lavrar um campo impossível, se soubesse como cada coisa é lembrada — como aquela referência ao “famoso escudo de Vercingetórix”... (No capítulo antes do primeiro afastamento de Valda, que também se sente apaixonar e se revela na boate).

6) Os olhos mortos estão imóveis. Só os retratos ficaram. Só lembranças e ecos. O passado volta nos braços longos da chuva. Meus cabelos ainda pretos me surpreendem. Emagreci. E a insônia, a taquicardia, as olheiras, talvez uma úlcera. Vontade de partir, ser passageiro de navio, navegar no Mar da China, descobrir a cidade perdida de Mar-i-don, descansar sob os flamboyants, ouvir música de alaúdes. (Encaixar essas coisas). No trem de tua vida eu sou o passageiro que chegou atrasado, o que vai perder a viagem, o que irá apenas ver o trem partindo irremediavelmente. Ficarei com a mão estendida sobre a linha, Valda, até te transformares em pura nostalgia.

7)onde antigamente passava o célebre ônibus “Madeleine-Bastille” (Dr. Cesário recordando trechos da mocidade).

8) “Mas tudo isto acontece, já dizia um autor, porque temos uma estrutura neurótica milenar, masoquista, de queixas e insatisfações, onde os fatos negativos são mais valorizados que os positivos” — dirá o analista de Dardânia.

9) Todas as noites o velho Firmino entra no quarto do casal, onde a mulher, morta há 4 anos, está embalsamada. Um dia será descoberto em seu mórbido ritual, abraçado à mulher. (Não esquecer os morcegos; descrever os objetos antigos; criar o clima).

10) Há uma carta nos guardados do velho Firmino. Só Quita, a negra velha de mais de 100 anos, conhece o segredo, mas morrerá sem revelar nada. No dia em que descobrem a carta, Olfim chega. A propósito de Quita, colocar: Quita, como fazia todas as noites (só conseguia dormir umas três horas), começou a se arrastar da cama em direção ao borralho da cozinha, para a assembléia com os seus fantasmas. De suas vestes retirou, à altura dos seios totalmente ressequidos, o punhal que sua mãe lhe dera às portas da agonia e que viera de uma região esquecida da África — usava-o para cortar o fumo, que mascava, fazer desenhos no chão e retirar do borralho as brasas ainda quentes, enquanto engrolava palavras sem nexos. Os dois gatos se mantinham afastados, com medo, rosnando. Chegava à cozinha o som do velho relógio de parede. (Que papel Quita desempenhará?)

11) “Hoje estou com a morte na alma. Sabes lá o que é isso?” Cristiano gosta dessa frase de Sérgio Milliet, lembra-a sempre. Encaixar, talvez numa noite, num bar. Cristiano será guardião de segredos, andarilho de rotas de angústia, pastor de insônias, peregrino de inesquecíveis madrugadas.

12) Encontrará a cabana pelo rastro alado das borboletas amarelas. (Na alegre cena do bosque, perto da fazenda do velho Firmino).

13) A obsessão pela chuva. Freud explica? Não explica?

14) Acentuar o jeito de falar e de sorrir. De ser inteira. De embruxar com intensa suavidade. Bruxos olhos de mel

e prata. Valda: sonata de Vivaldi, adagas no silêncio, noturnidades.

15) Negócio da chuva — tirar Freud. Sem explicações. Cristiano simplesmente gosta da chuva, solidão, silêncio, alamedas, cinzentas tardes. Andar e beber sozinho. O prazer em se sentir um lobo solitário: se sente mais seguro, se sente amadurecer no silêncio, na contemplação da chuva. A chuva nele é mais dentro que fora. A de fora é mais um reflexo da chuva interior, que ora é fina, branda, quase silenciosa, ora é formidável tempestade, temporal de durar dias e dias. Cristiano, ser chuvoso. Cristiano, chuva, um dia de acalentar amáveis desejos, outro dia de inspirar noturnos terrores, luzes que de súbito se apagam, árvores que tombam, galáxias e mortes.

16) Marta, a moça que trabalha numa agência de publicidade e coleciona kitsch. Ver um papel para ela na vida de Olfim.

17) Em outubro Tiana viaja para Santa Rita. Lá saberá o caso do primo com Valda, mas nada revelará.

18) Cristiano teve um caso com uma moça chamada Glícia Brites, secretária bilíngüe, que depois se casou com o agente de uma firma de crédito, financiamento e investimentos. Em Santa Rita, é ela quem conta a Tiana o caso de Cristiano com Valda.

19) Não esquecer o capítulo em que os três sobrinhos alternam monólogos interiores, a respeito da herança do velho Firmino.

20) O velho Firmino joga baralho com João Seano. Numa tarde, lembra o episódio da cartomante Madame Judith, que conseguiu tapeá-lo, quando ainda solteiro.

21) Pio Sotero, poeta do “Quinzenário de Letras” — numa cena, no quarto, pensando: “Se esses caras soubessem que não durmo sem ler os poetas de 45 me dariam um murro na cara! Visupoemas, fenopéia de Ezra Pound, espantar pela radicali-

dade, movimentos opcinéticos, semiótica, o Mallarmé de “Coup de Dés”, problemática do contra-estilo — quanta complicação! Um dia acabo abrindo o jogo!”

22) Dr. Cesário —o vinho que sempre tomava no “Marignan” ou nos arredores do Rond Point des Champs Elysées. O encontro, no Boulevard Saint Michel, com a bailarina ruiva que se tornou sua amante. Ele estava no 3º ano de Medicina. Agora leva o neto com frequência à casa de divertimentos eletrônicos, onde há muita cor, luz, movimento e som para o garoto curtir.

23) Amâncio Queluz, político que acaba suicidando-se, em Outeiro. Frequentou o “Montanhez Danças” na década de 40. Viu Orson Welles, fumando charuto e distribuindo autógrafos. Orson Welles: “Elas são lindas e educadas”. As orquestras. As belas cortinas. A rapaziada que saía do Automóvel Club e zarpava para o “Montanhez.” Francesas e argentinas. Tango e “can-can”. Cena poderia ser em 1943.

24) Valda também gosta de música. Cenas de concertos (no Palácio das Artes?). Aproveitar: “Concerto em Sol Menor para Órgão, Orquestra de Cordas e Tímpanos”, de Poulenc; “Concerto nº 2, Opus 4, em Si Bemol Maior para Órgão e Orquestra”, de Haendel; “Sonatas para Cravo”, de Scarlatti.

25) Outros nomes: Ágata, Cora, Maria Pia, Julião, Alceu, Ava.

26) O velho Firmino gosta de charadas. Ainda manuseia o “Auxiliar de Charadista”, de José da Silva Bandeira, e o “Dicionário do Charadista”, de Sílvio Alves. Quando moço mandava colaborações para a revista “O Malho”.

27) E a carruagem onírica? E os sinos? E os guizos dos cavalos? Cena da criança com o cocheiro — será que não fica piegas?

28) Em Outeiro a neblina, os casarões coloniais, o oratório do século XVIII que Ava comprou. O roubo do oratório — teria sido o mesmo ladrão ou quadrilha que estava

roubando imagens das igrejas antigas? O fato coincide (mas nada tem a ver) com o suicídio do maquiavélico Amâncio Queluz.

29) De todas as mulheres que Cristiano de alguma forma amou, com maior ou menor intensidade, Valda é aquela que mais firmemente sobreviverá à crueldade do tempo, a todos os lances, conflitos e episódios. Ela será a menos massacrada das vítimas do esquecimento, da indiferença que os anos vão silenciosamente tecendo. Valda será infinitamente a saudade na esquina, a boca entreaberta na chuva, o campo de margaridas, a esplanada do castelo, a taça de champanhe, a palavra *tendresse*, a faiança pintada com o azul mais suave, a mais doce, a mais inesquecível lembrança.

30) Firmino também gosta de profecias. Ver aquele livro sobre Nostradamus — não esquecer Pedro II, o último Papa, Terceira Guerra Mundial na década de 80, etc. (Onde é que deixei o livro? Empréstei?)

31) “Choppskeare”, bar de estilo renascentista, inaugurado na onda do filme “Romeu e Julieta”, colorido. Ali se reúnem escritores e poetas jovens. É ali que Cornélio fica conhecendo Adriana, com quem depois se casa. É o ponto predileto de Pio Sotero e outros colaboradores do “Quinzenário de Letras”.

32) Na infância de Cristiano: a peça de circo “O Êbrio” (nome nos muros, inapagável), cigarros a granel, filmes de Roy Rogers (como é que se chamava seu cavalo branco? Tiger?) e Charles Starret, o Durango Kid, álbum de figurinhas com a Esfinge, o Colosso de Rodes, o lagarto de gargalheira, a Estação Sorocabana, o lobo da Tasmânia. Aos 16 anos, as mulheres da Rua Camargos — aquela que parecia uma bruxa. Depois do filme com B. Bardot: a mulher sentada no balcão, tomando cachaça, os receios, a escada estreita, o quarto pobre, o som da sanfona do outro lado da rua.

33) Utilizar “flashback” também com Valda?

34) E a cena da boate? É aí que Valda revela seu amor por Cristiano e fala da impossibilidade de continuarem o caso. Depois desse episódio Valda se afasta pela primeira vez. Ver como compor o quadro. Uma noite terrível.

35) Os dois dias que Cristiano e Valda passam no sítio de Julião, antes do segundo afastamento de Valda. O segundo afastamento, como o primeiro, não dura mais de um mês. A grande paixão torturante desses amantes sem redenção.

36) Uma noite de chuva muito fina, tênue cortina de mansuetude. Uma mortal melancolia, uma aguda vontade de morrer, um desejo de refúgio em quietas aldeias. Ninguém ouvirá o grito dos lábios que se separam. O vento corre sobre a Serra nesse começo de Verão. De onde vem esse silvestre perfume? Quase uma da manhã. As malas estão prontas para a viagem de Valda, que vai no avião das oito. Outro longo beijo, que é mais um morder de lábios, quase um pacto de sangue. Suas lágrimas se confundem com a chuva. Entramos no "hall" do prédio. Noite dos Amargurados. Noite dos Desconsolados. É o começo do exílio. As mãos que se afastam, se retomam e novamente se afastam. O desespero de pensar que talvez nunca mais. Uma da manhã. Transformada para sempre em nostalgia. Se o tempo parasse, se os corpos dos amantes, unidos, se eternizassem. Um desejo de quietas aldeias. Uma e cinco da manhã. Esse derradeiro olhar dentro dos olhos. E as mãos que definitivamente se apartam. E a vertigem do vazio mais profundo.

PEIXE-ALECRIM, PEIXE-PECADO

MARISA

Sandra Lyon

Faculdade de Medicina — 4º ano

Peixe-lua: a isca, chumbada, o anzol. A tarrafa, foi explicando seu Abílio, é para apanhar os peixes miudinhos que servirão mais tarde de isca. Vivia para distâncias e caminhos por demais sabidos daquelas águas que ele deveria percorrer em cada dia: peixe-roda. O rio cantava nas pedras, entrelaçando-se em galhos e canoas, e segue a lamber as ribanceiras. Ali, seu Abílio, peixe-rei, conhecia tudo, palmo a palmo, farejando até o leito das pedras que permitia aos peixes uma desova segura. E ele, velho pescador: peixe-boto.

Peixe-leque: enquanto espalhava o olhar na distância, ele pensa na negra Efigênia, peixe-mulher, em sua casinha. Os olhos vermelhos, peixe-pimenta, curvada, ela incha as bochechas e sopra a brasa viva, engole fumaça. Então, afasta-se um pouco do calor da quentura e pragueja, coça os olhos e novamente castigando os pulmões de forma impiedosa até a chama brotar fazendo cócegas no fundo da panela de barro. Ia, depois, à fonte apanhar uma lata de água enquanto a panela de feijão fervia sobre a trempe e o pedaço de traíra escorria o tempero nas brasas.

Peixe-sol: os canoeiros deslizam pelo corpo do rio, os remos já suspensos procurando os robalos presos nas linhas. Seu Abílio amiúda os olhos sondando a altura do sol e diz que é preciso aportar. Peixe-cão, o companheiro corre ajudando-o a puxar a rede de onde os peixes saltam e escorre

a água. O vozerio vai enchendo a enseada do rio, peixe-briga, enquanto a pesca é dividida para a venda. Ele, peixe-gato, fiscaliza separando dois curimatãs que Efigênia receberá silenciosa, sabendo que devem ser preparados no exato tempo e sal.

Peixe-sapo: o areal se perdia desolado, estendendo-se sob o sol e manchava-se mais adiante pela sombra do rancho onde seu Abílio guarda as ubás, os covos de taquara, varas, linhas, anzóis e o tear para as redes. Quando já noite fechada, os pescadores são apenas vultos subindo a vertente do rio e, então, põem-se a contar com línguas de fogo as suas estórias mordidas por muitas cicatrizes. E trazendo na pele o gosto de escamas de peixe, eles. O cardume de mandis, que agitara feroz por largo tempo num vaivém obstinado, agora é torturado dentro de cestos e caçuás. E mais: ali apenas a brasa dos cigarros abrindo caminho dentro da escuridão, o rumorejar das águas, o vozerio dos homens. E só.

Peixe-aranha: e após o jantar, o escuro cerrado envolvendo a casa, vem a hora de consertar o xadrez das redes. A luz da candeia, as mãos escuras de Efigênia trabalham céleres: navetas trançando os fios, e também seu Abílio se perde no emaranhado da rede, concentrado. Então, Efigênia sente nas costas o olhar queimante de Arnaldo, o enteado, e disfarça. Ele arrasta os pés até a janela, onde se debruça, preparando um cigarro recheado de fumo de rolo. Assim, procura nos pensamentos um remédio para aliviar, amansar aqueles impulsos do seu corpo vadio. O pai pergunta onde irá àquela hora e ele não responde, mas, ao mesmo tempo, gira a taramela da porta e sai deixando na escuridão pesada o rastro de fumaça de cigarro a esgarçar-se.

Peixe-borboleta: seu Abílio levanta antes do sol e enquanto prepara a mochila, Efigênia, na cozinha, já frigia os ovos. Onde estão os cestos? Antes de sair, entrega a ela o dinheiro para ir à cidade comprar mantimentos. E ainda da porta gritou, sem se voltar, que Arnaldo fosse com ela.

Peixe-tigre: suado, ele vem lá de fora, onde estivera rachando lenha e atira os tocos de madeira sobre a taipa do



fogão. Debruça o olhar em Efigênia, peixe-madame, segurando-lhe os braços com punhos firmes. E como fera acuada, as linhas do rosto dela endurecem, empurra-o, grita e pragueja. Assim, desata aquele choro fácil, as mãos protegendo

os olhos e, depois, ela escuta os passos de Arnaldo, peixe-canga, afastando-se sem pressa.

Peixe-homem: ali no ribeirão Efigênia molhou o rosto e as lágrimas na água fria. O regato descia do alto da vertente entre pedras e engrossava, lá embaixo, o corpo do rio, o veio de água que brotava dos grotões úmidos. Súbito, as touceiras de capim balançaram e ela ficou à espreita. O rosto moreno de Arnaldo apareceu num sorriso largo, trocaram olhares ferozes. Ele, peixe-branco, avançou firme, decidido, e Efigênia sentiu o peso morno e macio de um corpo sobre o seu. A sombra dos vultos dançou nas touceiras e sumiu.

Peixe-anjo, peixe-agulha, peixe-do-paraíso, peixe-rato, peixe-curvo, peixe-da-china, peixe-congo, peixe-cobra, peixe-boi, peixe-verde, peixe-vermelho, peixe-pau, peixe-pedra, peixe-tamarindo, peixe-gato, peixe-cão, peixe-bravo, peixe-zorro, peixe-voador, peixe-espada, peixe-pena, peixe-sol, peixe-lua, peixe-rei, peixe-roda, peixe-leque, peixe-cravo, peixe-prego, peixe-homem, peixe-mulher.

Peixe-homem e peixe-mulher.

Peixe-tordo: desde então, muitas luas têm vigiado o céu. Assim, seu Abílio vem acompanhando o regime das águas, sondando-lhe a cor investiga o cardume. E é mesmo assim: até hoje a água o comove com sua transparência, peixe-prata. (Como pode o peixe vivo viver fora d'água fria/Como pode o peixe vivo viver fora d'água fria/Como poderei viver/Como poderei viver/Sem a tua, sem a tua, sem a tua, companhia/Sem a tua, sem tua, sem a tua companhia). Em casa, sentado no tamborete junto à candeia, ele se preocupa com as gerações das chuvas, fala e fala, espera a hora de dormir. Peixe-espada-lírio. Arnaldo começa a cantar sob o olhar distraído do pai e Efigênia, próxima, é um apelo morno na noite. Mas ele não se ilude, sabe que deve esperar o dia chegar quando ela vem, chega, transforma-se, desnuda-se, enrosca-se junto a ele.

Peixe-rato: alguém armou-se de bastante maldade e pingou nos ouvidos do seu Abílio notícias cheias de malícias. Então, ele, peixe-cobra, concentrou nos olhos toda a cólera que pôde reunir e jurou vingança. (Os pastores desta aldeia já

me fazem zombaria/Os pastores desta aldeia já me fazem zombaria/Por me verem assim chorando/Por me verem assim chorando/Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia/Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia). Obstinado, e com um brilho nos olhos e um tremor nas mãos, ele cumpria o mesmo ritual de todos os dias. Esperava, sem pressa, a hora de voltar, espiar e surpreender as touceiras de capim margeando o ribeirão. Ninguém, nem mesmo o rio, haveria de farejar essa sua volta, a mão dentro da camisa acariciava o cabo da faca. E bebia, já levando em suas entranhas o fogo.

Peixe-serra: naquela tarde Efigênia acendeu uns olhos assustados e perguntou a Arnaldo se ele também tinha escutado o piô de ave agourenta. Ele soltou uma gargalhada e falou zombando que não acreditava em coisas assim, ora veja. Enquanto Efigênia jurava maus presságios, a ave voou sobre a cumeeira da casa deixando ali o seu sinal de desgraça. O medo se estendendo em culpas, Efigênia apanhou ramos de alecrim, peixe-de-caixa, e espalhou por todos os cômodos da casa com seus modos sérios e de grande fé. (Alecrim, alecrim dourado/que nasceu no campo sem ser semeado/ai meu amor/ai meu amor/quem te disse assim, que a flor do campo é o alecrim?). De repente, o rosto de barba agreste toca a face de Efigênia e o medo dela vai desmoronando pouco a pouco. E Arnaldo sente que ela também se desmorona, peixe-mulher, e escoa entre os seus dedos como escorre a água, lânguida e doce.

Peixe-agulha: seu Abílio pisa forte com todo o peso do corpo, os passos retumbando a terra como cascos de animais. Pára às margens do rio e mergulha os pés na água enquanto diz entredentes que eles haveriam de lhe pagar caro. (Alecrim, alecrim aos molhos/por causa de ti choram os meus olhos). E com a raiva um pouco serenada, ele cravou várias vezes a faca na água transparente. E o rio, que cantava nas pedras, ante a ferida aberta em suas entranhas, riu aquele riso de escárnio: peixe-pedra.

E Peixe-mulher: caniço e samburá, tonel, chumbada, isca: peixe-alecrim, peixe-pecado.

SEGREDO

GREGÓRIO LUCIFER

Antônio de Pádua Barreto Carvalho

Faculdade de Letras

Aos domingos os Cavalos Azuis chegavam às avalanches, de tal maneira que a gente se sufocava e perdia o compasso da respiração e ficava vermelho quando a saudade aumentava e o sangue subia à cabeça exigindo mais forças para suportar o sonho.

Engraçado, houve uma época em que os jornais falavam muito de Cavalos Azuis, aparecendo dentro de geladeiras, latas de biscoitos, caixas-de-fósforos e às vezes até nos próprios bolsos dos meninos. E as donas de casa ficavam assustadas quando encontravam um cavalinho azul boiando no café que ia ser servido às visitas ou no próprio leite das crianças...

Um dia imaginamos que a terra seria invadida por eles. Então combinamos de nos reunirmos dali a três meses na pracinha principal, para concretizarmos o planejado. A gente teria que fechar os olhos com muita força, para que viessem em batalhões, tal qual os soldados que víamos partindo para a guerra em outubro.

E os dias foram passando. Nesse meio-tempo a cidade andou engolindo silêncios, as ruas ficando vazias, os pássaros desaparecendo... De vez em quando um grito ecoava longínquo, um grito rouco que levava todas as pessoas às janelas dos edifícios para espiar. Depois, tudo voltava ao normal, e os postes continuavam suas estranhas funções de sustentar as obscuras consciências dependuradas nos seus braços...



Passados dois meses e já não se ouvia mais falar de Cavalos Azuis. Parece que a cidade se esqueceu totalmente que eles existiam e até ela própria se esqueceu que existia. A gente percebia isto até na morbidez do sorriso das ruas, mostrando seus dentes de concreto. A cidade então passou a

ser um campo deserto, cemitério de sorrisos antigos, a exigir
mais silêncios, mais velórios...

•



Arco-íris eu sempre dizia que era azul. Não sei se você se lembra, a gente sonhava com coisas deste tipo até o dia em que um dos Cavalos chegou. No começo eu achava tudo esquisito. Ficava pensando porque ele tinha de ser daquela cor, como num sonho, desigual dos outros. Não acreditava no que ouvia, mas ele me olhava de tal maneira que não precisaria ter falado nada comigo.

Outro dia você me disse para guardar o segredo. Fiquei pensando porque tinha que acontecer aquilo, justamente com nós dois. Havia tantas pessoas mais velhas no mundo. E depois, as manhãs da cidade deixaram a gente zonzos de mistério. Você foi ficando triste, chegou até a chorar numa tarde sem arco-íris e ante-véspera de chuva. Engraçado que foi nesse dia que compreendi o que era o Cavalo Azul, porque ele nos levou até o paiol, porque tínhamos que ser nós os escolhidos e você gritando e sorrindo e dizendo que não era pra mim ficar com medo, para te abraçar com mais força e sufocá-la de tanto amor até que meus braços se arreventassem e você dizendo que era pra mim te morder, timbrar teu corpo com os dentes, como faziam os cavalos azuis.

SOLIDÃO URBANA

MARCUSE

Osias Ribeiro Neves

Curso de Ciências Sociais da FAFICH — 3º ano

NÃO TRABALHO EM BANCO, TRABALHO EM BRANCO:
ASSENTADO/ASSUSTADO ELE, FERA, ESPERA BEBEN-
DO O SORRISO PROFISSIONAL DO HOMEM GORDO —
UM GOSTO DE MEL LHE SOME DOS SONHOS
UM GOSTO DE FEL LHE DESCE A GARGANTA
UM RESTO DE SOL LHE ABANDONA OS OLHOS
DE PEDRA. MEDRA. NA MÃO DIREITA DO DIREITO
HOMEM GORDO DE TERNO ESCURO A CANETA DE
OURO MERDA & LHE ENCURTA + O BARRACO — JAULA
ÉBRIA DE ANSEIOS. DEPOIS SE INSTALA TRANQUILA
NO BOLSO QUENTE DO PALETÓ BONITO. ASSINATURA,
DEVER CUMPRIDO:
CONTER/CONTAR OS PASSOS. ASAS CORTADAS, APER-
TO DE MÃO, PASSAR BEM.

CALMA GREVE

ALMA GRÁVIDA

ALMA ÁVIDA

DE UM CUMPRIR PROMESSA QUE NÃO VEM. NUNCA
VEM. CONTROLA-SE. ACALMA A CALMA GRÁVIDA &
ESPERA + . AGORA O TESOUREIRO. SOFÁ MACIO &
VENTILADOR GRANDE RODANDO SOMBRAS PRETAS
SOBRE O BRANCO DE SEUS CABELOS — CURTOS, É
CLARO. LÁ FORA NA RUA JÁ 3 SUICÍDIOS, NO SINDI-
CATO 2 DISSÍDIOS. & + HOMENS GORDOS SE ACHEGAM

SOMENTE. PASSAM CHEIRANDO NUVENS, CHEIOS DE DENTES SORRIDENTES & DANÇANDO CHARUTOS CONTENTES NAS BOCAS.

LOUCA

ROUCA

DOENTE

FAMINTA

A FERA ESPERA CALADA, & NÃO TENDO CHARUTO DANÇA A LÍNGUA NO CÉU DA BOCA & SE IMAGINA BEM LONGE DESSE INFERNO (LÁ FORA OUTROS SACRILÉGIOS/SORTILÉGIOS FOLIAM NO ASFALTO VARRIDO PELOS HOMENS DE UNIFORME VERMELHO, PRETOS DE SUJO — DO OUTRO LADO A MESA REDONDA EM FARTA FESTA, É ANIVERSÁRIO DO PRESIDENTE DA EMPRESA).

SETECENTOS E NOVENTA E DOIS CRUZEIROS E DEZESSEIS CENTAVOS. CENTAVOS. ATÉ O RECIBO ERRADO. TUDO ERRADO. EM CASA NO QUARTO ELE CONFERE SUAS COISAS: SUAS VIAGENS, SEUS QUATRO MIL ABANDONOS JANGADOS NO OCEANO DE SANGUE DOS JORNAIS — HEREDITÁRIA IMPRENSA DE TEMPOS TRANSCEDENTAIS. NO CRIADO O SEU REMÉDIO/TÉDIO — INDÚSTRIA DE MEDOS SECRETOS. ELE FABRICA DESARMES PARA VENCER AS BATALHAS QUE PERDEU. BEBE VINHO. VINHO AQUECE/ESQUECE AS COISAS QUE ELE PRECISA SABER & EM TROCA DEVOLVE OS CHOROS QUE ANDOU CHORANDO POR CHORAR, SEDENTO, ELE OS ABRAÇA COMO QUEM PRECISA DE UM COPO DE ÁGUA PARA MATAR A SEDE, JÁ OS SABE DE COR E SALTEADO. SE IMPÕE GESTOS DE FOGO/NOS RESTOS DO JOGO QUE A SIRENE APAGOU. AMADURECE VERMELHO A INVENTAR UM PAPAÍ NOEL + FÁCIL, QUE SE DESABE NUMA CADEIRA, SEM O SACO DO SACO DE PRESENTES & OUÇA SUAS HISTORINHAS DE ESQUECIDO DA TURMA (

SAPATO

SAPATEIRO

MEIA SOLA

MISSA DO GALO GOLO

DESCALÇO

JORNAIS MOFO FÉTIDO PORÃO
SEM JANELA). DÓI-LHE A CABEÇA BRANCA AO PEN-
SAR QUE ELE NÃO TENHA APARECIDO NUNCA POR
LÁ POR CAUSA DA AUSÊNCIA DO SAPATINHO NA JA-
NELA OU POR SE TRATAR DE UM PORÃO À-TOA. RE-
CORDA, MEMÓRIA NÃO ANDA MAIS TÃO VERDE DE
ANTIGAMENTE, DE VEZ EM QUANDO SURGE ALGUM
FILMINHO NA TELA.

REUNE SEUS PAPEIS — PEDAÇOS GUARDADOS NAS
GAVETAS DE UM CORAÇÃO FRANZIDO. DESFAZ NU-
VENS DUM COFRE ANTIGO, BIBLIOTECA ENFUMAÇADA
À MERCÊ DE LEMBRANÇAS QUE LHE ADENTRAM &
O INIBEM DE DEFINIR AS MADRUGADAS DE SUA ALMA
ENTARDECIDA. LÊ HESSE. NA TV UM FILME DE FEL-
LINI. INSISTE EM SAIR VOANDO NUM VÊU DE ES-
PERANÇAS DESCONTIDAS PARA POUSAR NALGUMA
QUEBRADA AMIGA, NADA EXISTE ALÉM DESTA RE-
BELIÃO DESCOMUNAL DE DORES ARDENDO EM SEU
PEITO & NA VIOLÊNCIA DO ATO DE SOFRER ASSUME/
CONSUME A TRISTEZA DE SONHAR ACORDADO OS SEUS
SONHOS DECEPADOS.

SEU GRITO, SUA PELEJA DOLOROSA DE INVENTOS
NOTURNOS QUE ACABAVA SEMPRE REGADA COM MÚ-
SICA DE CABARÉ TOCADA NOS FILMES DE MEIA-NOITE
DO CINE LAFAIETE, OU ALGUM GRITO CINZENTO DE
DONZELAS ATACADAS PELO CONDE DRÁCULA NOS
BOSQUES VERDES DOS CASTELOS. AGORA, SOZINHO,
INSISTE/ASSISTE/ASSUSTA CRIANCINHAS NOS PASTOS
MOLHADOS PELAS GOTAS DE UM OUTRO TEMPO —
SENTE VONTADE DUM TEMPO EM QUE CHORAR NÃO
SEJA O ATO DE APAGAR/PAGAR O IMPOSTO IMPOSTO
PELAS JUSTIÇAS DAS CORTES & DOS CORTES DAS VIDAS
NOS VIETNÁS QUE INFESTAM EM FESTAS ESTE SEU
MUNDO. SUA BOCA AMARGA SUAS PALAVRAS. ESTÁ
LONGE. MUITO LONGE, NEM DEMONSTRA SENTIR A
ESPOSA AO LADO, NA MESMA CAMA. & LÁ FORA JÁ
ERA BASTANTE NOITE...

... NA NOITE:

UM VELHO CANSADO OFEGA NA CAMA, A ESPOSA, TRAGANDO SUA INSÔNIA, OLHA PARA O CÉU, A LUA, PARA O MUNDO QUE A JANELA LHE TRAZ. LEVANTA-SE O VELHO. & SEUS PÉS O CARREGAM NUM CORTEJO FÚNEBRE E O DEPOSITAM NUM JARDIM.

NO QUARTO ELA PENTEIA A ANGÚSTIA VERTICAL QUE AS HORAS LHE SERVIRAM EM TALHERES DE PRATA/& PRANTOS NUPCIAIS. UM ESPELHO A CONTAR SEU ROSTO/RESTO DE INSÔNIA, SEU CORPO ABERTO PARA TODO O AMOR QUE A NOITE TROUXESSE, SUAS MÃOS INDA SANGRAM A LUZ QUE DEIXOU POR ENTRE OS CAMINHOS DO CORPO AMADO

CORPO DO VELHO VELHO CORPO VELHO COPO
VAZIO UM CORPO VAZIO VADIA LÁ FORA

: ACASO PUDESSE PENSARIA EM OUTRA COISA, OUVIRIA SONS OUTROS QUE AS NOITES POSSUEM, SEUS HINOS, SEUS SINOS (UM DELES TOCA NUMA IGREJINHA ASSIM PERTO). & TALVEZ NEM PRECISASSE CONTAR CARNEIROS DE OUTROS REBANHOS, NEM FICAR OLHANDO O LUAR DE PEDRA QUE A NOITE DERRAMA. RISADA. É PRECISO DAR UMA RISADA, UMA TREMENDA RISADA. MADRUGADA:

E OUTROS SONS JÁ SE OUVI (JAMAIS PENSOU TANTOS GALOS POR ALÍ). JÁ SE FAZIA NECESSÁRIO OUVIR OUTRAS CANTIGAS. OUVIR ALGUM DISCO. SENTIU O PENETRAR CINZENTO DE UM DESEJO. OUVIR O MILTON:

SORRIR-CHORANDO-OUVINDO MILTON, SENTIR-SOFRIDO O ESCORRER DA BOCA MINEIRA SAINDO-ARRANHANDO-TRAZENDO O FERRO E O OURO NAQUELAS COISAS ENEGRECIDAS PELO ACENDER DE ÁFRICAS ERAS DAS SENZALAS.

AQUELA MINA ECOANDO SUA VOZ AFRIC-A-LMA — AFRICALMAGITADA, DOÍDA E GOSTOSA. MILTON PRECISAVA TRAZER ALGUMA COISA QUE O TEMPO VENTOU. OS MEDOS, OS BRINQUEDOS, AS TRANSAS DOS

CABELUDOS (UM DELES DORME NUM JARDIM ASSIM PERTO — AGORA, CARECA & NÃO ANDA + DE MOTOCA). ANGELA SORRIA E BEIJAVA O RETRATO DE FREDERICO:

VERDADE, MEU VELHO, TODOS NÓS TEMOS NOSSOS MONTES NA ESTRADA PARA NOS ASSENTARMOS & MUITOS DELES JÁ ME VIRAM CHORANDO. NÃO TE SINTO UM CARREGADOR DE PASSADOS NEM UM DATILÓGRAFO COPISTA PASSANDO UM HORIZONTE A LIMPO, OU PISANDO SOBRE ÁGUAS PARA ENCHER OS MEUS OLHOS. TE ACEITO ASSIM, CHEIO DE VOCÊ, SALGADO E SUJO DE AREIA DE PRAIA, CHEIRANDO A PEIXE E MEDO DE PONTE ALTA, VEM FAZER A MINHA FESTA COM O VENDAVAL DE SUA PRESENÇA, & NÃO SE INCOMODE SE DEIXO VAZAR ALGUMA DAS ESTRELAS QUE ESPARRAMADAS E GRITANDO AZUL OS CAMPOS DO MEU CORAÇÃO DESABROCHARAM.

: NO JARDIM O VELHO SENHOR DEITADO EM SUA TRISTEZA OLHA PARA O CÉU, A LUA, O MAR QUE SEUS OLHOS FIZERAM:

LÁ FORA ESTÁ FRIO, MEU BEM... ANGELINDA... ANJO LINDO...

...QUEM É VOCÊ?, MANHÃ DE SOL QUE FICA INVADINDO ESTA CASA VELHA, TENTANDO ENFIAR DIAS COLORIDOS POR SEUS BURACOS ? QUEM É VOCÊ, TARDE ROXA, QUE FICA CANTANDO RODA NESTA PRAIA DESERTA E BEBENDO OS INSTANTES DE CHUVA DO SEU TEMPO ? QUEM É VOCÊ QUE FICA REBENTANDO FLORES NESTES QUINTAIS DE FERRO E BRONZE, ESPALHANDO TANTO PERFUME NESTES CHI-QUEIROS ? QUEM É VOCÊ, FADINHA AZUL QUE FICA TRANSFORMANDO EM FREVO TODOS OS GRITOS DE GUERRA DESTES CAMPOS REBELDES ? QUEM É VOCÊ, ARAGEM FRESCA, QUE VEM TOCAR ESTE SOLO RESSEGUIDO COM SUAS MÃOZINHAS DE NEVE E SEU BEIJO DE PAÍNA ?

FORA EU MAIS FORTE QUE O ALCOOL E TALVEZ ELA

NÃO TIVESSE O QUE RECLAMAR. NÃO, TALVEZ NÃO SEJA ISSO, TALVEZ O PESO DESTE ALGODÃO NA MINHA CABEÇA É QUE TENHA BAGUNÇADO TUDO...

& VEIO A MADRUGADA + ACESA

CRUEL,

FREDERICO CHEGA

MOLHADO

VAZIO

NO ROSTO TRAZENDO DUAS GOTINHAS DE ONDE VEIO ANGELA SE APROXIMA, LHE BELJA A TESTA & LHE BEBE AS GOTAS, BEM AS DUAS. UMA, SUA CERTEZA DA NOITE TRISTONHA PARA AMBOS, A OUTRA, BEM, A OUTRA ERA DA CURTA CHUVINHA QUE COMEÇAVA LÁ FORA, CALADA

QUASE UM SERENO NO TELHADO

VEIO UM CHEIRO GOSTOSO DE TERRA MOLHADA CHUVA DE VERÃO, ALGUNS PINGOS EXTRAVIADOS, TÍMIDOS, BATEM NOS VIDROS DA JANELA. ELA PODE OUVIR. BEM QUE TEVE A IMPRESSÃO QUE IRIA CHOVER. FORA DESDE ONTEM, BEM ONTEM MESMO. UM CARRO PASSA LÁ FORA. PODE + QUE OUVI-LO. PODE SENTI-LO ESMAGANDO AS PLANTINHAS MOLHADAS.

BOCEJA:

HÁ QUANTO TEMPO NÃO PASSA UM CARRO POR ESTAS BANDAS...

NO DIA:

... EM CIMA DA CÔMODA A INCÔMODA PASTA SURRADA, TAL E QUAL ELE MESMO DEBAIXO DOS HOMENS GORDOS. NA MESA O CAFÉ MAGRELO, NA RUA A CALÇADA MOLHADA. NA ESQUINA O ÔNIBUS. O ACENO — O LANÇAR-SE À ARENA, UM NOVO/VELHO DIA...

Cordisburgo, 25 de janeiro de 1974.

RL

revista literária

CONCURSO
DE
POEMAS

1º Lugar

ÁRIA DE AMÉRICA POR UM ANTIGO MARINHEIRO

GREGÓRIO LÚCIFER

Antônio de Pádua Barreto Carvalho

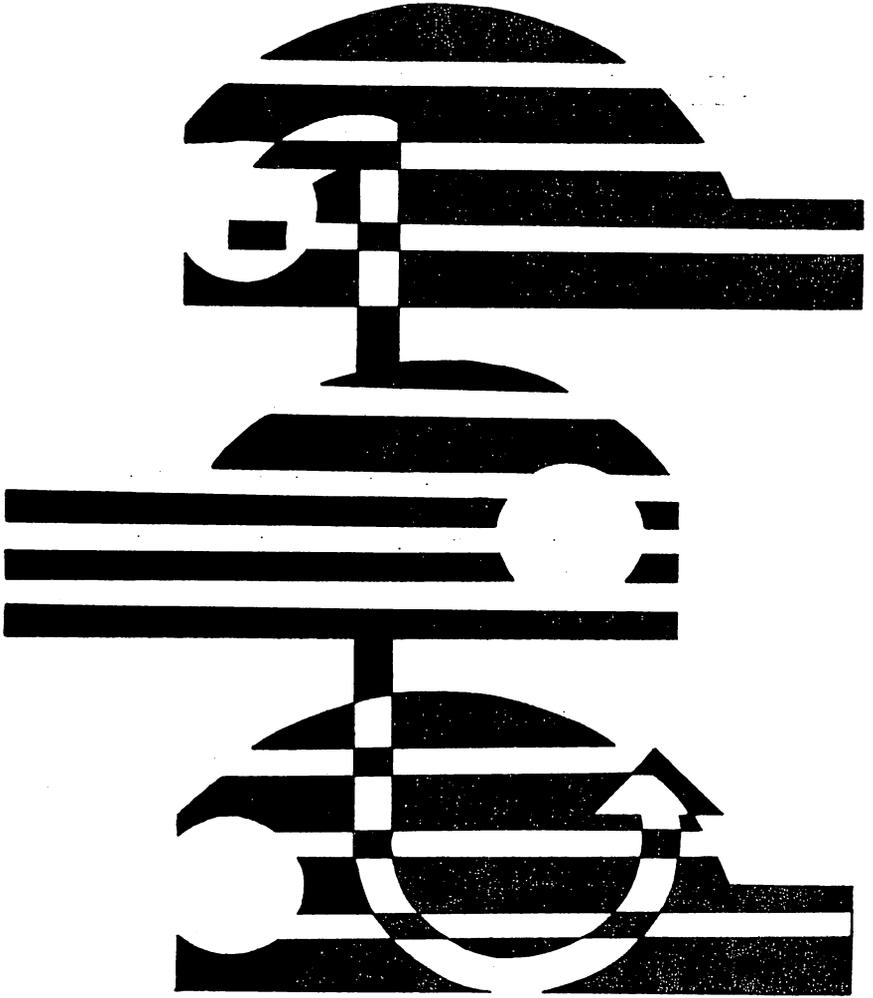
Faculdade de Letras

árvore ser de alvorecer e sendo
assim em raiz em nua face e foice
(alvorossoho foi-se, mente e lavra)
que de tão somente semeou palavra

por de onde sol anzolazul em céu
de peixe e mar esculpido e pronto
: frontisprefácio : em seta dor dedilha
a ária em harpa : peixe arpoador

arma da terra ameri ca me tengo
mi na vida nota cor de lheira
por de onde ondeias oceano
a tantas noites a tlanti cais me vengo
atlantas noches de mandar te andes

e ar vou ser em nada: serenata
peixe tecla dor de pescantar
anzolazul em punho, espada nua e n'antes
morrer de américa os relógios de neruda.



2º Lugar

PERPLEXIDADE

ANA DE AMSTERDAM

Antônio Carlos Gomes da Costa

Faculdade de Educação — 1º ano

que fazer em mim
do anjo degradado
que só tua presença
infla para o sonho?

que fazer da hora
que plácida se entrega
à mansa expansão
do meu desejo?

que fazer da flor
tão frágil e úmida
no leito entreaberta
à minha posse?

que fazer de ti
múltipla mulher
oceano vago
no cristal partido?

3º Lugar

NAVIGARI NECESSE (Carta à Penélope)

TEDA

Sônia Maria de Melo Queiroz

Faculdade de Letras — 3º ano

me aproximo do porto
do ponto
de partida.

lanço âncora no
cais
onde espera
meu sonho
(espera, Penélope!)

me aproximo do encontro
o encanto
: chegar é partir.

quando chegar ao teu corpo
o porto
ancoradouro do meu

corpo

fico

(em chamas)

finco pé de guerra

contra todo o oceano

ateio fogo às águas

(ah! teus cabelos, Penélope!)

incandescente

embarco meu gesto

(vem, Penélope, te incendeia junto)

e partimos.

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

O GADO

*para os tempos de nhonhô meu pai,
em água azul dos pastores, sem cajado e vento...*

GREGÓRIO LUCIFER

Antônio de Pádua Barreto Carvalho
Faculdade de Letras

I

uma castanha
uma báia de orelha preta
uma moira de roxo
uma báia de chifres para trás
uma amarela manchada
uma retinta
uma amarela
uma báia de cara vermelha
uma báia
duas moiras pequenas
2 moiras médias
3 moiras grandes
1 amarelinha
uma moira amarrucada
outra amarelinha de pé fino
a de focinho torto
uma preta
uma vaca,

II

depois meu pai contou o gado
e as saracuras piaram no brejo
e os sabiás iniciaram
(num coro em lá menor)
o concerto de bradenburgo

E meu pai não viu o boi
nas invernadas verdes,

Sua cabeça adormeceu
sobre a mesa da cozinha urbana
e sentiu o cheiro agrário do fogão a gás
o tropel dos automóveis no asfalto
no cotidiano das caixas registradoras,

III

E os bois vieram chegando:
cabisbaixos

don-bernardos

raparigos

viscondessos

candidatos

baóbaós

cabedais

porquespins

frei-jorges

caçapavos

baregães

circunflexos

zézumzuns

caloqueios

zabianos

coronéis

bexigos

duplicatos

quadrilongos

estradabranças

solitários

espingardos

bojadores

dalém-daléns

tragoleios

vagalumes

veteranos

	saltibancos	espantalhos
xerifes		
	mascates	
circunscritos	querozenes	
	figurinos	
		bentevis
barbaz is	delegados	
	dançarinos	
	embarços	
	noviorquis	

IV

Era uma vez o meu pai
 que foi boiadeiro uma vez...

(A chuva caindo no telhado: aboio virulento de gotas agrícolas)

PARÁVOLA

GREGÓRIO LÚCIFER

Antônio de Pádua Barreto Carvalho
Faculdade de Letras

Em palavra vos digo
do pouso do pássaro
preso no muro

Em parábola vos digo
da seiva e do fruto
mortos no ventre

E assim postos: apóstolos
pássaro e fruto
só me resta a semente
a ser lançada no escuro.

EU, DE NOME LUTERO REIS

ARRAS

Luiz Otávio Linhares Renault

Faculdade de Direito — 4º ano

Eu black power
enoitecido de correntes e porões escuros
sou visceroso de ásperos estratagemas
de dor silente
e históricas injustiças.
Como testamento
o ventre tributável
os punhos limados
o corpo tatuado de impiedoso açoite.
O infortúnio do negro
descende de sua negra cor.
Afoito a esta rebelião
sou estigma confluyente
armar — amar
tardios princípios.
Eu, de nome Lutero Reis
homem-revoltado
derramado de futuras instituições
freqüentei da prisão racial
os estreitos limites e temores da senzala.
Vindo de longas noites
de noturno lamento africano

escavei o vazio extremo
velei o grito e a traição.
Tens aí o meu compromisso de negro:
o sangue branco do meu nome
trespassado de ferragens e acres feridas.



OS SOBREVIVENTES

KRUG

Eugênio Gomez

Faculdade de Medicina — 5º ano

estão no escuro ouvindo ruir os últimos
edifícios da américa

o rádio só sintoniza agora uma estação
asiática e o locutor antes de escapulir
do ar informa não haver mais vida sobre
a europa e que a áfrica é um continente
submerso

estão no escuro silencioso mergulhando-
se em sonhos bastardos

ela pergunta se ele se lembra da noite
em que os dois dançaram na chuva escan-
dalizando as pessoas

ele sorri na lembrança e estala na pon-
ta da língua o gosto nostálgico daquele
cuba-libre

o sub-solo é invadido pela verde clari-
dade de campos perdidos e eles se amam
grunhindo como cães de caça

POR ESTAS SUCESSÕES TESTAMENTÁRIAS

JOMES

José Gomes da Costa

Faculdade de Direito — 5º ano

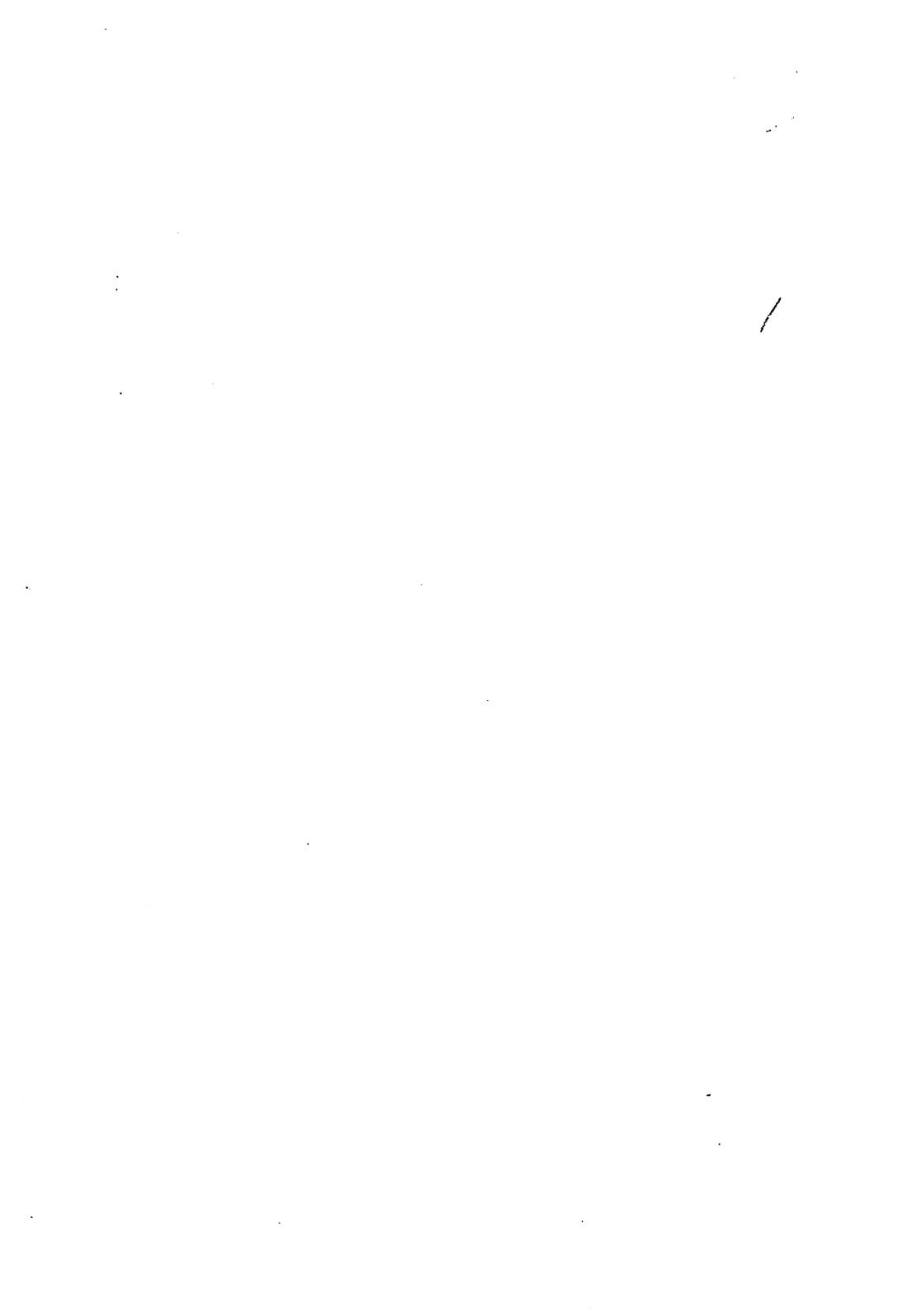
DESTAS NOSSAS PROPRIEDADES HEREDITARIAS, CERCAS, ARAMES FARPADOS, PAPEIS SOLENES, VALADOS, SEBES, SUBIDAS E LEGADOS, DESTE TOSCO TESTAMENTO, QUE ASSEGURA AS TORMENTAS, DE LINHAGENS BOLORENTAS NESTAS NOSSAS INTESTADAS DETESTADAS SUCESSÕES. DESTES NOSSOS ÓBITOS-HABITOS, CONFISSÕES, / CLAUSULAS, CONTRATOS E VONTADES, EXAURIDOS NESTAS POSSES, QUASE NOSSAS, NESTAS/ ERAS INSINCERAS, DESTAS CORES E AMORES, / DESTAS BANDEIRAS DE DORES E CONTRADIÇÕES. DESTAS NOSSAS IMPRÓPRIAS IDADES AVANÇADAS; ALHOS, OLHOS, ARDEM OLHOS, DENTES, / SEMENTES, DESTAS TERRAS E AGREGADOS, NO VELAR, POR NOSSAS MORTES, APÓS CUMPRIDA/ A FINALIDADE DESTA NOSSA SORTE DESASTRADA.

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS



A LOUCA DE LA PAZ

Mônica de Catella Noronha

Eu vi a mulher ossuda e pálida
que doou seu sangue pela América Latina

Seus cabelos estavam plantados
nesse chão inquieto
e sua testa suave países
e seus pés pareciam raízes
de alguma árvore secular

Eu vi essa mulher sem idade
jurar nunca ter nascido
nunca ter morrido
pela liberdade

Eu vi essa mulher metida
em suas sete saias desforradas
com suas sete filhas agarradas
ao corpo fino que lhes deu a vida

Eu vi essa mulher sumindo
numa noite de luas guerrilheiras
elatinoamericana
subindo para junto das estrelas.

QUEM

Ana Cecília Carvalho

olho os traços de mim como um espelho
riscado de baton onde
insetos pousam e
luzes se refletem e
iluminam o palco onde
atores já estão a postos atrás da cortina

na frente das pessoas sentadas
algumas até mascam chicletes
e se abanam nuvenzinhas de pó
e resto de perfume guardado
pelo teatro

que as protege da chuva repetida lá fora
na rua cheia de automóveis engarrafados
esperando a polícia intervir e
buscar o corpo caído de repente de
um dos edificios e que
tem o rosto virado para o chão com
pedaços de vidro quebrado em torno da cabeça
partida de espelho riscado de baton
onde gotas insetos pousam e luzes se refletem
procuram apressados identificar os traços de mim

NOTURNO

Charles Magno Medeiros

neste silêncio
pode-se ouvir passos do lagarto
que passeia sobre o vidro

neste silêncio
em quase abrir-se de uma aurora
ouve-se até o vento antigo
que balbucia um canto triste
por entre frestas do velho edifício

silêncio que amortalha o tempo
e tece fina rede do desencanto
deduz lágrimas de olhos claros
eterniza agonia do crucificado

em algum lugar haverá insônias
em qualquer estrela pousará um sonho
em mãos abertas
há de mergulhar um rosto em desespero

este mesmo silêncio oculta o grito
do suicida
ou acolhe o choro do recém-nascido

prestes a morrer ao encontro da luz
este silêncio parece destilar
gota a gota
toda a milenar dor do homem.

JATO

Luiz Carlos Alves

I

um jato é o jato
um avião a jato
belo como um pássaro
no exercício do vôo

II

no chão
um jato
perde o poder de encanto
é só
máquina

III

o jato existe
entre
a palavra e a luz
j'(ato)
em

c
r
cr uz
u
z

e/ou

C O G U M E L O

Albuquerque, N. México, 1965

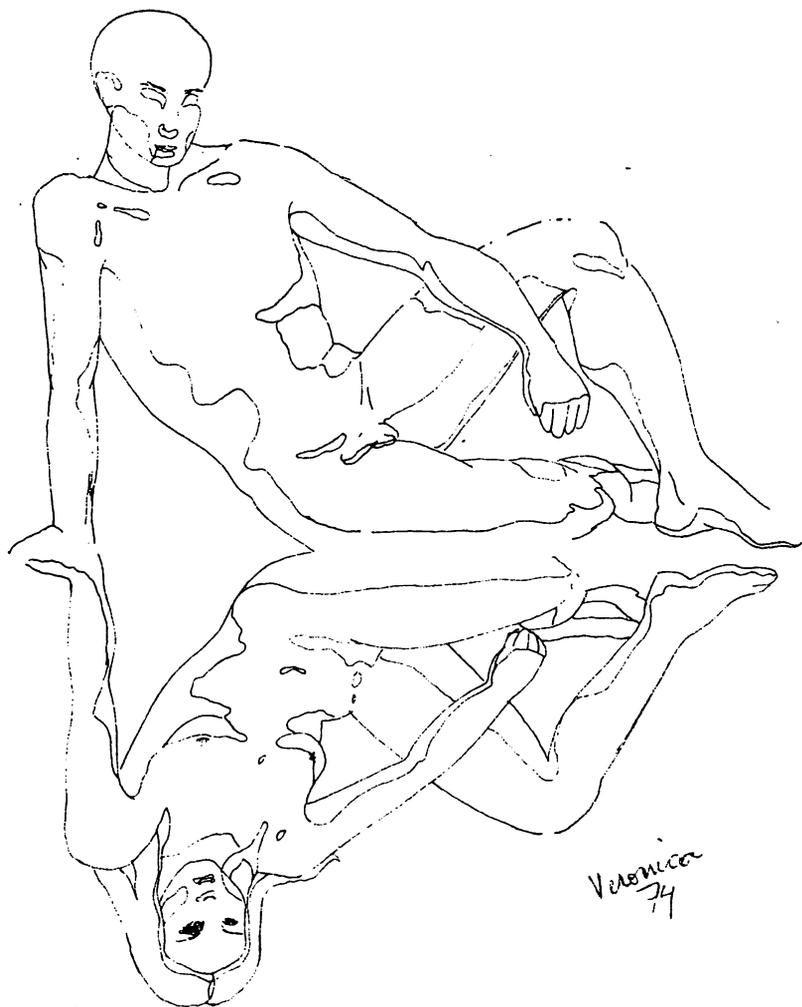
POEMA

Luiz Carlos Alves

Venho da solidão de minha noite
para habitar a praia de teu corpo
e no início do ventre ^e ~~te~~ conhecer-te.

E quando a paisagem azul nos olhos
se desfizer sob os punhais de chuva;
e quando descobrires minhas mãos
desvendando secreta geografia;
e quando te sentires uma oferta
bebida em seu mais íntimo segredo,
virás então depositar teu pranto
nas areias de minha solidão.

Perguntarás por que plantei espinhos
— se apenas vim — no solo de teu corpo,
onde florescem rosas e gerânios.



POEMA

Luiz Carlos Alves

Pisamos flores nesse chão noturno
com sapatos de treva.

Pensávamos talvez que fosse cacto,
diagrama de sal,
corpo em decúbito;

diríamos, porém, que são punhais
compondo em rosa

a necessária geografia

onde o peixe descansa a eterna fúria
e descobre o segredo da viagem.

O RATO

Orlando Bianchini

o rato cumpre
seu mister : roer
os restos do homem

o rato rasga
no escuro o roto :
véu de sua fome

o rato marca
no rastro no rito
ranhuras : seu nome

do rato resta
a reserva de sua
fidelidade ao homem:



AQUÉM

Danilo dos Santos Pereira

Os mortos, Senhor,
eu os sei trespassados de ferrugem,
sérios e graves a transmutarem
nossas memórias doídas
e nosso ceticismo mudo,
opacos e fétidos a observarem
a deslavada calma
que antecipa nossa agonia,
sorridentes (e sempre) vasculhando
a estúpida caminhada
de nós vivos que de vivos nada temos.
Há muitos blefes na História
pois os mortos são de morte
e apesar de inanimados,
nos olham compenetrados,
de lado e silenciosos,
como que assegurando
a permanência exata
das leis que pra nós ditaram.
Invadem, a tudo invadem,
os monumentos, as praças,
e seus bustos orgulhosos
repousam por sobre placas,
acompanhados somente
de aranhas tecendo teias,
e a cabeça ornamentada
com bosta de passarinho.

PROFECIA

Eduardo Lopes

quase nada valerá o aconchego
gasto dessa areia, um sol dor-
mente torcerá os nervos dos
arranha-céus, o azul se embria-
gará e varrerá a inocência das
conchas, os homens rasgarão as
roupas e comerão a erva das
dunas, desenharão na pedra um
buquê de urtigas e será comple-
to o pacto, as ondas não ocultar-
ão a fraude porque só haverá
lixo para aplaudi-las. no de-
sespero, a noite amanhecerá lá-
grimas, naufragarei, em zigue-
zague, na sombra dos tentáculos
e buscarei o corpo, o suspiro a-
dormecido e serei estátua de
mim no entreato da contusão dos
tempos.

MEU SENHOR DOM QUIXOTE (*)

Valéria Furtado Azevedo

Senhor

Por este caminho escuro que caminho
Vos sigo, Senhor, vos persigo
Sombra, cansaço, dor, Senhor
Eu sigo.

Senhor

Seguindo o caminho escuro que seguimos
Não sei qual de nós ambos
Caminhantes
Mostrou maior loucura:

Vós, Cavaleiro,
Que buscais a aventura
Ou eu
Que acompanho
Vossa triste figura.

* Poema premiado (2º lugar) em concurso literário instituído pelo Centro Acadêmico Afonso Pena, da Faculdade de Direito da UFMG.

POEMA PROPOSTA

Ronald Claver

(GUIA PRÁTICO PARA FAZER UM POEMA EM UM MINUTO)

VOCE poderá mudar de vida ainda hoje ou a partir de hoje

SEU PROFESSOR IRÁ ORGULHAR-SE DE VOCE

Seja mais feliz acompanhando as lições deste manual
Os exercícios são dados gradualmente

Utilizamos técnica nenhuma e...

Faça um teste com a sua inteligência e vê quem pode mais
você ou ela

SER POETA É UMA GRAÇA DE DEUS

AVANTE, COMPANHEIRO!

BRINDE DA CASA

Consulte o livro RIMAS E VILACEN-
TES OU A PROCURA DO SONETO
PERDIDO

Na página LXIV você, arguto candidato,
encontrará o dito

Poema Proposta (1)

PROPOSTA : *Faça você mesmo o poema* (2)

PERGUNTA : O POEMA é um bicho de 7 cabeças?

RESPOSTA : de 8

MEMÓRIA : POETA do grego 'poietés' — "o que faz"

CORO : FAÇAMOS ENTÃO

1. *Instruções:*

Leia atentamente a convenção abaixo:

Convenção — V (VERBO) — VV (LOCUÇÃO VERBAL)

S (SUBSTANTIVO)

A (ADJETIVO E ADVÉRBIO)

L (LIAMES= conj. prep. contr., etc)

P (PRONOME)

1.1. *PROPOSTAS* (3)

Daremos algumas propostas que possibilitarão a feitura de um poema. Recomenda-se a leitura em voz alta para melhor aproveitamento do candidato.

1ª *PROPOSTA* (SEM VARIAÇÃO) — O primeiro verso ou linossigno (4) — o candidato pode escolher o nome mais bonito — deve conter: V+S+L+P+S; o segundo terá: L+S+A.

OBSERVAÇÃO NECESSARIA — para maior segurança do candidato, este poema deve ter 8 versos ou... Vamos dividi-lo em 4 estrofes. (5)

2ª PROPOSTA (SUJEITA A VARIAÇÕES)

S+ OBSERVAÇÃO TAMBÉM NECESSÁRIA)

PROPOSTA V S+ O tamanho do poema é ilimitado
E S+ Cada estrofe deve conter 3 ver-
R S+ sos ou... Nota-se, a princípio, que
T A+ se trata de uma forma apurada de
I V+ linguagem.

C

A

L

1. Preferimos o nome POEMA PROPOSTA ao POEMA ESTRUTURAL. Porque ele não tem a pretensão de constituir-se uma rede de associações.
2. POEMA — do grego ‘poíema’ — “o que se faz”. Há o poema coisa; poema figurativo; poema piada; poema prosa; poema concreto; poema processo; poema poema e finalmente o *poema proposta*.
3. Esta é a primeira lição. As propostas e os códigos são simples. Na segunda, candidato amigo, as coisas complicam.
4. VERSO — Linha escrita de sentido completo ou fragmentário, que se caracteriza pela obediência a determinados *preceitos* rítmicos, fônicos ou meramente *gráficos*, pelos quais diferem das linhas da POR-SA, digo PROSA LINOSSIGNO — Linha de palavras sem contagem de sílabas nem rimas que sendo assim aproveita melhor o espaço gráfico. (Candidato amigo, a escolha é sua. Preferimos PALAVRAS EM MOVIMENTO).
5. ESTROFE — Cada uma das séries ou grupos de versos ou linossignos que compõem o poema. Do grego ‘strophé’ — “volta” — a ária que o cantor cantava em movimento. Preferimos BLOCO QUE SE MOVIMENTA AO SABOR DAS PALAVRAS.

3ª PROPOSTA (TAMBÉM VARIÁVEL)

PROPOSTA ESPACIAL

Aqui você deve ser conciso, econômico e seguro. Use lonas de freios nos pés. O terreno é escorregadio. Cuidado

com a metáfora. Este poema terá apenas uma estrofe ou bloco (se me permitem dizer). O vocabulário vai de Dédalus até o Skylab. O poema terá a forma de uma linha reta. Segundo os matemáticos será infinito. Não se esqueça do exercício de Ioga antes de entrar no infinito.

S+V+S+A+L+VV+V+V+V+V+V

4ª PROPOSTA (VARIÁVEL A PARTIR DA 4ª ESTROFE)

OBSERVAÇÃO NECESSÁRIA — A 3ª PROPOSTA deverá conter, no máximo, 3 estrofes. Ou seja:

A+S+A

S+L+S

P+S+V

A (ou S)

POST SCRIPTUM — As propostas terminam aqui. Quando você se considerar um “Pelé” poderá passar para a 2ª lição. Um poeta não se faz de uma vez. É necessário um exercício de gradação. Mas isto não impede que mostremos outras propostas, adiantamos que não são recomendáveis. Mas se você é um cara criativo pode e deve tentar.

A = *PROPOSTA CIRCULAR* — Faça um círculo. O diâmetro fica a seu cargo. Na linha do círculo escreva palavras redondas: (Ex. buracO, Mulher gOrda, rOlha, umbigO, grávidO, circO, POrcO, sOl, redOndO, etc.

B = *PROPOSTA MUSICAL* — Utilize as notas musicais. Use partituras. Peça um baiano para te ajudar.

C = PROPOSTA OPTICA — Tente captar o olhar de mona lisa.
Use lentes de contacto. Revire o olho. Mas não se esqueça de acender a luz.

D = PROPOSTA ABERTA — Não escreva nada. Para um bom entendedor um pingo é letra. E depois abra a porta para o IBGE.

E = PROPOSTA DIVINA — Você é como Deus, pode criar. Mas, por favor, não se esqueça da pílula.

AGORA, CANDIDATO AMIGO, VIRE A PÁGINA, VAMOS COLOCAR EM PRÁTICA A TEORIA

2. FAÇA VOCÊ MESMO O POEMA

2.1. PARA sua maior comodidade sugerimos alguns temas:

A PATRIA, DE COMO A BOCA DA NOITE ENGOLIU
O CROÁ, CROÁ DOS SAPOS E VOMITOU ESTRELAS,
UM PASSEIO NA ROÇA, O DIA EM QUE TE VI, VOCÊ
USAVA ORGANDI, MINHAS FÉRIAS, O OLHAR DO
GUARDA DA MINHA RUA, MINHA RUA, RUI BAR-
BOSA, O PALADINO DO SUL, NADA COMO SER ROSA
NA VIDA, NOITES QUE NÃO VOLTAM MAIS, MEU
PRIMEIRO DIA DE AULA, A NOITE, MEU PRIMEIRO
AMOR, GELEIA MOCOTÓ, NÃO PENSE DUAS VEZES,
TRÊS BASTAM e etc...

2.2. PARA seu maior comodismo arrolamos algumas palavras que podem ser úteis. Tomemos, por exemplo, um tema proposto: A NOITE. Em seguida coletaremos algumas palavras que fazem parte de seu universo ambiental. Por exemplo: farol do vagalume; suspiros de uma mocinha numa rua sem postes; a televisão; quero fazer uma seresta em corpo que mais parece uma viola sem cordas; a serenata; boneca noturna; o pio da coruja; o cafezinho da sogra; a vela; a casa; as vagas estrelas que vagam na Ursa Menor; a estrela que não é d'alva; a solidão de um sinal de trânsito; o KOHOUTEK (ninguém viu, mas a poesia não tem compromisso com a verdade); enfim sós; êta escurinho bão, e etc.

3. AGORA Ê A SUA VEZ — Daremos alguns exemplos das propostas propostas

1ª PROPOSTA — V+S+L+P+S = OU toco violão em seu
L+S+A corpo de noite escura

2ª PROPOSTA — S+ OU a música
S+ a seresta
S+ a mulher
S+ o violão
A+ mudo
V cala

3ª PROPOSTA — S+V+S+A+L+VV+V+V+V+V+V+V+

a novela é um saco grande que vai enchendo, enchendo enchendo

4ª PROPOSTA — A+S+A OU calma noite calma
S+L+A noite de cristal
P+S+V sua boca cheira
S(ou)A mal

OBSERVAÇÃO MUITO NECESSÁRIA — Não se preocupe com o conteúdo. Nem com a forma. A forma é o conteúdo aparecendo. Leia Marcuse, Mc Luhan, Mc Namara. Tire na marra o diabo de você. Olhe o exorcista.

Agora, se você é daqueles que ainda acham que a palavra já era, tente expressão corporal.

Até a próxima lição, candidato amigo. Vem aí o poema-bula.

SEJA FELIZ

CONTOS

O PÁSSARO DE TERNO DE LINHO BRANCO

Octávio R. Mendonça Neto

Dizem que foi na praia... Numa daquelas tardes chuvosas de verão, em que céu e mar confundem-se num cinza único, que ele surgiu, anunciando-se príncipe destronado de um reino infinitamente distante.

Apareceu-me pela primeira vez num dia quente do verão de 1954 e a partir daí sua rota diária levava-o invariavelmente à minha casa.

Nunca soube ao certo o que o atraía... Talvez a grama plástica que papai acabara de plantar, e que apesar de nossos esforços em contrário crescia assustadoramente por entre papoulas inexistentes... ou talvez meus sonhos coloridos que eu costumava expor pelo jardim como se fossem quadros em uma galeria de arte. O fato é que agradava-me sua visita diária, pois príncipes destronados andavam raros naqueles dias.

Santos — Verão de 1954

Em casa de meus pais.

Era uma tarde quente como nunca mais, e o brilho forte do sol fez com que sua sombra transparente inundasse o meu jardim, esparramando-se por todo o gramado... Minha primeira sensação de medo foi se dissolvendo como se dissolve na boca uma bala de alfenim, e aos poucos fui percebendo que há muito o aguardava.

Fiquei parado, olhando-o como se mais nada existisse no céu, enquanto ele, como um pássaro, sobrevoava os telhados vizinhos. Vestia um impecável terno de linho branco e um chapéu, que apesar de suas graciosas evoluções, mantinha-se firme em sua cabeça, escondendo os cabelos que talvez já não tivesse. Não possuía asas, como seria de se esperar, e nem dispunha de qualquer espécie de mecanismo para manter-se no ar, bastando-lhe para isso periódicos movimentos com os braços.

Primeiro voava alto... em círculos... mas depois de circundar a torre da igreja, mergulhou direto para o meu jardim, pousando majestosamente... assim como pousa um príncipe. Permaneceu alguns segundos olhando-me fixamente e quando percebeu que eu ia falar-lhe partiu em direção ao norte.

Diálogo imaginado depois que ele partiu.

Eu: — (perplexo, quase gaguejando) — De onde você vem?

Ele: — (pausadamente, com voz sofrida, como se toda tristeza do mundo lhe escorresse da boca por entre as palavras) — De muito longe... onde não há portas. Moro num quarto sozinho, com um relógio de bolso e um pêssego em calda.

Eu: — Sempre pensei que príncipes morassem em castelos.

Ele: — Isto foi há muito tempo... quando ainda havia portas.

Eu: — (tentando mudar de assunto, já que não entendia nada de portas) — E como você faz para voar?

Ele: — Basta mover os braços, como se fossem asas.

Eu: — Não acho que seja tão simples assim.

Ele: — Vocês sempre duvidam das coisas simples. Por que não tenta?

Eu: — Tenho certeza que não conseguiria,... e além do mais eu não tenho um terno de linho branco.

Ele: — Não lhe fará falta.

Eu: — Talvez... mas não teria graça nenhuma sair voando voando por aí com uma roupa qualquer.

Ele: — Você é quem sabe... Bem, tenho que ir... um relógio me espera... Até amanhã.

Eu: — (ainda perplexo, mas com a voz mais firme) — até amanhã.

Não me recordo quando cheguei a vê-lo pela última vez, eu era muito pequeno naquela época. Tudo o que me resta dele são duas ou três fotos tiradas não sei bem por quem.

MEU CASO DE LIXO

Hiran Firmino

Ali só vão os caminhões da cidade grande para atirar montes de imundícies sobre as outras montanhas de lixo que vêm crescendo há anos. “Moço, por favor. Não deixa que eles tirem nosso lixo não, senão a gente morre de fome”. Também ali falta água. O único recurso é comprá-la num depósito próximo à Rua das Pedreiras. A lata, de 20 litros, custa 30 centavos e o tambor de 200 litros, dois cruzeiros. “Uma lata de 20 litros dá pro gasto, pois meus filhos não toma banho. Pra que tomar? E o nosso serviço heim, seu moço?”

Assim é que a população que vive junto à Rua das Pedreiras, respirando os gases provocados pela decomposição da serra de detritos, sugada pelos pernilongos em nuvens espessas, tirando daquela sujeira a sua própria sobrevivência.

São cento e poucos o número deles por dia, os caminhões. As toneladas de lixo, trezentas. Bandos de urubus disputam os restos da cidade naquele alto de morro, em Sabaiana. Querem destruir Sabaiana. Todos querem. Mas Sabaiana é forte, é um ciclo inevitável. Como sempre ela apenas acompanha sua sina e seu ciclo, agora de decadência. Ela é pobre como a própria vida que as pessoas levam ali. Tem uma pequena população somada de um lado e de outro da Rua das Pedreiras, além dos que ainda estão para nascer.

Gerada do lixo, princípio e fim do ciclo, Sabaiana é um vilarejo, serventia de entulhos e despejos, de lá, onde risos

e latas cheias pedem para partir. Seu fundador é Teco Ramilo, o vingador. Por suas mãos, uma quantidade enorme de cacos de vidro, papéis e papelões e principalmente latarias voltam à cidade. Teco Ramilo é aquele homem que não consegue levar a vida suja, sujo durante muito tempo. Aí a razão da imunda Fricoteira e do primeiro barraco de Sabaiana. Eles não têm filhos e é Fricoteira mesma quem diz: “Os filhos fazem muita falta, pois aqui todo mundo se ajuda. Quanto maior a família, mais dinheiro”.

Mesmo assim, Teco Ramilo tem uma posição de destaque em Sabaiana, pois só ele recolhe madeira e caixas de papelão o que lhe dá um bom lucro. “Eu custei pra sair do papel. Agora tô na madeira. Pergunta só pra Fricoteira a dificuldade que isto trouxe pra gente”. Em Sabaiana existe, de fato uma diferenciação social e até hierárquica entre os catadores de lixo. Há os catadores de comida, latas, papel e os de metal. Estes são os que ganham mais dinheiro e têm conta no buteco do Caveira. São eles os aristocratas do vilarejo.

Mas é a chuva agora que custa a passar. Todos que se arriscam a sair dos seus barracos, caem, enroscam-se e envolvem-se em tanta porcaria que parecem pequenos depósitos de lixo ambulantes. Muita lama e o barulho dos caminhões basculantes descarregando o mesmo tanto de sujeira e esperança. Todos estão mudos ou surdos. Acaba de morrer mais um debaixo dos caminhões. Ninguém dá atenção, pois a ambição é maior e as podridões as mesmas.

Hoje faz um incrível lamaçal e o sol está preguiçoso e desacreditado como nunca. Teco Ramilo está surpreendido pela verdade. Ele descobriu a traição de Fricoteira com o Joca, o Dondinho, Procópio e o Totonho, este seu melhor amigo. Ele divide calmamente as latas, os trapos, os barrís, enfim, todo o lixo que ambos construíram com tanta necessidade. Todo mundo é convocado para testemunhar o ocorrido, outra vez. Sabaiana, perversa, parece cidade grande. O sol continua e o pessoal com roupas menos encardidas busca chapéus e paletós há muito guardados. Teco Ramilo separa-se de Fri-

coteira como a lama separa-se da água, com toda boa vontade. O pessoal ainda é pouco e Sabaiana se divide também. Colocam barris de óleo queimado, em fila, e uma cerca de arame farpado no meio da Rua das Pedreiras. Sabaiana passa a ter agora duas partes.

Teco Ramilo fica com a maior parte dos homens, 17 crianças, e três porcos, uma galinha preta e um galo. Fricoteira ganha a simpatia das mulheres, das meninas, dos passarinhos e de três porcos. Ela fica com menos gente, mas num instante a diferença termina devido aos seus romances contínuos nas madrugadas, sob os papelões úmidos e os pneus cheios d'água.

O sol some, o cheiro continua, a fome molesta como antes e o antagonismo dos dois torna-se alarmante.

O buteco do Caveira é o único da Rua das Pedreiras, cheio de mosquitos e cuspes pelo chão, que é de terra batida. A cerca também o cortou em dois. Numa porta está escrito: "Banho de chuveiro CR\$ 0,70 — Água CR\$ 0,25 — paga na hora". E na outra "temos leite e pão".

"O povo só compra mesmo é água e banho. Leite e pão, não" — diz Caveira, o oráculo de Sabaiana. Mais culto que os outros, ele divulga no buteco a notícia que a prefeitura vai montar uma usina de transformação do lixo. Ele irá acabar. "Por favor, seu moço, nos ajude. Não deixa eles tirar ele não".

Com muita surpresa chega um silêncio preto em Sabaiana e o Caveira é esquecido de novo. Ela é invadida por constantes despejos de resíduos de carvão da nova fábrica instalada na baixada. A poeira é escura como nunca se viu e Sabaiana sorri feliz feito boba. Novas perspectivas e o pessoal mais moreno. Quando os frigoríficos amontoavam vísceras em decomposição, voltavam os lamentos. Aí, Sabaiana chora sim, sozinha. As mulheres então deixam os cabelos cair no rosto e nos homens, os pelos do nariz crescem sem parar.

Só assim se pode viver em Sabaiana. E no alto, nos aviões, nos viadutos e nas rodovias distantes, os burgos proliferam cada dia mais exigentes e Sabaiana encaminha os políticos ao poder, enquanto outros passeiam através das repórtagens,

dos contos, e do dinheiro de campanhas e mais campanhas, Sabaiana continua sozinha, de teimosa, na luta.

Totita nasce e Fricoteira quase morre, tamanho é o susto. Apesar de ter perdido a conta de seus filhos e maridos, o que mais lhe espanta é o fato de Totica ter nascido tão limpa, mesmo na sola dos pés. Com efeito, ela é tão alva, seus olhos azuis por todos são vistos com desagrado. Por isso, é amarrada na trazeira de um caminhão de carvão e lavada com barro e nódoa de bananeira para a paz retornar rapidamente à Sabaiana. Tequinho, que nasce do outro lado do lixo e no mesmo instante, parece saber do acontecido. Igual ao pai, Teco Ramilo, ele não chora, mas no brilho das suas lágrimas que não saem parece saber do triste destino que os aguarda. Têm que esperar 20 anos, uma quantidade imensa de caminhões, e um amontoado de tambores de óleo, papéis sujos, caixas amassadas, plásticos, carniças, fezes e muita fome.

Agora nos 10 anos, Tequinho vale-se dos beijos roubados à noite e dos abraços difíceis entre o arame farpado e o sorriso sincero de Totita. Os dias são mais longos e as noites pequenas, o segredo corre. Somente Fricoteira e Teco Ramilo ignoram a existência do romance proibido.

Tequinho é um homem e Totita é a sujeira mais bonita de Sabaiana, quando são surpreendidos dentro do cesto de palha, que fede a peixe estragado. No meio de tanta sujeira ficam gelados de medo e choram tanto quanto a chuva que pensa em cair. Por sorte, a enxurrada violenta os leva para debaixo da grande cerca, justamente na divisa de Sabaiana. Por isso ficam imunes e o pessoal hesita no linchamento. O ponto simbólico da separação de Sabaiana é sagrado e ultrapassá-lo é morte certa. De um lado, o velho Ramilo vomita tanta zombaria que seu próprio filho treme além do frio que circula. Do outro lado, Fricoteira amassa latas de conservas com os pés e enfia a cabeça na lama. São precisos duas semanas e um pouco de sol para Tequinho falar alguma coisa. Totita só soluça.

Um calor percorre todo o lugar, depois da notícia transmitida por Caveira, que sabia ler e escrever, e que chega correndo: "Mais de 20 empresas nacionais e estrangeiras inscreveram-se na concorrência pública para a construção da usina de beneficiamento do lixo. Quanto aos moradores da Rua das Pedreiras, não existem..."

As mariposas trombam-se no ar e no chão, a sujeira ferve. O mormoço cala o céu e o sono pesado chega. Todos dormem e no mesmo ronco sussuram ao ouvido dos amantes a profecia de Sabaiana:

"Somente daqui a nove meses vocês poderão se encontrar".

O trovão grita no horizonte, o bocejo é geral e a lama volta a ser amassada como antes. Tequinho está no quintal de sua casa, perto de um vaso sem flor e um porquinho pintado. Ainda sonolento, indaga com voz bem baixa: "Totita".

O ronco grave e constrangedor dos caminhões, entretanto, a despejarem mais lixo, não deixa ouvir o canto triste de Totita, do outro lado da cerca, amarrada com latões que lhe penetram na carne.

Ele chora todo aquele tempo e Sabaiana sorri, invejosa. Já agora o mato cresce sem parar. Os porcos engordam, morrem e crescem de novo. Galinhas sem penas e passarinhos só tossindo. A barba do velho Ramilo cresce tanto que as crianças deslizam na lama agarrados nela. As velhas sorriem sem parar, mostrando as gengivas escuras e esquecidas da falta dos dentes. Tequinho se distrai, pois o fedor de uma ossada lhe traz a notícia de que Totita tinha saído à Rua das Pedreiras e gritado que esperava um filho seu. É o bastante para ele sorrir e lhe quebrarem todos os claros dentes. Totita tem os cabelos raspados e a sua comida exposta bem no alto do abacateiro, tal é o ódio de Fricoteira, que agora anda resmungando sobre a muleta de pau. A perna esquerda foi perdida num dia de muitos caminhões.

O tempo voa e Sabaiana torna-se cruel como as grandes cidades. O pouco de amor que ali existia diluiu-se no choro faminto e magro das crianças que só sabem nascer. Após

sete meses, o prefeito, com a cara feia e o nariz tapado pelos seus assessores, que também desaprovam Sabaiana, sobrevoa toda a região. Um pressentimento toma conta de todo o lugar.

Pinhoso é totalmente contra este pressentimento. Ele tem um defeito na espinha que o obriga a ficar sentado o dia inteiro na porta de seu barraco, o penúltimo da Rua das Pedreiras. Ali não existe divisão de cômodos. A cozinha, a cama, tudo fica junto. E sentada num banquinho de madeira, enquanto o pressentimento toma conta lá fora de toda Sabaiana, Diná Samambaia, sua mulher, está esperando forças do céu para ir pro hospital da Santa Casa. Ela já é operada de “baixo bexiga” e “queda do uti”, e agora sua pressão está em nove. Pinhoso é a própria preocupação de Sabaiana, com os maus agouros que antevêm o fim do lixo: “quem não pode acabar nunca é o lixo. A Diná, sabe, é que é muito mole. O lixo não faz mal a ninguém aqui. Meus filhos e os de todo mundo aqui são sadios. Só o povo da cidade é que acha ruim. Eles não moram aqui, né?”

Com dois dias de chuva os tratores atacam e devoram metade do lixo. Sabaiana, agora diminuída, se entristece de verdade, como a chuva miúda que cai. Duas famílias são tragadas e dispara uma luta sem tréguas. Homens, mulheres e crianças a brigarem por qualquer osso ou lata vazia. Aí é que Sabaiana chora feito criança que perde o caminhão das seis, o do mercado central.

Picão, Moemo e Muzambino, como conheciam gente lá da cidade, tentam a fuga e a sobrevivência junto dela. Tudo inútil, preferível não terem acovardado tanto. Picão permanece quase dois meses parado, sem comer, só tossindo, pra morrer grudado num quarto úmido de uma garagem. Moemo tenta entrar na escola e morre louco, gritando em plena avenida “Eu quero aprender, eu...” espremido no bueiro e no pneu. Já o Muzambino volta cabisbaixo, arrependido de tal aventura. Nem por isso é compreendido. Seu fim é triste, apedrejado e jogado no buraco quente.

Muitos em Sabaiana ainda não acreditam no fim do lixo, e nem na fome dos tratores. Catona das Mercês é uma delas. Ela é viúva e mãe de sete filhos, dois deles famosos catadores desde a última peste ocorrida em Sabaiana.

Ela não mora na Rua das Pedreiras, mas para os estranhos ela fala que é de lá: "Eu e meus filhos moramos a vida inteira aqui, catando lixo. No fim do mês, com um pouco de sorte e ajuda de Deus, isto dá até pra tirar uns duzentos cruzeiros. Agora é eu que lhe pergunto, moço. Onde é que eu vou arrumar uma boca dessa se tirarem o nosso lixo, heim? Ninguém pode fazer isso com a gente não, seu moço".

Passa mais um mês e com os serviços de urbanização, o lixo vai sendo diminuído, cada vez mais. Somente a esperança de Tequinho e Totita progride. Nove meses difíceis de passar. O último mês da profecia é contado nos dedos, em todos os dezanove dedos. Fricoteira reparte o pouco de lixo consigo mesma e mata os ratos mais afoitos com barras de ferro. Totita faminta. Do outro lado, o velho Ramilo, cego dos olhos, passa mais fome para não ver morrer tantos outros, pois ele é o fundador de tanta pobreza. Pelo menos, falam por lá. Só por isso. Mas Tequinho sofre sem parar e não é de fome. Com seu isolamento naquela vida à parte, acostuma-se a não mais andar, nem a comer e beber. Sua fome e sede é Totita.

A noite, a lua sai sem ninguém esperar e ao contarem todas as pessoas vivas, são encontradas quatorze. Já não existe mais o lixo. Só camada de cimento sob o lodo das carnes podres. Uma grama recém plantada, muitas placas proibitórias e, mais na frente, a sede da companhia construtora.

Fricoteira ainda insiste, presa aos cabelos de Totita, já crescidos de novo. A cegueira do velho Ramilo procura em vão por Fricoteira que perde as barras de ferro, na tentativa talvez de morrerem como começaram.

É noite do último dia da profecia. Vem tanta chuva que a pavimentação vira lama, os postes tornam-se troncos podres e um cheiro sem procedência retorna ao local. Os dois amantes

soltam-se dos dois defuntos e ansiosos, procuram-se. Tequinho caminha com seus passos doentios para um pequeno resto de lixo, que a prefeitura esquece ali, como de propósito. Em todo ciclo repetia-se este esquecimento.

Sem a cerca e o ódio, começa uma estranha felicidade. Totita com o rosto redondo e a barriga estourando arrasta-se na lama, gemendo com os dedos cravados no chão. Tem os olhos agora escuros e fixos no resto de lixo esquecido.

A chuva cinzenta é tanta que não percebem que o sol e a lua tinham aparecido e partido várias vezes. O beijo forte é o único alimento que recebem antes de morrer. E em cima do pequeno e então despercebido monte de lixo, uma linda criança nasce e sorri, inocente da vida. Mas seus olhos azuis de nada adiantam, pois a brancura da pele e o louro dos cabelos logo vão sumir para dar origem a uma nova Sabaiana...

No chão, no local onde deve ter sido o buteco do Caveira, há um pedaço de jornal: "Segundo informações, os aterros terão uma capacidade para depósito de lixo durante 15 anos, e logo que estejam saturados serão transformados em áreas verdes".

ANDRÉ

Hugo de Almeida Souza

Nesse momento em que tudo parecia normal, tudo certo, os carros correndo, as pessoas, o tempo e a cidade correndo, Laércio também corria; corria depois de um dia corrido em que, para sua alegria, fora admitido num emprego promissor, para o qual, nesse momento, caminhava com pressa; a pressa não o fazia cego, todavia, pois que o homem, quando está com pressa, fica cego e surdo e mudo, só vê o relógio, e o relógio não fala e ele vê o relógio e anda mais depressa; o tempo não espera, tempo é dinheiro e nesse momento, todavia, Laércio via; via mais do que todos e, com grande surpresa, viu duas espécies raras sobreviventes no mundo dos apressados; ali, no meio da multidão, não podia imaginar, ali, onde todos andavam para baixo e para cima, sem ver um ao outro, sem ouvir um ao outro, agora, ali naquela multidão, na calçada, à entrada de uma grande loja, quem acreditaria?, ali estavam dois personagens que só existem hoje na memória de saudosistas, pois Laércio não era saudosista, mas amante da vida, do calmo, do sem pressa, logo ali, na rua, Laércio viu uma criança sentada no chão, brincando com três formigas; as formigas eram negras e grandes, a criança, loura e pequena, seus olhos eram azuis e puros, como os olhos dos anjos, quantos anos você tem?, três, mas como você está aqui brincando?, sentado como você, esta caixa foi você quem fez?, a caixa era de palitos de picolé, puxa!, você chupou tanto picolé, heim?, foi mamãe que fez, esses palitos não foram usados não, e Laércio via as formigas aprisionadas naquela pequena caixa de palitos

novos e pensou: é mesmo, antes de ser usado, o palito de picolé pode ser encontrado em maior quantidade; agora que já sabia da procedência dos palitos, o nome do menino e das formigas, Laércio se entreteve também na brincadeira de André, e, como ele, se divertia: vai fugir, não vai, elas são ensinadas, quando elas chegam aqui em cima, voltam sozinhas, viu?, a Plita aqui, como é que você sabe que essa é a Plita?, não está vendo?, ela é um pouquinho maior, Tila não sai não, volta, e Tila voltou, Dula é a mais gordinha, não está vendo?, ela é que come mais, André falava com uma voz de anjo, a multidão não via nada, para ela ali não havia ninguém, e, inexplicavelmente, abriu-se, no lugar em que estavam sentados, um círculo em que ninguém pisava — desviavam-se todos, como que repelidos por uma força invisível, e não paravam e continuavam em sua pressa cotidiana, o tempo não espera, tempo é dinheiro, Tila vai fugir, André riu, Laércio viu, também brincou, riu, viveu; André sorria como um anjo, os anjos não sorriem, não há anjos, mas André era um anjo e sorria. sorria e Laércio também sorria, e só via as formigas Plita, Tila e Dula e, antes delas, André, o anjo, que era um anjo de verdade, desses que não existem e a gente não vê,mas existem, existem hoje tão poucos que são raros os que, como Laércio, têm a sorte de encontrar um na rua, em pleno centro da cidade, às duas horas da tarde, onde não há anjos, só homens e mulheres desconhecidos e que não querem se conhecer, o tempo não espera, tempo é dinheiro, Laércio esquecido dos homens vivia a alegria de brincar com André, o anjo, com a caixinha de palitos de picolé, um dia você me leva na fábrica de seu pai?, André, o anjo, sorriu, lá é longe, mas um dia eu te levo lá, Laércio ficou feliz, ia conhecer a fábrica do pai de André, o anjo, devia ser um deus, pois só um deus é que pode ser pai de um anjo, meu Deus!, isso não existe, André não existe, essas formigas não existem; quando a chuva veio, todo mundo se molhou, todos correram, exceto eles, as formigas Plita, Tila e Dula, a caixinha de palitos de picolé, que não foram usados, Laércio e André, o anjo, ficaram ali, no mesmo lugar, sorrindo e brincando; a chuva, como que impedida de atingi-los

por uma camada impermeável e invisível, não molhou aquele círculo na calçada, o mesmo círculo em que, a partir da chegada de André, o anjo, tornou-se também isolado da multidão; e a chuva foi embora, o sol apareceu já apagado e também foi embora; e, somente agora, depois que a rua ficou completamente deserta, e as formigas Plita, Tila e Dula foram dormir em seus quartinhos, entre as fendas da caixinha de palitos de picolé, que não foram usados, André, o anjo, foi embora, Laércio também partiu; e, no dia seguinte, procurou-o, ontem, seu chefe, que o despediu, pois era ainda para ter vindo ontem, ontem e não hoje, hoje é tarde, mas Laércio ainda procurou se explicar, pensou em dizer que, no dia anterior, havia encontrado, no caminho, um anjo, e ficou brincando com ele e suas formigas Plita, Tila e Dula, mas pensou mais e acreditou que seu chefe não ia acreditar, não vá dizer que foi por causa da chuva, que chuva?, e ficou nos sons gaguejantes e indecifráveis; e, com alegria, saiu, debaixo de chuva, à procura de um anjo chamado André e suas três formigas ensinadas.

*Ao irmão do André,
que vai nascer em abril.*

LIÇÃO DE MALAMAR

Ana Maria de Almeida

*"No quiero decir, por hombre,
las cosas que ella me dijo
La luz del entendimiento
me hace ser muy comedido"*

Lorca

— Lavi, que foi que te doeu? Me conta, Lavi, a cobra que te mordeu...

Caninana, mais parece: Lavi quer nada, Lavi quer tudo — não dorme, não come, sente fome, sente sono, querquer conversa, quer silêncio, sozinha no meio da gente... Êta, sol imenso, e essa névoa muitamente escassa umedecendo os olhos de violetas. Roxo, roxo, e essa dor de sol posto. Lavi não quer absolutinhamente nada — ou Lavi quer absolutinhamente tudo : está parada no meio do mundo, no fundo da rua, na rua que nem é sua ... Êta sol imenso, aborrecedor ! O céu ele, nem tem mais lua : lua é notícia de jornal, experiência de gente sem crença nem nada. A lua se fez mais pequena, pratinho de estanho, mixuruca. Ô lua, mixa, sem mistérios!

Lavi conta os passos : um dois três... Repetida a sombra se projeta no seu muro, e o dia caminha para seu escuro. Sem lua, sem nada. Lavi tá danada da vida... Ela escureceu o mundo e não quer ouvir conselhos de ninguém mais velho.

— Uma ova !

Lavi conjuga o verbo não-me-amar : ninguém me não ama em ninguém, coisa alguma é sempre tanta que importa,

deixa pra lá qual nada ... Também com as coisas que apronta : quando vai deixar de ser menina, desdoidada, ninguém sabe. Esqueceram de dar pra ela um relógio, um esquema, um esquadro. Talvez Lavi é para ser meninamente sempre, malucando agarrada num rabo de cometa. De improviso Lavi perde a tramontana, sobe nas tamanquinhas, risca o céu que nem diabo.

— Bolha ...

Lavi sempre foi tonta : sabe que se mete em encrenca, mas não aprende. Veja : descascou sua laranja mágica, guardou as cascas e jogou a polpa no lixo. Fossa. Depois, não adianta se queixar — vai se queixar com o bispo, viu ? Tomou ?! Lavi tomou e não aprende.

— Lixo ...

Criançamente : se meteu em encrencas, e ela tinha jurado que nunca, nunca mais havia de se perder pelos ares e desares de ninguém. Complicou tudo — por um nadinha assim — assim, olha — trocou pés por mãos, alhos por bugalhos.

— Lavi, me conta ? Quem de quem ? Onde é onde ? Quando é quando e como ?

O clic : a vida é como tapa, dói mas passa, você não entendeu ? Mas Lavi tá danada da vida.

Depois quer até chorar : me vesti do meu melhor jeito — minha jóia de rubim, meu colar de opalas e guizos, meu ar de preamar, remanso, marulho e riso. Me fiz de dona-Preciosa, adamada, de cheiro gostoso, sutil pequeninamente. Toda em mim, euurgia sem mais carência : me olha, me afaga — o bom de tudo não existe não ?

O clic : a vida é maga cega em noite de temporal — cai pedra, cai granizo, cai chuvinha, cai chuveiro — e a maga canta e dança. O clic : é senão.

Lavi tá fervendo de raiva — explode de raiva nos olhos escuros que nem desgraça, castiga a palma da mão no tampo da mesa. Se falasse palavrões, falaria um palavrão...

— Lixo ...

Que se não joga fora porque não. Pregado nos olhos, na boca, no corpo, na alma, em tudo. E Lavi complicou tudo : se

queria outra coisa, por que quis outra coisa ? Fingir de não gostar, Lavi ora veja ... Não se usa mais. Você brincou de esconder : e amor é coisa de pequenas gotas, contado de paciência e memória. Lavi de desdenhosa-quer-comprar achou que mais não precisava : mão no tato, boca no gosto, cheiro de flor no nariz alevantado. Mas tudo é bem mais alto e de caro preço : com muitos mistérios misteriosos.

Ora veja ... É preciso escolher com jeito...

— Uma grandíssima e sujíssima porcaria !

Lavi se vestiu toda, pintou a boca morena, botou a adaga de prata na cinta, vestiu as saias de arco-íris, se levantou nos saltos de cristal. (Não bastava, Lavi ...) Lavi perfumou os cabelos na aurora, lavou o corpo no rio, brilhou de princesa. (No fundo do espelho esqueceu a figurinha cinzenta que se encolhia vaga e imprecisa como bruma de agosto nevoento ...)

Ora veja ... Quem não via ? Brincando de fazer ciúmes, dançando faceira a dança das feiticeiras noturnas. Falsas e frágeis, Lavi. Quem não via? Agora quer se dar por vingada. Ora veja ...

— Aquilo não é mais aquilo. Aquilo ...

Lavi está danada da vida — se mordendo por dentro, se roendo toda. Quebrou seu vaso e fica olhando os cacos nas mãos machucadas ! Lavi, você me cansa ! Pare com isto.

Mas Lavi não quer nada, ou quer tudo — entre o meio e o meio parada, perdida nos empuxos e refluxos da mágoa.

— Desistida de tudo.

Lavi se enfeitou toda : a cobra de coral, o grilo de pedra, os cravos de papel, o rosário de contas, as fragas da praia, a pedrinha de condão. Olhou seu amor, ele não entendeu.

— Dança com eu, dança com eu, a cutia falou pro sapo. Cutia é bicho danado, prendeu o sapo no brejo, na toca do hipopótamo. Cutia é bicho danado, cruz credo ...

Lavi não entendeu.

Lavi achou de se vingar : rasgou as saias de babados, jogou no mar as pedrinhas de valor, atçou as ondas nas fragas, queimou os cravos de papel, rebentou seu colar de malamar ... (Hum, hum : ninguém acredita em raiva de

mulher desprezada ...) E riu, riu doida até se entontar, Lavi maluca, seu amor nem assim entendeu.

Lavi tá com raiva de tudo — cerrou os dentes, fechou a cara em trovoada, xingou os ventos, ficou roxa de despeito. Ficou feia, feia.

— Por que não morre, desgraçado ?

Mas Lavi tá apenas morrendo de ciúme e despeito. Apenas. (Lavi, escute : a cutia sabe que lugar de sapo é no brejo; falta apenas ele se acostumar na toca; escute, Lavi ...)

Lavi não entendeu.

Lavi disse :

— Nunca mais ...

O dia ficou cinzento, nuvens pesadas pairam sobre o mar tonto de tantas vagas. Assim não pode, Lavi, deixe o dia em paz, que você não tem direito de entortar mais o mundo. “Nunca mais” : ora veja. Lavi tem vergonha nenhuma, parece mulher à-toa. Sempre foi meio delambida — de vez em quando faz outra de má vez, de mau enquanto. Por isso chove tanto, há enchentes, perigos e desgraças. Lavi, você não tem direito de botar em desordem o mundo dos outros ! Você nem Deus é !...

Lavi quer fazer quebranto : eu disse Lavi você parece doida não carece feitiço tira isto do bestunto é coisa que vai ou não vai na marra não melhor deixar de lado Lavi não esquentar a sinagoga você parece vagabunda merece ser presa morrer de morte matada.

Lavi não tem vergonha nenhuma. Parece mulher à-toa. As coisas que ela faz !... Não é mentira não : que um raio me parta se invento ou aumento.

Veja : comprou baton vermelho, sandálias de tiras, liga de renda, corpete de cetim, anágua de mulherdama; pinçou as sobancelhas, pintou os cabelos e cospe de lado com ar de desprezo. Lavi tá pronta pra outra, a desgraçada — Lavi não tem vergonha nenhuma. Não tá cansada de sofrer, filha de má morte ?! Tá nada ...

Lavi tá apenas danada da vida ...

ANTES QUE ESFRIE

Walden Carvalho

Há um leve cheiro de chuva no ar, embora não tenha havido alteração alguma em nada. A cidade está posta como um jarro de coloridas flores de plástico, só descobertas quando de bem perto. Secas e pegajosas as janelas espiam. Parecem cúmplices de algum assassinato. Tudo é úmido e desesperado. É preciso fugir. Alguém se move, e sinto que me incomoda. Não sou eu próprio, mas outra pessoa. Talvez sejam até muitas. Me sinto multiplicando. As pessoas pulsam assustadas. Do lado de fora cabe uma de cada vez. Ontem, por exemplo, dei uma grande volta pelo parque com um senhor. Queria dar pão para os peixes e me fez sair à procura de algum. Não sei quem é, nem como conseguiu sair. Enquanto existiu, foi de uma grande agitação. Devia estar aposentado há muito tempo. Talvez tivesse dois filhos e uma mulher com eczema. Surgiu de repente, sem nenhum sinal de que vinha. Explodiu agitado e ria muito. Existiu enquanto se formava no espaço um grande olho. Agora, não sei se os olhos são realmente grandes ou me tornei tão pequeno que eles tomaram a proporção que têm. O velho sumiu e de novo há uma grande confusão. Um tumulto em que nenhuma parte se entende. Estou num pedaço do grande verde do olho. É um grande campo, cujo fim é o mar e um outro continente. Me sinto estranho e antigo. Começo a me lembrar nitidamente da rua Rio de Janeiro e da Quarta Avenida. Ah, a bicha ruiva tinha uma pinta grande e me chamou de "Baby...". Agora tudo é real como o velho e os peixes. Me lembro de 1968,

67 e 66... As pessoas daquela época foram irremediavelmente mortas naquela época. Foi a grande fase das músicas, das falas, das deixas, dos brancos, dos textos, dos ritos, dos sustos... Uma lembrança ou outra de velhos fatos. Às vezes, até uma fotografia era possível.

Os Beatles acabaram e eu lamento. Muitas outras coisas acabaram. Às vezes tenho a impressão de que posso esticar um braço e tocar toda a época.

— Olha o sol. Vou bater uma foto. Entre as folhas.

— Que praça é esta?

— É a praça da Liberdade.

— Ah, então é aqui que fica o Palácio?

— É aquele lá atrás.

— Será que a gente pode entrar lá?

— Não sei, a gente pergunta.

As pessoas se agitam. Todos querem sair. De uma vez só. Quase um pânico. Assim não é possível. Talvez seja culpa do velho. Estou olhando para o lado oposto de onde está o olho.

A Quarta Avenida. É uma manhã lavada e cheia de brilhos no chão. Há um sujeito comendo maçã, parado no passeio como se de repente tivesse descoberto que é um bicho de duas pernas e duas garras, que mata animais para comer, e morre e acaba. Parece que descobriu que a vida dele é um acidente que deve ser desesperadamente mantido, e que mesmo isso é apenas um prolongamento da decadência que começou no instante em que o obrigaram a sair do útero de um outro animal igual a ele. Talvez estivesse apenas cansado. Tinha o aspecto dos que saem do trabalho com a consciência de que perderam mais algumas horas de vida, lidando com elementos absolutamente dispensáveis para a continuação da tragédia. Deve ter um filho doente e uma mulher que chora abraçada à porta toda vez que ele sai, porque o amor, quando volta, é em forma de uma dança triste e agonizante que liquida a última resistência física do dia. A casa era encardida e lem-

brava o pátio da Faculdade depois de vomitado por engenheiros que comemoravam o aniversário do computador lá deles, que era perfeito e coisa e tal, e capaz de identificar um pensamento incorreto em qualquer lugar. Pensei que o sujeito ia conversar comigo. Eu estava parado de frente para ele, mas olhava o chão porque é aí que descubro a vida dos outros. Não sei porque, mas me lembro agora de uma frase de que tenho profundo asco: "mens sana in corpore sano". Se minha mãe me visse, ia achar ruim. Sempre implicava. Nunca fazia exatamente o que ela queria.

— Meu filho, o quê que você está fazendo aí, que não tem nenhuma reação ? Não vê que o homem está te olhando ? Você sabe muito bem que quando uma pessoa mais velha olha pra gente, deve-se abaixar a cabeça e sair. Ou ouvir, se for o caso. A cabeça você abaixou, mas não saiu. Estou te observando direitinho. Onde aprendeu a teimar assim ? A educação que lhe ensinamos não foi essa. Vai pro outro lado, vai ! Se não vai, pelos menos disfarça. Que pessoa mais sem expediente ?! Eu vou ficar te observando dali. Quero ver só o que é que vai arranjar. E vê se me responde quando falo com você !

Foi. Era sempre a mesma coisa. Ficava meio nervoso quando mamãe começava com os sermões dela. Nunca pude fazer as coisas que quis. Ela era o olho que vigiava todos os meus passos, mesmos os mais silenciosos e discretos. Estava sempre vigiando, proibindo, corrigindo, xingando. Um dia ela muda. Alguém acaba com isso. Sentia uma enorme raiva e um gosto estranho na boca. Nunca senti gosto de sangue, mas devia ser o que me acontecia agora. Era uma espécie de gosto que cabia aos mais velhos. Coisas de minha mãe e meu pai. Era o tipo do negócio que não me deixava saber direito porque era muito novo etc. Eu não devia gritar e nem nada dessas coisas mas de repente vi a cara do sujeito muito perto da minha, assustada como se tentasse entender o que é que estava acontecendo. Se tiver que explicar pra mamãe porque é que foi, não sei, mas sentia uma vontade enorme de machucar aquele homem que, parado ali, na calçada, procurava

descobrir que sentido tinha o que lhe ocorria desde que tinha nascido. Alguém tinha saído de dentro de mim, e tinha um grande ódio. Eu não conhecia. Minha mãe, do outro lado, devia estar olhando com reprovação. Que gritaria era essa ? O homem estava vermelho. Uma língua grossa aparecia, com cuspe e pedaço de maçã. Minha mão tinha uma força que desconhecia e o pescoço dele era muito frágil. Parei de apertar quando comecei a me sentir feliz e calmo. Era uma paz mole e gostosa. Havia sangue. Passei o dedo e coloquei na boca. Era salgado e quente e lembrava cheiro de carne crua. Minha mãe olhava curiosa. Veio chegando.

— O que é que você está lambendo, sangue ? Deixa ver. Lambeu e ficou me olhando. Depois me deu um beijo longo que fez com que ficasse sem ar e o coração aos pulos. Fiquei excitado. Ficamos. Ninguém parou enquanto eu matava o homem. Não havia ninguém além de nós três, e os que estão aqui dentro.

— Vamos levar um pouco para o seu pai. Esse sangue me deixou meio excitada. Mesmo assim, não foi muito educado de sua parte. Seu pai não vai gostar do jeito que você fez a coisa. Podia ter sido um pouco mais fino, mais... discreto. Ela pegou o homem pelo ombro e eu pelos pés.

— Vamos logo, antes que esfrie.

Batemos asas juntos e subimos elegantemente, como convém. As raízes aristocráticas de minha família não permitiam outros deslizos além dos que já tive hoje. Gostava muito de voar. Desde pequeno. Mas nunca me deixavam ir muito longe. Comecei a sentir o doce vento do leste e alguma coisa que se agitava dentro de mim. Não sei quem era, mas sabia que era bom. Eu estava levemente excitado.

CENTAURO

Duílio Gomes

“ Técnica da injeção intramuscular ”, falou o Centauro. “Acho que eles não vão gostar”.

“ É um assunto apaixonante”.

“ Não creio. Nenhum público do mundo ficaria sentado mais de cinco minutos para ouvir sobre a técnica de injeção intramuscular. É melhor falar sobre abrina. Você, sabe, se o paciente não vomitar espontaneamente...”

“ Não acho isso nem um pouco interessante. Continuo achando que a técnica da...

“ Abrina”.

“ A injeção ou nada”.

“ Você está cada vez mais arrogante”.

“ E você cada vez mais impotente”.

“ Não vem com insinuações. Tenho quatro filhos”.

“ Ela falou”.

“ Não acredito”.

“ Você concorda ou eu...”

“ Você não se atreve...”

“ Atrevo”.

“ Assunto particular não tem nada a ver com conferências”.

“ E ademais você está ficando velho. Já não ouve direito quando falo as palavras erradas. O público vem notando. Quando falei *coligar* em vez de *coligir* você deixou passar”.

- “ Sua rapidez mental é que não está essas coisas”.
- “ Você não tem nada a ver com a minha rapidez mental. Você é pago para me soprar as palavras certas e dar as opiniões certas na hora certa. O que vem acontecendo é que você dá opiniões erradas na hora errada”.
- “ Eu só acho que a injeção não é um assunto interessante”.
- “ Mas vai ser. Estudei três meses todos os cortes esquemáticos da agulha e não vou desistir agora”.
- “ Eu tenho uma idéia boa sobre clorofórmio”.
- “ Não”.
- “ Ou sobre hidrato de amileno”.
- “ Não”.
- “ Cloral, bismuto, ácido fluorídrico”.
- “ Não, não, não. E conserte essa gravata”.
- “ Foi ela que me deu. Não é bonita?”
- “ É. Agora tome esses relatórios sobre a região glútea e me arrume cinco injeções hipodérmicas”.
- “ Mas...”
- “ E slides. Grave também tudo sobre seringa auto-injetável e assepsia. Arrume lápis, blocos, um abajur, letra-set, caneta Oxford e guache. E me traga também uns sanduíches de anchova com alface”.
- “ Ela pode te fazer uns sanduíches. Ela é a rainha dos sanduíches”.
- “ Eu sei. Agora vai”.
- “ Não está mesmo interessado na abrina?”
- “ Já falei que não”.
- “ Ela sempre fala em anilina. Você sabe, o soro glicosado...”
- “ Sei, a coramina, a lobelina. Agora vai providenciar o que eu pedi”.
- “ Eu mesmo trago os sanduíches ou ela...”
- “ Você, se achar melhor”.
- “ Ah, acho melhor sim. Ela tem mancado de uns dias para cá. Não quero que ela sofra”.

“ Você acha que eu não mereço um pequeno sacrifício ?”

“ Acho, claro, mas se eu mesmo posso trazer... Ela faz e eu trago, não é? E não fique magoado com o que eu falei a respeito do público não gostar de injeção intramuscular. Qualquer público adoraria ouvir uma conferência sobre esse assunto e eu tenho certeza que vai ser um sucesso e eu acho também que se os slides forem projetados do lado direito em vez do esquerdo será melhor porque as cadeiras daquele teatro têm uma inclinação que obriga todo mundo a virar o pescoço assim em vez de assim e no final todos estão com uma dor na nuca, já reparou como todos saem da conferência com o pescoço meio inclinado?, é jeito no pescoço e até ela uma vez ficou assim, por isso é melhor projetar do lado direito e eu conheço também um especialista em êmbolos e acho que tudo vai sair como queremos e dentro de três horas estarei aqui de volta com o material mas só queria um grande favor seu agora...”

“ Solte a respiração ou você explode de tanto falar”.

“ Obrigado... O favor de deixar ela ficar esta noite aqui em vez de assistir à conferência. Ela gostaria muito de ir mas a sua pata esquerda está luxada e ela sofre muito quando anda e...”

“ Aplique-lhe uma bandagem”.

“ Ela não quer. Mas tenho certeza de que se ela descansar bastante tudo vai passar e a gente vai poder galopar novamente em Uptah e ver o sol nascer atrás das árvores, é só por esta noite, eu tenho certeza que tudo vai sair bem, quando pudermos galopar novamente entre as abelhas e a névoa de Uptah...”

“ Está bem. Vai e diz pra ela que por hoje está dispensada de ir.”

“ Senhor, não sei como lhe agradecer”.

“ Esquece”

“ E sobre aquilo que o senhor falou...”

“ Sobre?...”

“ A impotência”.

“ Esquece”

" Tem certeza de que não vai falar sobre isso na conferência?"

" Você merecia mas vou passar por cima".

" Obrigado, senhor, muito obrigado".

" Está bem. Agora vai".

" Não é que eu seja exatamente isso. O que acontece é que ando muito cansado ultimamente".

" Sei "

" Ando trabalhando muito".

" Hum..."

" E ela quer mais, sempre mais".

" Compreendo".

" O senhor sabe como elas são".

" Sei "

" Enquanto nós vamos murchando elas crescem em apetite e rejuvenescimento".

" E "

" Nunca aconteceu isso com o senhor?"

" Nunca"

" Desculpa, não foi isso que eu quis dizer. Ontem mesmo ela chegou na janela e a sua cauda tremeu de emoção. Não pude fazer nada. Quer dizer..."

" Não se martirize. Isso passa".

" Às vezes sonho com nossos passeios em Uptah e tenho esperança de que tudo acabará bem".

" Tudo acabará bem. Agora vá. E se quiser, não precisa ir hoje à conferência. Eu me arranho".

" Mas, senhor..."

" Não precisa ir. E isso é uma ordem".

" Mas o ponto..."

" Esquece. Dessa vez não vou errar. Fique com ela e relaxe. Relaxe e tudo dará certo. Tome vitaminas, beba mel. Nada de chás. Coloque o seu selim de prata, penteie essa crina e bata o casco com força. Tudo dará certo".

“ Senhor...”

“ Agora vai. Vai”.

Olhou-me emocionado e deixou-me sozinho com o seu cheiro de resina e couro. Uptah fervilhava de abelhas àquela hora. Pontilhado de flores, o seu chão abrigava uma lenta e colorida evolução de borboletas, luz e pó. Castanhas estalavam de calor, patas ligeiras percorriam a sua grama de verão, as patas de Uptah. Dobrei as folhas da conferência, acendi um cigarro e levantei-me. Ela estava na janela. Sua cauda vibrava de desejo.

AS VISÕES DE DONA OLGA

Plínio Carneiro

Dona Olga desafinou, logo ela, a mais exigente do coro. Desafinou e fez feio, cantando coisas diferentes da letra e da música que sabia de cor e salteado. E o pior é que todo mundo percebeu: o padre teve uma parada rápida no altar, os cantores olharam para ela — só os fiéis permaneceram quietos nos bancos, alheios à desafinação de Dona Olga.

* * *

Baixinha, 38 anos, as pernas roliças, cabelos pretos, lisos, amarrados em coque; busto grande, apertado no corpete de armação. Chefe de seção na Secretaria — um modelo de vida sem mancha.

A cara bochechuda, as mãos nervosas, a boca num contínuo esgar de ironia reprimida. Mordaz, às vezes, a Dona Olga, principalmente no que se referia às atitudes da sobrinha Júlia, uma verdadeira *hippie*, cheia de colares, cabelo assanhado, o dia inteiro escutando os gritos da radiola.

Do apartamento para a repartição ou para a igreja, era a sua vida, desde que acabara com aquele namorado, há bem uns quatro anos, com o Afrânio, um magrelo que mexia com concertos nos apartamentos. Depois foi o Zé Neves, namoro rápido que acabara sem se firmar. Bons tempos aqueles, das barraquinhas da igreja, quando podia ficar até tarde na rua sem que os vizinhos achassem nada que pudesse cheirar a semvergonhice. Agora, era um ficar

eternamente na sacada — já criara até um calombo perto dos cotovelos pelas horas e horas olhando o movimento do bairro.

* * *

Padre Afonso, filho de família rica, dividia o tempo entre a paróquia e as pequenas empresas que ajudara a montar. Fora da igreja, de paletó e gravata, trabalhava como qualquer cristão menor, juntos aos irmãos, comerciantes de linhagem, respeitados na cidade.

Alto, forte, vermelhão, um nariz fino encavalado sobre a boca, boca que era uma linha só nas práticas contra os rapazes do bairro, contra as moças perdidas que, ao invés de freqüentar a missa, preferiam fazer ponto nos locais escuros, sempre agarradas aos namorados. Contra a molecada que não perdia oportunidade de organizar chacotas com os nomes das bondosas senhoras que tanto o ajudavam nos trabalhos da igreja. Chacotas que atingiam, quase sempre, Dona Olga, um modelo de virtude e abnegação.

Era bonitão, o Padre Afonso. O cabelo liso, penteado no estilo vaca-lambe, grudado na cabeça. Era elegante em seu terno marrom, ou ostentando os paramentos da batina ou apenas de camisa esporte, sempre abotoada até o pescoço.

As vezes ríspido, seco, Padre Afonso mudava nos longos papos com as integrantes da Associação dos Paroquianos. Mostrava-se fácil, alegre, descontraído, sem levantar a voz, paternal.

No púlpito, era o grande ator, na eloqüência com que defendia os ensinamentos cristãos. Olhava a platéia atenta, levantava os braços e sua voz subia e descia de acordo com o dogma defendido. A figura alta e magra avançava e recuava no estreito espaço do púlpito, as mãos sempre apontando o céu. Um grande ator, o Padre Afonso.

* * *

Como começara a descobrir o interesse do padre por ela Dona Olga não sabia. Só se lembrava das vezes em que ele

a havia escolhido para ser líder dos grandes movimentos: colocar luz nos cantos escuros; acabar com o futebol nos pátios dos edifícios; convocar a polícia para impedir os estacionamentos dos carros de namorados nas rampas; impedir o vai-vem dos desocupados nos prédios.

E a ternura com que o padre se dirigia a ela? A voz adoçava, os olhos brilhavam atrás dos óculos, tinha sempre um elogio à sua atuação em defesa da decência do bairro. A mão gordinha de Dona Olga, sem a mistificação dos esmaltes, desaparecia entre as manoplas do padre — ela ficava até sem jeito perto das colegas do coro paroquial.

Seria pecado? Eram apenas olhares, nada mais que colocasse em questão a sua honestidade. E só de pensar em pecado Dona Olga estremecia, sentia-se num drama de consciência, só afastado quando entoava o “Bendito, Louvado Seja”, ou “O meu coração é só de Jesus, a minha alegria é a Santa Cruz”.

* * *

Era um bairro difícil para se morar. Aqueles edifícios amarelos, sujos pelo tempo, amarrados entre si pelas pontes no sexto andar de cada prédio — uma cidade de seis mil pessoas, acotoveladas pelos novecentos apartamentos.

Era o melhor lugar do mundo para a rapaziada, sempre a descobrir novas brincadeiras nos campos de basquete, de futebol-de-salão e no descampado que servia para o futebol. A qualquer hora do dia ou da madrugada havia gente na entrada dos prédios, nos meio-fios. Quando chegava o verão, a molecada ia para as rampas gramadas que circundavam o conjunto residencial, os olhos buscando, dentro dos apartamentos, a visão de alguma moça a trocar de roupa com a janela aberta.

No bairro, os dramas se sucediam nas alas, tomavam corpo nos pátios, viravam novela na boca dos desocupados: logo chegavam ao conhecimento de todos, como um rastilho de pólvora. Era um bairro onde todo mundo conhecia todo

mundo — não havia vida particular, não havia alegria isolada, nem tristeza de solidão.

A turma de rapazes do bairro era de amargar. Sempre à procura de diversões diferentes, era raro o dia em que os moleques, de dez a trinta anos, não descobriam um modo de amargar a vida do Padre Afonso. Mas não era somente o padre que sofria nas mãos dos rapazes: o velho Ratto penava nas brincadeiras de mau gosto, principalmente quando fizeram seu enterro, com caixão, vela, violão — uma cachaçada no campo de vôlei que atravessou a noite e só terminou com a chegada da rádio-patrolha.

Todas as pessoas eram atingidas pela turba maleducada: se não era o roubo do vinho da igreja, eram as latas de lixo que amontoavam nas portas dos apartamentos; se não era o roubo das galinhas — colocando milho nos anzóis — era a troca das letras do letreiro do cinema, formando palavras indecentes.

Era uma turma feroz, de brigas sem fim, cada rapaz com um apelido de marginal: Dangola, Ferida, Zoreia, Galo Velho, Churrasco, Macadame, Tripé, Mãe-Preta, Chulé, Soneca, Xistose, Cabeção, Frango-Dágua, Tico-Tico, Puxeiro, Cai-Cai, Fuzil, Pé-Na-Cova, Cabrito, Sapo-Boi, Mão-Na-Massa, Falecido, Melhoral, e tantos outros de se perder a conta.

E era uma turma perigosa, sempre à espreita para as vinganças, quando os moradores chamavam a polícia para conter as bagunças. De uma vez reuniram as fezes de mais de trinta e sujaram toda a sacada do apartamento de Dona Olga, só porque ela se recusara a devolver a bola que lhe quebrara o vidro da cristaleira. Foi uma sujeira total: persianas, mesas e cadeiras, atingidas pelos petardos fedorentos, embrulhados em jornal — foi preciso muito sabão, muita água e creolina para limpar toda aquela porcaria e apagar o mau cheiro.

Prisão para todos, era o que estava faltando. Um bom par de semanas na cadeia, uma surra de borracha: era isto que o Padre Afonso falava com Dona Olga quando ela se queixava das brincadeiras de mau gosto da rapaziada.

* * *

Dona Olga não se dava bem com Marcos Ramalho, para ela apenas mais um moleque do bairro, com idéias contrárias à existência de Deus, igual aos comunistas. E quando via a sobrinha aos beijos com Marcos, ela não se continha: iniciava um bate-boca que acabava por chamar a atenção dos moradores dos outros apartamentos.

Marcos era um dos líderes da turma do bairro. Rapaz magro e agressivo, até que bonito. Quando estava na veia boa tinha uma conversa agradável, mas essa veia era difícil de acontecer. No mais, o diálogo com ele se resumia em resmungos de parte a parte ou em perguntas que Dona Olga não sabia responder.

Ela desconfiava das relações de Júlia com o rapaz, mas preferia fazer de conta de que nada sabia, tentava esquecer as madrugadas que, de cotovelo fincado na sacada, escutava os gemidos da sobrinha, encantada atrás da escada com o namorado. Ela ainda iria dar um jeito no namorado da sobrinha, prometia a si mesma; a polícia vivia doida por um motivo para encanar o tal de Marcos, líder da molecada local.

* * *

Júlia estava há cinco anos, desde os treze, na casa da tia. Dona Olga nunca dera muita bola para família, até que sua irmã morrera e ela, com pena da filha natural da falecida, tomara o encargo de criar a menina.

Mas Julinha não tinha jeito: não queria estudar, e para tirar o normal fora uma luta — era o dia inteiro colada na radiola, escutado os discos de música barulhenta, ou nos cantos com as colegas, as perdas do bairro, sempre prontas a entrar em qualquer carro que estacionasse perto dos edifícios. Aos pedidos de Dona Olga para ela não escandalizar os vizinhos, a sobrinha respondia que “estava cagando e rasgando para a opinião de todos”.

Quando Júlia conheceu Marcos, Dona Olga pensou que o namoro acabaria em casamento. Mas cedo viu que o rapaz não era boa bisca, com aquela agarrção toda eles não tinham nem tempo de pensar no futuro.



Às vezes, Dona Olga examinava a sobrinha: magra, bonita, de pernas longas e finas, com aquelas minissaias que mostravam tudo, ou com aquelas calças desbotadas, tão apertadas que pareciam ter sido costuradas no corpo. Desconfiava que a sobrinha não era mais virgem, mas tinha medo de falar no assunto, iria arranjar uma briga irremediável e ela não estava disposta a ficar sozinha outra vez no apartamento. Afinal, tinha prometido a si mesma criar a menina e iria aturar tudo até que ela arranjasse um casamento.

Procurava levar Julinha a aceitar as coisas da igreja, mas desistira depois de uma conversa desagradável, bate-boca incentivado pelo namorado, às gargalhadas.

— Quem é o Divino Espírito Santo?

— É uma das pessoas da Santíssima Trindade.

— E quem é a Santíssima Trindade?

— Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas distintas e uma só verdadeira.

— Ah, é? E Jesus e Deus são as mesmas pessoas?

— Não, Jesus é filho de Deus.

— E quem é o pai de Deus?

— Deus é o criador de tudo.

— E quem é a Virgem Maria?

— É a mulher de São José.

— Se ela é a mulher de São José e mãe de Jesus, então ela não é virgem coisa nenhuma.

— É o mistério da Encarnação, Julinha. Jesus foi concebido por obra e graça do Espírito Santo.

— Então Jesus não é filho de Virgem Maria e sim filho natural de Maria e José, não é?

— Não. Não é assim, não.

— E Adão e Eva, são filhos de quem?

— Eles foram criados por Deus.

— Criados assim sem mais nem menos? Então porque Jesus não foi criado assim também?

— Jesus foi depois, Adão e Eva foram criados no início do mundo.

— E Caim e Abel, sendo filhos de Adão e Eva, como é que se propagou a espécie, os dois são homens ou não?

— Ah, Adão e Eva tiveram outros filhos e filhas.

— Mas eram todos irmãos, e irmão não pode fazer filho na irmã, isto é incesto.

— Naquele tempo podia.

— Ah, podia, é?

* * *

Marcos estava danado da vida. As orelhas tremiam, a boca mostrava um esgar antipático. Descobrira que havia sido Dona Olga ou o Padre Afonso que o acusara na delegacia. E logo com aqueles guardas que nunca o viam com boa vontade. Pois ia falar poucas e boas com aquela coroa metida a santa.

— Todo mundo do bairro sabe que você, com toda sua santidade, é tarada com o Padre Afonso. Você, com sua testa preta de tanto rezar, está é querendo ir para a cama com ele. E todo o bairro está te gozando, porque o Padre Afonso é bicha, vive passando a mão nos meninos do catecismo.

— Pederasta é você, seu comunista de meia-tijela.

— Eu, pederasta? Eu nasci na roça e quando me tiraram de dentro da mãe, meu pai perguntou à preta Zulmira se era macho ou fêmea. Zulmira falou que era macho e eu sou macho mesmo, até para te servir, rameira de sacristia.

— Pois eu já fui na polícia e vou de novo, você tem que dar provas de que o Padre Afonso é pederasta.

— Ele não é de rebolar, de dar gritinhos histéricos, mas é pederasta, é só perguntar para os meninos do catecismo.

* * *

No apartamento silencioso, Dona Olga pensava na vida. Sua cabeça era uma confusão total e só se lembrava das palavras de Padre Afonso, logo depois da novena. Dona Olga se lembrava da figura de Padre Afonso, a lhe dizer que nada

no mundo era pecado se fosse feito com amor. E era amor que ele lhe transmitia, enquanto acariciava suas mãos na despedida.

Pensando nisto, Dona Olga adormecera, as mãos segurando os paramentos que o padre lhe entregara para serem lavados. E dormindo, seu corpo se enrolara na alba e na sobrepeliz, sentindo a seda fria da estola junto às pernas, entre os seios, envolvendo o pescoço.

Dormindo, não viu a sobrinha chegar com o namorado: os dois, assentados na sala, escutaram seus sonhos e seus gemidos e viram aquele corpo santo, gordo, branco e virgem, às voltas com os paramentos do Padre Afonso, a camisola longe da cama, a luz acesa.

* * *

No posto Policial, Marcos se limitou a responder as perguntas do delegado, sujeito simpático e de muito bom-humor. Padre Afonso, ao lado, nada dizia, e quando abria a boca era para falar que entrara naquilo como Pilatos no Credo. Um grande ator, o Padre Afonso.

O delegado queria resolver logo o caso: havia uma reclamação contra o rapaz, de desrespeito à uma senhora do bairro e de difamação à figura do Padre Afonso.

Marcos falou tudo que sabia de Dona Olga. Não se esqueceu de nada, nem dos pileques acontecidos na sacristia, com o vinho de missa correndo solto. O delegado, um sorriso de mofa, não deixava que o Padre Afonso interrompesse o rapaz, atento a cada detalhe.

Padre Afonso ficou vermelho quando Marcos falou sobre a pederastia na igreja e sobre a turma do catecismo. E o delegado se apoiou na mesa para ouvir melhor o caso de Dona Olga dormindo com os paramentos.

Na saída do Posto, o delegado, mão no ombro de Marcos, falou que o caso estava encerrado, mas que era melhor para a turma não mexer com o padre, com a coroa do padre.

E pediu que ele contasse mais uma vez o caso dos paramentos. Dentro do Posto, Padre Afonso tremia de raiva.

* * *

Havia um halo em volta da cabeça de Padre Afonso naquela noite. Havia um brilho estranho em seus olhos, as palavras do sermão saíam secas, duras. O rosto suado parecia de pedra, os braços subiam e desciam como se fossem mecânicos.

Era um sermão sobre os enganos dos cristãos quanto à doutrina de Cristo. Sobre os fariseus do templo. Sobre as mulheres que nunca seguiam o exemplo de Verônica. Sobre os que procuram destruir a reputação alheia com invencionices pecaminosas.

E seus olhares, duros e agressivos, feriam Dona Olga, assentada, como sempre, na primeira fila de bancos. Bem que ela não queria ir à novena aquela noite, principalmente depois que Julinha lhe havia contado o que acontecera na delegacia.

Agora, ela estava presa ali na frente da nave, sem poder sair. O padre falando e ela sofrendo, sentindo que todos sabiam que as palavras lhe eram dirigidas. Quando o padre acabou de falar, não teve forças para sair, preferiu ficar até o fim da novena.

Na porta da igreja, Padre Afonso a esperou na escada, como sempre. Mas não era o mesmo homem. Seco, altivo, disse-lhe sem mais rodeios que a direção do coro havia sido entregue a outra paroquiana. E nem lhe deu a mão para a despedida: virou as costas e entrou na sacristia.

* * *

Estava frio naquela noite. Dona Olga abraçou o próprio corpo, abaixou a cabeça e caminhou no meio-fio em direção a seu prédio. Os olhos ardiam, as lágrimas caíam sobre o xale preto que envolvia seu pescoço; na cabeça o véu se soltara ao vento.

Como era longe o seu prédio, nunca havia sentido isto. Tinha que passar pelo campinho de terra, pelas casas de ele-

tricidade, pelos moleques que, a essa hora da noite, ainda teimavam em conversar fiado, assentados no meio-fio.

Os braços cruzados no peito, Dona Olga chegou ao apartamento, silencioso depois que Julinha viajara. Sacudiu o corpo, tirou o xale dos ombros e o véu da cabeça. Era preciso trocar de roupa, mudar de vida, morrer, se possível.

Dona Olga, velha e virgem, bebeu toda a cerveja que havia comprado para passar no cabelo. Cerveja quente, misturada com vodca que encontrara no armário de Julinha.

Vestiu uma das roupas da sobrinha, blusa e calça pequenas para ela, não conseguia prender nem um botão. Colocou um cigarro na boca, um disco na radiola e, bêbada, quebrou as coisas da igreja que ia encontrando por sobre as mesas. Cansada, assentou-se no tapete e xingou todos os nomes que conhecia e ainda outros que já ouvira e não sabia o significado. Xingou alto, sua voz passando por sobre os gritos da radiola, por sobre os berros do disco dos Beatles.

ENSAIO

AS UNIDADES NARRATIVAS EM *AS MULHERES DE MANTILHA*

Lauro Belchior Mendes

Em "Por onde começar?", Roland Barthes lembra as palavras de Revzin em que o lingüista afirma: " Em cada processo de elaboração da informação podemos isolar um certo conjunto A de signos iniciais e um certo conjunto B de signos finais observados. A tarefa da descrição científica consiste em explicar de que maneira se efetua a passagem de A para B, mostrando quais as ligações entre esses dois conjuntos (quando os elos intermediários são demasiadamente complexos e furtam-se à observação, a cibernética refere-se à caixa-preta)".

O romance que é o objeto do presente estudo apresenta "a bela disposição, eminentemente didática, do romance balzaquiano". Assim, não há dificuldade no estabelecimento dos dois conjuntos a que se refere Revzin. Na verdade, Joaquim Manuel de Macedo oferece ao leitor a visão dos dois conjuntos, um dos quais já delineado na "Introdução do Autor": A) O despotismo do governo do Conde da Cunha no vice-reinado Brasil entre os anos de 1763 a 1767, possibilitando a Alexandre Cardoso de Meneses cometer muitos crimes, entre eles, a tentativa de sedução de Inês Lúrio.

B) A punição de Alexandre Cardoso de Meneses e a condenação, pela Metrópole, do governo do Conde da Cunha.

Atravessar a caixa-preta que se situa entre estes dois conjuntos, no caso de *AS MULHERES DE MANTILHA*, não oferece dificuldade: a composição é didática, trata-se de uma

narrativa de estrutura simples, a análise comprovará facilmente as transformações do conjunto A para o conjunto B. A comprovação da transformação desses signos iniciais (A) em signos finais (B) será por enquanto abandonada; tal fato será retomado no final do trabalho, quando se discutir a questão da ideologia do romance e do quadro diegético inicial. De qualquer forma, é importante dizer, a análise das unidades narrativas, que se pretende fazer aqui, compreende aquilo que se situa entre estes dois polos, ou seja, o andamento do discurso. Tal análise será mais temática que formalista, buscando obter uma visão semântica, enquanto temática, simbólica e ideológica.

Roland Barthes, em *Análise Estrutural da Narrativa*, propõe, embora provisoriamente, a descrição da narrativa através de 3 níveis:

- 1 — o nível das funções
- 2 — o nível das ações
- 3 — o nível da narração

As unidades da narrativa pertencem ao primeiro nível, o das funções. Estes 3 níveis não existem isoladamente, uma função só tem sentido quando estiver ligada à “ação geral de um actante”, que deverá ser narrada, “confiada a um discurso que tem o seu próprio código”.

Este trabalho é, portanto, parcial, uma vez que a análise explora apenas o primeiro dos 3 níveis; somente de passagem, recorrer-se-á aos outros, assim mesmo, quando for absolutamente necessário, dada a natureza integrativa de todos eles.

Para efeito de maior facilidade de trabalho, segue-se uma relação de actantes, com informantes fornecidos pelo próprio discurso. É importante dizer que estes actantes não aparecem aqui em ordem de importância no texto, mas principalmente pela simbólica de sua participação no mesmo. Muitos foram colocados à parte, como por exemplo-Inês Lírio (esposa), Irene Lírio, Inês Lírio (filha), Antônio Pires, Germiano, Ângelo, e muitos outros. Os 4 primeiros desta lista podem perfeitamente ser englobados por Jerônimo Lírio, que é a representação do bem e da virtude, como eles. Os actantes escolhidos são:

- Ac1 — Alexandre
- Ac2 — Jerônimo
- Ac3 — Conde da Cunha
- Ac4 — Maria de ...
- Ac5 — Isidora/Isidoro
- Ac6 — Emiliana

Os informantes que se seguem são de natureza estática no corpo do discurso, pois aparecem através de diégeses; foram escolhidos traços segundo o princípio de pertinência, e abandonados os meramente redundantes.

Ac1 — informantes:

- “ abutre ”
- “ cabeça e braço violento do Conde da Cunha ”
- “ muito suspeito oficial ”
- “ olhos ardentes e cobiçosos ”
- “ sempre de acordo com o governo ”
- “ déspota ”
- “ mau gênio ”
- “ amava as mulheres bonitas ”
- “ amava o luxo ”
- “ amava o jogo ”
- “ amava o dinheiro ”
- “ pôs a justiça e a administração à venda em seu proveito ”
- “ chefe de uma banda de mancebos imorais ”
- “ terror das famílias ”
- “ testemunho vivo da perversão do governo ”

Ac2 — informantes:

- “ grave ancião ”
- “ português e rico negociante ”
- “ zeloso pai ”
- “ austeros costumes ”
- “ esposo modelo ”
- “ homem de bem ”
- “ nobre velho ”

“ amizade ”
“ dignidade ”

Ac3 — informantes:

“ costumes rígidos ”
“ caráter severo ”
“ honesto ”
“ bem intencionado ”
“ déspota no governo ”
“ plena e cega confiança ” em Ac1

Ac4 — informantes:

“ da mais nobre estirpe luso-brasileira ”
“ independência audaciosa ”
“ natureza ardente e indomável ”
“ bela mulher ”
“ elegante e perversa ”
“ deusa das implacáveis vinganças ”
“ cortesã ”
“ mulher inconstante e louca ”
“ não era celerada ”
“ mulher reprovada ”

Ac5 — informantes:

“ alta, esbelta ”
“ não era bem feita de corpo ”
“ peito demasiadamente largo ”
“ cintura pouco delicada ”
“ cabeça magnífica ”
“ bela, mas desajeitada ”
“ comia como Antônio Pires e Jerônimo ”
“ braço varonil ”
“ arrojo e força de leão ”
“ agilidade ”
“ valente amazona ”
“ linda jovem ”

Ac6 — informantes:

“ quase desmentia a origem do pai ”

“ bonita ”

“ boa educação moral ”

“ honesta e esperta ”

Uma vez estabelecida esta relação de actantes com seus informantes principais, torna-se possível o levantamento das funções distribucionais, que para Roland Barthes são as relações que correspondem a uma funcionalidade do fazer. Estas funções podem ser cardeais (ou núcleos) ou catálises. Em *AS MULHERES DE MANTILHA*, a verificação das funções deve ser feita levando-se em conta os dois conjuntos em que se concentra a narrativa. De fato, todo o discurso versa sobre a tentativa de sedução de Inês Lírio, tentativa empreendida por Alexandre e o lento esclarecimento de seus crimes, até chegar ao ponto culminante de sua prisão/banimento/miséria/punição. Pode-se afirmar que estes dois conjuntos representam as duas seqüências mais significativas da narrativa. Há, entretanto, duas outras seqüências que também são importantes, porque ajudam ou comprovam as duas primeiras. Uma terceira seqüência é aquela que faz o levantamento histórico do desregramento do governo do Conde da Cunha (que, apesar de tudo, já é conhecido do leitor, desde a diégese introdutória). Uma quarta seqüência é a que diz respeito ao estupro de Emiliana, que coloca em risco a possibilidade da primeira seqüência, isto é, este fato é uma ilustração concreta do que realmente poderia acontecer à “inocente” Inês Lírio. Adotando-se a definição de Roland Barthes de que “ uma seqüência é uma série lógica de núcleos, unidos entre si por uma relação de solidariedade ”, segue-se a demonstração de cada seqüência com os seus respectivos núcleos, reafirmando-se a prioridade das duas primeiras, sem o desmerecimento das demais.

PRIMEIRA SEQUÊNCIA: Alexandre Cardoso pretende seduzir Inês Lírio.

- 1 — Na festa de reis Alexandre cumprimenta Jerônimo.
- 2 — Alexandre visita Jerônimo.
- 3 — Isidora é aceita como hóspede de Jerônimo.
- 4 — Jerônimo é intimado a comparecer ao palácio do Conde da Cunha e fá-lo imediatamente.
- 5 — Alexandre afirma ao Conde da Cunha que ama Inês Lírio.
- 6 — (número 4 da segunda seqüência)
- 7 — (número 5 da segunda seqüência)
- 8 — O Conde da Cunha verificará em dois meses se os crimes de Alexandre são verdadeiros.
- 9 — Alexandre jura vingar-se “ em Inês do orgulhoso pai de Inês ”.
- 10 — Alexandre planeja sozinho o crime contra Inês.
- 11 — Na noite da serração da velha, Antônio Pires recebe Jerônimo e família para jantar.
- 12 — Soldados de Alexandre atacam a família de volta para a Gamboa, e pretende-se raptar Inês.
- 13 — Plano de Alexandre se frustra: Isidora/Isidoro salva Inês.

SEGUNDA SEQUÊNCIA: A punição de Alexandre Cardoso

- 1 — Maria planeja vingança.
- 2 — Jerônimo lança dúvidas na confiança que o Conde da Cunha depositava em Alexandre.
- 3 — Alexandre perde no jogo para Ângelo.
- 4 — O Conde da Cunha visita Jerônimo.
- 5 — O Conde da Cunha pede a mão de Inês para Alexandre.
- 6 — O Conde da Cunha investigará se os crimes atribuídos a Alexandre são verdadeiros.
- 7 — O Conde da Cunha ouve os sinos anunciando o incêndio.

- 8 — O Conde da Cunha recebe o relatório anônimo anunciando o incêndio.
- 9 — O Conde da Cunha vê Alexandre sair da casa da velha Pôncia.
- 10 — O Conde da Cunha interroga a Alexandre sobre o incêndio.
- 11 — Alexandre se propõe diante do Conde da Cunha a descobrir o crime e os criminosos.
- 12 — O Conde da Cunha anuncia a Alexandre que Jerônimo recusou-lhe a mão de sua filha.
- 13 — Proibido nos dias anteriores, o Conde da Cunha permite o jogo do entrudo na terça-feira.
- 14 — Maria propõe vingança a Clélio Írias.
- 15 — O Conde da Cunha recebe relatório e toma conhecimento dos acontecimentos relativos a Clélio Írias.
- 16 — O Conde da Cunha envia Germiano para interrogar Clélio Írias.
- 17 — Emiliana procura o Conde da Cunha e é aparentemente incompreendida.
- 18 — O Conde da Cunha chama Jerônimo para lhe explicar como foi o atentado.
- 19 — Isidoro informa ao Conde da Cunha quantos homens havia ferido.
- 20 — Germiano descobre os oficiais feridos por Isidoro.
- 21 — Na ceia de 21 de março, o Conde da Cunha anuncia que Alexandre Cardoso está preso.
- 22 — Alexandre retorna a Lisboa, onde acaba na miséria.

TERCEIRA SEQUÊNCIA: O quadro histórico do governo do Conde da Cunha.

- 1 — Jerônimo propõe resistência pacífica aos desmandos do governo.
- 2 — (o número 4 da primeira seqüência)
- 3 — O Conde da Cunha se utiliza de Germiano para investigar os “ possíveis ” crimes de Alexandre.

- 4 — (número 21 da segunda seqüência)
- 5 — Antônio Pires prevê desgraça para o Conde da Cunha.
- 6 — O povo não perdoa ao Conde da Cunha não haver castigado Alexandre no Rio de Janeiro.
- 7 — O Marquês de Pombal condena a administração do Conde da Cunha que é substituído pelo Conde de Azambuja.
- 8 — O Conde da Cunha retorna a Portugal.

QUARTA SEQUENCIA: O estupro de Emiliana.

- 1 — Alexandre envia anel a Emiliana que não o aceita.
- 2 — Maria anuncia a Gonçalo Pereira que Alexandre fará incendiar a casa de Marcos Fulgêncio para seduzir Emiliana.
- 3 — Alexandre violenta Emiliana.
- 4 — Emiliana cuida de Clélio Írias.
- 5 — Emiliana se casa com Clélio Írias.
- 6 — Clélio morre.
- 7 — Emiliana torna-se herdeira de imensa fortuna.

Desta forma, foram enumeradas as funções cardinais (ou cardeais) que estabelecem a intriga do romance. Quanto às catálises, dado o seu caráter subsidiário, seria enfadonho e desnecessário fazer um levantamento que pretendesse abarcar a sua grande maioria. Relacionam-se aqui algumas para efeito de demonstração:

- 1 — Alexandre Cardoso procura Célio Írias para pedir-lhe dinheiro emprestado.
- 2 — Irene e Inês aprendem a cantar modinhas e lundus.
- 3 — Fernanda toma conhecimento do estupro de Emiliana.

À funcionalidade do ser correspondem as funções integrativas, que compreendem os índices (significados implícitos) e os informantes (dados puramente significantes). Retornando-se aos actantes escolhidos, verificar-se-á que para cada um

deles foi enumerada uma relação de informantes, fornecida pelo próprio discurso (os informantes enraizam a ficção no real e situam-se no nível do discurso). Aos índices corresponde uma atividade de deciframento. Escolhendo um informante qualquer (poderia ser qualquer um dos que foram enumerados), pode-se fazer uma relação do informante com o índice. Como exemplificação, aplica-se o seguinte modelo:

Ac { informante
índice

Desta forma, têm-se:

Ac1 { "abutre"
maldade

Ac2 { "austeros costumes"
bondade

Ac3 { "plena e cega confiança"
mau governo

Ac4 { "elegante pervertida"
amante vingadora

Ac5 { "braço varonil"
coragem

Ac6 { "honesto"
vítima recompensada.

Evitou-se, até aqui, qualquer utilização do termo Romantismo, numa tentativa de se fazer uma análise objetiva da obra em questão. Demonstradas as unidades narrativas,

é inevitável, no entanto, inserir agora *AS MULHERES DE MANTILHA* no ideário romântico. O conjunto dos signos iniciais (a sedução) e o conjunto de signos finais (a punição) demonstram bem a preocupação de demonstrar que o crime não compensa e que o bem sempre triunfa sobre o mal na mitologia burguesa. Na verdade, embora escrevendo um romance histórico, os valores (a honestidade, a inocência, o altruístico, a virgindade, a fidelidade, o casamento, a religião, a amizade, etc) que Joaquim Manuel de Macedo apresenta nesta obra são os valores fundamentais da sociedade burguesa, que ele defende e justifica. Da mesma forma, a condenação da luxúria, da prostituição, da cobiça, da “ gente não estimável”. Verifica-se uma simbologia não só em relação aos actantes (todos eles são exatamente os mesmos durante toda a narrativa, ninguém muda) como também a algumas ações: Alexandre é personificação do mal, da mesma forma que Jerônimo é a personificação do bem. Maria de... é a prostituta irrecuperável, no seu eterno destino de amante de governadores. A sedução de Emiliana, moça pobre, é exatamente a ilustração do que poderia vir acontecer à Inês Lírio, moça rica, cuja virgindade fica reservada para o desfrutar de Isidoro, também rico. Fica assim claro, que por ser de condição social inferior, a violentação de Emiliana é mais “aceitável”. É importante observar que Emiliana perde um bem moral, mas será recompensada dentro dos limites da “moral” burguesa — o casamento e a fortuna asseguram-lhe o futuro. Não importa a viuvez, importa o novo nome “ Írias ” que passa a usar. Joaquim Manuel de Macedo aceita as regras do jogo, e, segundo Piaget, a função da regra é conservar os valores. Não é objetivo do presente trabalho discutir as diversas tentativas de definição de ideologia. Narciso Pizarro lembra, porém, que no estudo do discurso romanesco é necessário utilizar noções ideológicas, porque o modo de produção desse discurso o exige, estando, portanto, o romance determinado pela ideologia. Tal é o caso de as *AS MULHERES DE MANTILHA*. O discurso é realizado segundo as normas, valores e preconceitos burgueses.

BIBLIOGRAFIA:

MACEDO, J.M. *AS MULHERES DE MANTILHA*
Edições de Ouro.

BARTHES, R. *INTRODUÇÃO À ANÁLISE ESTRUTURAL
DA NARRATIVA*. Vozes.

BARTHES, R. *NOVOS ENSAIOS CRÍTICOS O GRAU ZERO
DA ESCRITURA*. Cultrix.

FAGES, J.B. *PARA ENTENDER O ESTRUTURALISMO*
Moraes Editores.

PIZARRO, Narciso. *ANÁLISIS ESTRUCTURAL DE LA
NOVELA*.



RESENHA

CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O nono Concurso de Contos e Poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais bateu todos os r cordes de participa o: o Serviço de Rela oes Universitárias da UFMG recebeu um total de 650 trabalhos — 172 contos e 478 poemas — para julgamento, aumentando para 3.087 o total de trabalhos recebidos em nove anos — 822 contos e 2.265 poemas.

Em nove concursos, a estatística está assim:

ESTATÍSTICA DA RL				
Anos	Estudantes	TRABALHOS ENVIADOS		
		Contos	Poemas	Total
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	338	482
1974	269	172	478	650
	1.187	822	2.265	3.087

Os 269 estudantes que enviaram trabalhos literários em 1974 são das seguintes unidades e colégios: 46 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (dezoito do Curso de Comunicação Social; onze do Curso de Psicologia; sete do Curso de Filosofia; cinco do Curso de História; três do Curso de Ciências Sociais e dois do Departamento de Ciência Política); 33 da Faculdade de Letras; 31 do Centro Pedagógico (Escola de 1º Grau) da Faculdade de Educação; 21 da Faculdade de Direito; 18 da Faculdade de Medicina.

Mais: 17 do Instituto de Ciências Exatas (seis de Engenharia; quatro de Matemática; três de Química e dois de Física); 15 da Escola de Engenharia (cinco do Curso de Engenharia Elétrica e do Curso de Engenharia Civil; três do Curso de Engenharia Mecânica; dois do Curso de Engenharia Metalúrgica; um do Curso de Engenharia Química); 14 da Faculdade de Ciências Econômicas (sete do Curso de Administração de Empresas; cinco do Curso de Ciências Econômicas e dois do Curso de Ciências Contábeis).

Mais ainda: 13 do Instituto de Ciências Biológicas (cinco de Medicina; quatro de Ciências Biológicas; três de Veterinária e um de Odontologia); 9 da Faculdade de Educação; 8 do Colégio Técnico; 4 da Escola de Belas Artes e da Escola de Música; 3 do Instituto de Geociências, do Colégio Agrícola de Montes Claros, do Curso de Formação de Atores/Teatro Universitário, da Escola de Veterinária, da Escola de Arquitetura e da Escola de Enfermagem; 2 da Faculdade de Odontologia, da Escola de Educação Física, da Faculdade de Farmácia e da Escola de Biblioteconomia.

Além desses, mais cinco estudantes enviaram trabalhos sem identificar a unidade. De não alunos o SRU recebeu quatro trabalhos: dois de estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora; um da cidade de Diadema, em São Paulo, e outro da cidade de Ituiutaba, Minas Gerais. Estes, por imposições regulamentares, não concorreram ao 9º Concurso de Contos e de Poemas.

Os contos e poemas não classificados foram devolvidos a seus autores.

A relação dos 650 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01	— O Divaneio	Socram
02	— História de um Ponto	Elece
03	— Tu e Você	Gigha
04	— O Canto da Reinvenção...	Gregório Lúcifer
05	— Segredo	Gregório Lúcifer (M. Honrosa)

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
06	— A Consciência	Gregório Lúçifer
07	— O Vazio, o Gancho...	Gregório Lúçifer
08	— Os Cachorros Morreram?	Gregório Lúçifer
09	— Mais Uma Vida Que Se Foi	Consuetudinário
10	— Carvin Bennet	Viridans
11	— As Coisas Belas da Vida	Viridans
12	— Roberval & Eliana	Viridans
13	— Notas Para o Roteiro...	Nef (M. Honrosa)
14	— 2-29-05-55	Arioli
15	— A Caderneta Amarela	Huaas
16	— Documento	Huaas
17	— Ontem, e Não Hoje	Huaas
18	— Ângela	Huaas
19	— Sede	Huaas
20	— Pau-de-Sebo	Peanut
21	— Misericórdia	Aruan
22	— Solilóquio	Cris
23	— Hibernação	Cris
24	— Dicotomias Entre o Tédio...	Cris
25	— A Prova Circunstancial...	Cris
26	— O Reino de Timbó	Tuniko
27	— Das Várias Fases de Se...	Astor
28	— Estreita Estrada	Astor (1º Lugar)
29	— Que Fazer Amigo Sapo...	Calota
30	— A Invasão do Espaço...	Oi
31	— Para um Menino Dormir	Oi
32	— Jogo de Memória	Jaboti
33	— Minas Velhas	Carol
34	— Pseudocida	Carangola
35	— O Homem Grávido	Tatiana Gondim
36	— Melancolia Rock	Linus
37	— 1616 Canavial	Linus (2º Lugar)
38	— Animal Aniquile	Linus
39	— Chá das Cinco	Doc
40	— Último Ato	Doc
41	— Tio Onofre	Carolina
42	— O Circo ou Humilhados...	D. C.
43	— Uma Rosa, Ao Acaso	Lina
44	— Flor Urbana	Lina
45	— Numa Era, Talvez Atômica	Lina
46	— Dos Migratórios	Aristeu

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
47	— Exposição	Aristeu
48	— Era Tão Linda...	Aristeu
49	— Mas Não Saberá	Aristeu
50	— Lendário	Aristeu
51	— A Viagem	Aristeu
52	— As Vivências do Botânico	Netuno
53	— De Como Obedecer as Leis	Netuno
54	— Tempo de Férias	Netuno
55	— Uma Viagem Fantástica	Pitipiti
56	— Percepção	Pitipiti
57	— Paranóia	Novais
58	— Ponto Marcado	Ur
59	— A Vida de Umbis	Ur
60	— Sonhos Perdidos	Katerina
61	— Ver a Claridade	Harue
62	— Tempestade	Tann Ciro
63	— A Vida Por um Fio	Teotônio
64	— Lampeiro	Poe
65	— De Esperar	Poe
66	— Um Breve Momento...	Poe
67	— Da Janela	Poe
68	— Prenhe	Urbano
69	— Aos Costumes, Disse Nada	Urbano
70	— Luz e Vida, Vida e Luz	Chiquinho
71	— Despertar	Nano
72	— Nem Tudo São Flores no...	Tamaso
73	— Nas Areias do Jequitinhonha	Karx
74	— Os Outros	Karx
75	— Transmutação	Iaiaili
76	— Lávnia, A Convulsão do...	Ioachim
77	— Piquenique em Família	Dadá
78	— Noite	Dadá
79	— Mensagem Escrita de Quem	Dadá
80	— Coisas do Mar	Gema Anfi
81	— E Jamais Voltará ao Ventre...	Marisa
82	— Peixe-Alecrim, Peixe-Pecado	Marisa (M. Honrosa)
83	— Contas de Um Rosário	Marisa
84	— A Estação das Uvas	Marisa (3º Lugar)
85	— Algaravia	M L M
86	— Clic	Zuza
87	— Na Pista do Princípio...	Helophernes

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
88	— Júlio e o Vampiro	Peninha
89	— A Pedra Viva	Mei-Li
90	— Marcélia	Philomoc
91	— Pegadas	Barômetro de...
92	— Volta	Barômetro de...
93	— Em Busca do Homem	Barômetro de...
94	— A Casa e Seus Habitantes	Ator
95	— Na Torre, em 1946	Roth
96	— Anatomia do Pesadelo	Thor
97	— Fugace	Tê
98	— Gabi	Tê
99	— Vinces Signi	Peninha
100	— Um Dia	Xika
101	— Idéia Fixa	Di Nonato
102	— Zombaria	Alcione
103	— M.U.D.	Baxim
104	— Dia Inesquecível	Azorka
105	— Estória de um Homem	Kiko
106	— Macumba	Floubert Ojuara
107	— O Aguadeiro	Juan Silvestre (M. Honrosa)
108	— Canção da Chuva	Leon Metrieff
109	— A Última Lembrança	Standley Graus
110	— Desencontro	Adel
111	— Estória de Terror	Coriandre
112	— O Messias e o Povo de Deus	Coriandre
113	— Café Concerto	Coriandre
114	— A Sala de Espera	Gato de Botas
115	— Um Certo Dia Para...	Marcos McBeth
116	— Metade de Noite, Quase...	Carlitos
117	— Memórias Semi-Ocultas...	Quincas Freitas
118	— Pensadiálogo	Huaas
119	— O Esquecido Pelas Pessoas...	Mesotronium
120	— Fechado Para Mudança	Santuri
121	— Fio Terra	Bit
122	— E Sobre Nossos Túmulos...	Belmiro
123	— Cálculo de Crise Para...	Abê
124	— Pedreira	Nego
125	— Rondó Para Três Flautas...	Lin
126	— Trechos de Uma Carta	Pseudos
127	— Casa de Trastes	Pseudos

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
128	— Providência Tardia	Augustus César
129	— Estórias de Brumado	Ignácio d'Assumpção
130	— Viagem de Um Homem...	Ignácio d'Assumpção
131	— Histórias do Futuro	Ignácio d'Assumpção
132	— Vestibular	Ana Iama
133	— Velho	Ana Iama
134	— Um Dia, Uma Noite	Rogério Márcio
135	— Solidão Urbana	Marcuse (M. Honrosa)
136	— Dona de Pensão	Poejo
137	— A Ponte	Pescador
138	— O Cometa do Apocalipse	Manuel Cardoso
139	— Cotidiano	Mada
140	— A Morte de Um Sonho	Renafeio
141	— O Fim do Mundo	Lamparina
142	— Quando Não Se...	Tethéo
143	— A Escapada	Neto
144	— Dia 13	Tito
145	— Maria das Dores	Homem de Neanderthal
146	— Zé	Maria José
147	— De Como o Coronel Isidoro	Tito
148	— Quadro de Família	Quorpo Santo II
149	— Crónica	Lunna
150	— O Sonho	O Consonante
151	— Ana Lúcia	O Consonante
152	— A Visita	Juca Mulato
153	— Imagens	Cecília
154	— Representação	Cecília
155	— A Eternidade e a Justiça	Chevré
156	— Da Quaresma	André Breve
157	— Cinzas	Airam Jo
158	— Quem Perdeu	Airam Jo
159	— Dos Piratas e das Falsas...	Maran
160	— Olho Vivo... Pois Cortaram...	Maran
161	— Procura-se Quem Revele...	Maran
162	— O Monsenhor e o Diabo	Standley Graus
163	— A Rádio Nacional	Jão Pica-Fumo
164	— Os Aviões	Juca Mulato
165	— Uso e Costume	Marih
166	— O Ex-Horácio	Marih
167	— Sabaiana	Ignácio D'Assumpção

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
168	— Calandra	José
169	— Ou Coisa Semelhante	José
170	— Moldes Quadrados	Mykkkyo
171	— Nº Vinte e Um	Arioli
172	— O Semi-Virgem	Arioli

POEMAS

Nº	TÍTULOS	PSEUDÔNIMO
01	— Podre de Mim	Socram
02	— 6 Polos	Elece
03	— Fluviária	Gregório Lúçifer
04	— Necrópsia	Gregório Lúçifer
05	— Parávola	Gregório Lúçifer (M. Honrosa)
06	— Aria de América Por Um...	Gregório Lúçifer (1º Lugar)
07	— O Gado	Gregório Lúçifer (M. Honrosa)
08	— Poema Pra o Mistério...	Gregório Lúçifer
09	— O Trem a Vapor Evém...	Gregório Lúçifer
10	— Construção	Gregório Lúçifer
11	— Da Agonia das Palavras	Gregório Lúçifer
12	— No Edifício	Gregório Lúçifer
13	— Gravação	Gregório Lúçifer
14	— Da Verde Idade do Tempo	Gregório Lúçifer
15	— Da Fuga dos Peixes	Gregório Lúçifer
16	— Eu, de Nome Lutero Reis	Arras (M. Honrosa)
17	— Triste Existir	Arras
18	— Reminiscências do Valor...	Arras
19	— Rondó nº 3	Ulysses
20	— Cidade Grande	Ulysses
21	— Posto	Ulysses
22	— Itu	Ulysses
23	— Finis Homo	Ulysses
24	— Lição de Abismo	Ulysses
25	— Para Cacilda Becker	Ulysses
26	— Arrabalde	Ulysses
27	— Poema de Não Querer	Ulysses
28	— Starwoman	Ulysses
29	— Judy Garland	Ulysses
30	— Águas da Prata	Ulysses
31	— Natal	Ulysses
32	— A Viagem	Ulysses
33	— Rio Só do Vale Triste	Ulysses

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
34	— Crepúsculo	Ulysses
35	— Poluição	Ulysses
36	— Fim	Ulysses
37	— Grécia	Ulysses
38	— Poesia Que Não Sei...	Ulysses
39	— Para o Astronauta	Ulysses
40	— Eu e as Coisas	Ulysses
41	— Natal das Estrelas	Ulysses
42	— Poluição II	Ulysses
43	— Eternidade	Ulysses
44	— A Sala	Ulysses
45	— Variação	Ulysses
46	— Vingança	Ulysses
47	— Valsa Triste	Ulysses
48	— Rondó Caprichoso	Ulysses
49	— Palavra Para um Pobre...	Ulysses
50	— Valsa	Ulysses
51	— Appassionata	Ulysses
52	— Acalanto	Ulysses
53	— Canção	Ulysses
54	— Espanha	Ulysses
55	— Apenas Como Uma Canção	Ulysses
56	— Hora Staccato	Ulysses
57	— Rondó V	Ulysses
58	— Noturno	Ulysses
59	— Canção Final	Ulysses
60	— Haikai	Ulysses
61	— Saudade	Ulysses
62	— Invento	Antoine Hanriot
63	— Janela	Antoine Hanriot
64	— Pêndulo	Antoine Hanriot
65	— Sulcos	Antoine Hanriot
66	— Memória	Antoine Hanriot
67	— Assunto	Antoine Hanriot
68	— Orbitância	Antoine Hanriot
69	— Movimento Um	Antoine Hanriot
70	— Espaço	Antoine Hanriot
71	— Sapiência	Antoine Hanriot
72	— Porque	Geronto
73	— Depois	Geronto
74	— Erro	Geronto
75	— Projeto	Geronto
76	— Poema Gravado Num Muro	Tago

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
77	Sem Explicação	Tago
78	Quaresma	Tago
79	Sentença	Kisso
80	Hoje em Cartaz	Zélio
81	Gata de Porcelana	Zélio
82	Insônia	Nymmy
83	Ascendente	Peanut
84	Instante	Peanut
85	Mudança	Peanut
86	A Fazenda na Tarde	Peanut
87	O Vendedor de Violetas...	Peanut
88	Boato de Primavera a CDA	Peanut
89	O Soldado de Chumbo	Peanut
90	Não Adianta Correr Atrás	Flores
91	Revoada	Flores
92	Sonho	Aruam
93	Devassidão	Cris
94	Futuro do Pretérito	Cris
95	Ao Pé da Letra	Tuniko
96	Procura-se	Crisanda
97	Imagem Flutuante	Crisanda
98	Homem Sob Homem	Crisanda
99	Vácuo	Crisanda
100	O Homem na Ga(Gue)Rra	Crisanda
101	Avenida da Vida	Crisanda
102	Província	Ndulifi
103	Humanus Rubigo	Heinz da Silva
104	Solidão	Iote
105	Ao Piloto do Elevador	Calota
106	Epilogo do Grito	Calota
107	Aridos Adultos	Calota
108	Objetivo	Calota
109	Ressureição	Glostoris
110	"Ela" e a Flor	Dedé
111	Lação	Dedé
112	Passagem	Ialv
113	Ser em Paz	Ialv
114	Re-Volta	& Lima
115	Dois Pontos	& Lima
116	E Principalmente Dizer...	Galoz
117	Geoquerência	Nana
118	Colorido	Aurelius
119	Trovas	Aurelius

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
120	— O Mundo Atômico	Aurelius
121	— Pseudo Sociedade	Aurelius
122	— O Rio e Seu Exemplo	Aurelius
123	— A Busca de Um Porque	Aurelius
124	— A Procura	Aurelius
125	— A Fotografia	Lúcio de Ribeiro
126	— Dúvida na Janela	Lúcio de Ribeiro
127	— Diálogo de Eros e Tanatos	Lúcio de Ribeiro
128	— Busca	Lúcio de Ribeiro
129	— Filomena	Oi
130	— Três Tempos	Oi
131	— Para Hablar de Alguna Cosa	Oi
132	— Amar em Minas	Oi
133	— Deus! Gé	Poço
134	— Fossa	Poço
135	— Visão	Poço
136	— Amor é Sexo	Poço
137	— Fecundação do Amor	Poço
138	— Incerto	Poço
139	— Aurora Boreal	Tatiana Goudin
140	— Brinquedo de Amor	Tatiana Goudin
141	— Quando as Máquinas Param	Tatiana Goudin
142	— A Cólera e o Homenzinho	Linus
143	— Sinais Estranhos...	Linus
144	— Ao Cientista Atômico...	Linus
145	— Minha Triste Morte...	Linus
146	— Dias Chuvosos	Linus
147	— Amanhã é Como...	Linus
148	— Bajo los Ojos...	Linus
149	— Ópio e o Pai	Linus
150	— Carisma & Cavalos	Linus
151	— A Viúva na Fila do Cinema	Linus
152	— Reencontro	Doc
153	— De Névoa e Sonho	Doc
154	— Minas Nunca Mais	Doc
155	— Momento	Doc
156	— In-Formação	Nis
157	— Cidade	Nis
158	— Anjo Barroco	Nis
159	— Organização	Nis
160	— Minha Presença	Nis
161	— Via-Láctea	Janice
162	— Houdini	Krug

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
163	— Os Sobreviventes	Krug (M. Honrosa)
164	— Barbitúricos	Krug
165	— Metamorfose	Baco
166	— Fim de Expediente	Baco
167	— O Lutador	Baco
168	— Uma Pequena Criança	Pitipiti
169	— A Vila	Pitipiti
170	— Minha Simbólica Coruja	Pitipiti
171	— Ao Vencedor as Batatas	Novaes
172	— Olhando de Viés o Artista...	Novaes
173	— Arrebentação	Novaes
174	— Monotonia	Novaes
175	— Século XX	Sgnardo
176	— Mergulho	Fátima Cabral
177	— Motivo	Fátima Cabral
178	— Estilo	Fátima Cabral
179	— Marinheiro	Fátima Cabral
180	— Canto	Fátima Cabral
181	— Poema de Se Ver no Outro	Fátima Cabral
182	— Funeral	Fátima Cabral
183	— Partitura Sem Dó	Fátima Cabral
184	— Reticência	Fátima Cabral
185	— Vespasiano/BH — Linha 40	Fátima Cabral
186	— Fatos sem Fotos	Fátima Cabral
187	— Beco Sem Saída	Deus dos Mares
188	— Conjuminando	Poseidônimo
189	— Revelação dos Goles	Ícaro
190	— Boemia Ligeira	Netuno
191	— Débil Desesperação	Jacob Duffay
192	— Aqui e Agora	Chela
193	— Ecologia	Chela
194	— Flutuar	Chela
195	— Eu Quero a Vida Viva	Cristovan Mollineres
196	— Vida	Flor
197	— A Porta	Flor
198	— Figuras	Christina
199	— A Poesia de Uma Frase	Atento
200	— Mortalidade	Aniger
201	— Adolescente Amor	Nano
202	— Cidália	Rabibe
203	— A Estória	Rabibe
204	— Visão	Rabibe
205	— O Homem	Rabibe

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
206	— Verdes Anos	Rabibe
207	— A Vida do João	Rabibe
208	— Guerreiro Latino	Rabibe
209	— João Sem Maria	Rabibe
210	— O Amaldiçoado	Rabibe
211	— Guerra	Rabibe
212	— Aventureiro	Rabibe
213	— Pensamentos	Rabibe
214	— Chauffer de Caminhão	Rabibe
215	— Rute Helena	Rabibe
216	— Possibilidades	Joachim
217	— Bailarino Furtivo	Joachim
218	— O Teu Olhar	Joachim
219	— Prelúdio	Joachim
220	— Dissertação	Joachim
221	— O Lugar Distante de...	Joachim
222	— A Minha Poesia	Joachim
223	— Irmã	Dadá
224	— Momento	Dadá
225	— Gamar	Dadá
226	— Missa	Dadá
227	— Viagem	Di Bernardi
228	— Sensatez	Moralez
229	— Liberdade	Jofre
230	— Vagares	Le Chat Noir
231	— Interrogando	Le Chat Noir
232	— Azul	E. Ramos
233	— Cidade	Luigi
234	— O Eco do Pranto	Luigi
235	— Memória	Luigi
236	— Amormenino	Tatu
237	— Estudamor Número Um	Tatu
238	— Mergulho no Verde	Tatu
239	— Inversão do Abril	Tatu
240	— Sonhos	Gema Anfi
241	— Harmony	Holophernes
242	— Horrífica	Holophernes
243	— Soneto	Holophernes
244	— Oasis	Florestan
245	— Cidade de Marte	Florestan
246	— Refeição do Alpinista	Florestan
247	— Viração	Dodô
248	— Ode a Um Lutador...	Peninha

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
249	Mulher de Bordel	Dodô
250	Pausa Imaginária	Dodô
251	Noturno-Diurno	Gisa
252	Conselho	Philomoc
253	Noite	Ronan de Oliveira
254	Um Caminho	Mário C. de Oliveira
255	Só Existe Quem Ama	Renato Oliveira
256	Sinceramente, Você	Dean Rushell
257	Meio-Dia	Richard John III
258	Dois Homens-Duas Flores	Barômetro de Peroba
259	Viagem	Barômetro de Peroba
260	Eu e o Barco	Cleópatra Negra
261	Sonhos	Patebo
262	Poesia Negra	Patebo
263	O Que Vejo	Patebo
264	A Procura do Nexo	Patebo
265	Uma Cidadania	Abê
266	Nunca Um Momento Mau	Abê
267	Um Índio Menuen	Abê
268	Dentro do Nicho	Abê
269	Amor & Amor de Cigano	Abê
270	O Quinto Cavaleiro do...	Dalla
271	Sacr(O)fficio	Dalla
272	Decreto-Lei	Dalla
273	As 20,30	Gafa
274	Aos...	Gafa
275	O É da Coisa...	Gafa
276	Boa Viagem!	Dudu
277	Pedrinho Sozinho	Zé da Cruz
278	Consumatum Est	Vagner
279	Óleo Negro	José Guerra
280	Sublime Dor Suprema	Dudu
281	Profissão de Fé	Ignácio d'Assumpção
282	Certezas Anti-Anatômicas...	Kiriaki
283	Moeda	Kiriaki
284	O Homem Quântico	Hélcio Pereira
285	Considerações de Vôo	Marcuse
286	Livre Exercício	Zenaida
287	Casas em Ruínas	Malu
288	Correntes	Atila
289	Obsessão	Atila
290	Eis-me Aqui	Aisten
291	Das Várias Coisas	Aisten

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
292	— O Meu País	Turmalina
293	— Explicação	Aisten
294	— Relato	Turmalina
295	— Poemeto	Tê
296	— A Presença de Uma...	Daniele Dumont
297	— Máquinas e Rosas	Joel de Silva
298	— Conseqüências	Joel de Silva
299	— Santa Fé	Xika
300	— O Poeta na Ponte	Xika
301	— Minhas Palavras	Xika
302	— Na Tua Saudade	Xika
303	— Que Sei	Xika
304	— João Vida	Xika
305	— Flor do Asfalto	Xika
306	— Rosa	Xika
307	— Das Palavras	Xika
308	— Atlântico	Xika
309	— BR-135	Xika
310	— Do Perigo de Ser-se...	Xika
311	— Por Morfeu	Xika
312	— Viagem	Di Nonato
313	— Desespero de Geração	Di Nonato
314	— Título Anterior	José Navarro
315	— Lembrança dos Dias	José Navarro
316	— Rua Oeste, 307	Paxá
317	— Plácido e Azul	Paxá
318	— Marinêio	Paxá
319	— Nazaré	Paxá
320	— A Manoel Bandeira	Paxá
321	— Para Deduzir Depois	Paxá
322	— Conversa com Manuel	Fernanda
323	— In Memorian	Melina
324	— Crepúsculo	Gabriela
325	— Fragmentos da Vida	Alcione
326	— Um Instante	Blanda
327	— Amanhecer	Blanda
328	— Gelo	Blanda
329	— Incerto Amor	Blanda
330	— Perspectiva	Blanda
331	— Dia a Dia	Blanda
332	— Verde	Blanda
333	— Algo Mais... Talvez	Blanda
334	— Contratempos	Blanda

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
335	— Anáfise	La Fleur Rose
336	— Uma Rosa Solitária	La Fleur Rose
337	— Ambição	La Fleur Rose
338	— Antefaces	Azorka
339	— Poema do Maior Desconsolo	Buate
340	— Do Princípio ao Fim	Buate
341	— Goso Maldito	Buate
342	— História em Três Tempos	Buate
343	— Dois Olhos Olhando...	Buate
344	— O Martelo que Bate	Buate
345	— Semelhantes	Frateu
346	— Nascimento	Frateu
347	— Identidade	Frateu
348	— Epidrama	Frateu
349	— Termo Final	Frateu
350	— Autenticiespontaneidade	Frateu
351	— Pra Lá do Fim	Maria da Penha
352	— Poema de Circunstância	Maria da Penha
353	— Florzinha	Maria da Penha
354	— Atropelo	Maria da Penha
355	— Soneto de Amor Constante	Floubert Ojuara
356	— Elogio	Floubert Ojuara
357	— Recomposição de Tempos	Jackson Torres
358	— Por Uma Questão de Honra?	Jackson Torres
359	— Oh!... Catherine Alpha	Jackson Torres
360	— O Amor	Bruxa's
361	— A Favela	Bruxa's
362	— Irreversível	Leon Metrieff
363	— Zé	Bruxa's
364	— Berceuse	Leon Metrieff
365	— Registro	Adel
366	— Nostalgia	Adel
367	— Ciclo da Vida	Coriandre
368	— Flammarion	Lucas
369	— Primavera no Parque	Ana Cristina
370	— Desencontro	Ral
371	— Tele-Drama	Farnézio
372	— 1974, O Homem	Domingues
373	— Atual-Idade	Farnézio
374	— Blue-Destino	Farnézio
375	— Vidativa	Éfira
376	— Para o Concurso do Buda	Goa
377	— Generosa Idade	Goa

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
378	— Num Tempo, Num Modo...	Goa
379	— Uma Ginga	Goa
380	— Acrescente-se a Verdade...	Goa
381	— Concepção	Penélope
382	— Exaltação	Penélope
383	— Poema da Aceitação	Penélope
384	— Nascimento de Mais...	Santuri
385	— Vestibular em Três Atos	K-Louro
386	— Dicótomo Pesadelo	Dentrioly
387	— Estratégia	Lucas
388	— Minas	Lucas
389	— Nós	Lucas
390	— Disponibilidade	Lucas
391	— Processo	O Cavallo
392	— Colocação	O Cavallo
393	— Genuflexidade	Ana de Amsterdam
394	— Registro	Ana de Amsterdam
395	— Perplexidade	Ana de Amsterdam (2º Lugar)
396	— Foot-Ball em Brasileiro	Fulano de Souza...
397	— Noite Vazia	Xisto
398	— O Nordeste	Edu
399	— Mundo	Adi
400	— Divagações	Vinicius de Moraes
401	— Vento do Sul	Júlia Fugareira
402	— Balanço das Horas	Ananda
403	— Coragem para Viver	Lívio
404	— Envelhecer	Dida
405	— Enterro	Leite
406	— Tensão	Cachos Mil
407	— O Amor	Cintia
408	— O Barco e a Vela	Cintia
409	— O Mudo	Villa Eboli
410	— Cantiga do Bosque	Dante Moraes
411	— Revira e Volta	Dodô
412	— Tentativa	Maria Clementina
413	— A Espera do Ano Dois Mil	Julinho
414	— A Montanha e a Estrela	Homan Cardoso
415	— Cifra	Maria da Silva
416	— A Flor	Huxley
417	— Metamorfose	Cofre
418	— Quando Eu Olho Pra Você	Castro
419	— Amor	Vieta
420	— O Hippie	Pedrinho Osso

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
421	— Franciscana	Pedro Osso
422	— A Vela Casa	Pedro Osso
423	— As Eguas	Jão Pica-Fumo
424	— Anônimo	Anônimo
425	— Diário de Bordo	Brahmaranda
426	— Das Primeiras Noites	M'ambasa
427	— Reconstituição	M'ambasa
428	— Dos Transleféricos Portes	James
429	— Vaporzinho	Rosa do Metrô
430	— Procissão do Tempo	Carteiro
431	— O Grito de Revolta	Carteiro
432	— Imagens	Filogônio
433	— Enquanto Houver Esperanças	Filogônio
434	— Maria da Roça	Filogônio
435	— Por Estas Sucessões...	Jomes (<i>M. Honrosa</i>)
436	— Z)	Marcuse
437	— Eu e as Pedras	Quorpo Santo
438	— Passeio	Quorpo Santo
439	— Caminhada	Quorpo Santo
440	— Epílogo	Nelly
441	— Fuga	Nelly
442	— Morte do Esboço	Nelly
443	— Navigari Necessé	Teda (<i>3º lugar</i>)
444	— Banzo	Teda
445	— Corda Bamba	Teda
446	— Ensaio	Teda
447	— Maria Inacabada	Calixtrato de Pedras
448	— A Hora de Cada	Calixtrato de Pedras
449	— Esparsas 15	Calixtrato de Pedras
450	— Parca Porta Porteira	Calixtrato de Pedras
451	— Assimpoema	Calixtrato de Pedras
452	— O Universo	Chevrê
453	— Maioridade	Chevrê
454	— Paquequer	Picapau
455	— P-Oema PO-EMA...	Flor
456	— Marcas	Rah
457	— Do Céu e das Estrelas	Rah
458	— Cavalo	Rah
459	— Um Dia (Talvez Hoje)	Flor Lilás
460	— E, Que E...	Cret
461	— Transcendências	Vidi
462	— Autor, Inóculo	Jão Pica-Fumo
463	— Sempre	Malu

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
464	— Canto de uma Lágrima	Malu
465	— Porque Tudo Está Errado	Malu
466	— Até Onde Você Pretende...	Malu
467	— Depois	Malu
468	— Reverso	Juca Mulato
469	— Velho	Marih
470	— Pensamos	M. Ranni
471	— Dezoito Por Vinte	M. Ranni
472	— Somos	M. Ranni
473	— Passagem	Robo
474	— Cemitério Latino	Tuta
475	— Vida Vegetal	Mykkyo
476	— O Deus Tardio	Arioli
477	— Protesto	Arioli
478	— Ciberflex-Poluipress	Tatiana Goudin

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- "Claresfera"*, de Wilson Alvarenga Borges — Edições Porta de Livraria —
Série Poesia — Rio de Janeiro — Guanabara
- "Silêncio"* — Avenida Brasil, 310-A — Aptº 3 — Belo Horizonte — MG
- "Et Cetera"* — Número 2, Ano I — Varginha — Minas Gerais
- "Protótipo"* — Revista Literária de Passos — Número 6 — Ano I,
Novembro de 1973 — Passos — Minas Gerais
- "The Centennial Review"* — Volume XVII — 1973 — Volume XVIII —
nº 1, nº 2 e nº 3 — 1974 — College of Arts and Letters — Michigan
State University — EUA
- "Courrier du Centre International d'Études Poétiques"* — Maison Inter-
nationale de la Poesie — números 96 a 102 — Boulevard de l'Empe-
reur, 4 — Bruxelles — Belgique
- "Franciscanum — Revista de las Ciencias del Espiritu"* — N.ºs 43, 44 e 45 —
Ano XV — Janeiro a Dezembro de 1973 — Universidad de San
Buenaventura — Bogotá — Colômbia
- "13th Moon"* — Ellen Marie Bissert — Volume 1, número 2 — 1973/74
Seaman Avenue 30 — Nova Iorque — EUA

ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

C A R T A S

“... espero dosar da melhor forma tão precioso contingente literário... desta excepcional Revista Literária”.

Lauro Moutinho — Rio de Janeiro — GB

“... da RL, o qual agradeço. Fiquei contente em constatar o que os mineiros andam produzindo...”

Norton Andrade — Belo Horizonte — MG

“... grato pelo envio dessa excelente publicação cultural”.

Jornalista João Capozzoli — São Paulo — SP

“... tenho recebido com regularidade a sua excelente Revista”.

Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro — GB

“... grata satisfação que recebo a Revista Literária. Parabéns pelo excelente trabalho...”

João Roberto Consoli — Belo Horizonte — MG

“... muito bom este número. Sua revista para mim é excelente fonte de lazer e para meus filhos ótima fonte de pesquisas... meus votos de estímulo...”

Reni Roberto de Vasconcelos — Santo Antônio do Monte — MG

“... como membro da União Brasileira de Escritores... felicito a Retórica... bem como corpo discente. Avante...”

Prof. Eticar Kuhn — Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, São Paulo

“... parabéns pelo alto nível dos contos...”

Marcelo Peret Mauro — Barbacena — MG

"... a RL está um barato incrível. Parabéns pelo trabalho sério... nós, da nova geração de escritores mineiros, precisamos da Revista Literária para que não nos alienem tanto..."

Mônica de Catella Noronha — Belo Horizonte — MG

"... em nome da direção, dos professores e alunos da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas... preciosa doação... desta magnífica publicação, pois é de inestimável valia para pesquisas..."

Sylla Ribas — Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas — RGS

"... agradecer... esta maravilhosa revista... merece toda a nossa atenção e apoio por ser no Brasil a única, e sem dúvida a melhor, a divulgar novos valores..."

Octávio Ribeiro de Mendonça Neto — São Paulo — SP.

"... sua valiosa RL... renovo os aplausos expressos em minha nota na coluna diária "Livros" do Diário da Manhã..."

Jornalista Osvaldo Lopes de Brito — Ribeirão Preto — SP

"... rica publicação... desejo votos de sucesso..."

Horácio Santos Novais — Belo Horizonte — MG

"... for sending us this publication which shall be of great value to our faculty and students..."

Robert Esquenazi-Mayo — Director of Institute for International Studies — University of Nebraska-Lincoln — USA

"... a vossa prestigiosa Revista Literária... aguardamos, com o mais vivo interesse, a vossa Revista..."

Prof. Jacinto do Prado Coelho — Diretor da Revista Colóquio/Letras — Lisboa — Portugal.

"... a sempre agradável Revista Literária... pela esmerada apresentação de seus trabalhos..."

Sônia Takeno — São Paulo — SP

"... Revista Literária abriu novos e maravilhosos caminhos à minha alma poética..."

João Batista Viana Dias — Belo Horizonte — MG

"... pelo excelente teor das matérias nela inseridas e que bem demonstram o alto nível de ensino e formação intelectual, cultural, artística e

profissional, assegurada por essa Universidade à juventude mineira”.

**Oswaldo Pierucetti — Prefeito de Belo Horizonte —
MG**

“... valioso exemplar da Revista Literária... leitura agradável, deleitando meu espírito...”

Hellomar F. de Souza Lélis — São Paulo — SP

“... excelente Revista... grande interesse em nossos leitores... parabenizarmos a equipe... pela excelente impressão gráfica como também pelo alto gabarito da matéria...”

**Maria Cristina Balbi Sollero — Biblioteca da Fundação
Presidente Antônio Carlos — Barbacena — MG**

JORNALIS

“...há oito anos a RL sai, apoiada pelos poderes públicos... desaponta os que pensam ser, invariavelmente, efêmera a existência de publicações assim. Realidade confortadora. Pode-se dizer, sem exagero, exemplar. E no fundo, uma coletânea de contos, poesias e ensaios que honram o ensino de Minas Gerais e os mestres e alunos da UFMG, aos quais louvo pela cultura, o esforço, o empenho e a tenacidade na manutenção da Revista Literária do vulto e da excelência desta...”

**Oswaldo Lopes de Brito — Coluna DM Livros —
Diário da Manhã — 27 de Junho de 1974 — Ribeirão
Preto — São Paulo**

“... criada com a finalidade de estimular e publicar trabalhos literários dos alunos da UFMG e idealizada por Plínio Carneiro, Luiz Gonzaga Vieira e Luiz Vilela, a Revista Literária vem cumprindo com destaque sua finalidade...”

**Henry Correa de Araújo — Coluna «Gente, Livros &
Bichos» — Jornal Estado de Minas — 19 de maio de
1974 — Belo Horizonte — Minas Gerais**

“... a Revista Literária... única no Brasil dedicada especialmente a universitários, cujos trabalhos divulga... em suas páginas tem colaborado nomes dos mais expressivos da atual literatura mineira... revista aberta a todas as tendências. A importância maior da revista reside em formar escritores em nível superior, capazes de competir com os autores nacionais e estrangeiros... livrando a literatura brasileira de obras de qualidade inferior, do tipo que vende muito e faz chorar, mas nada vale, esteticamente.”

**Jornal do Brasil — 31 de outubro de 1973 — Rio de
Janeiro — Guanabara**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



PUBLICAÇÃO Nº 609

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

Caixa Postal 1.621 — 30.000 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

**Edição da
REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

REGULAMENTO DA REVISTA

- 1 — A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais tem por finalidade a publicação de trabalhos literários dos alunos da UFMG;
- 2 — A Revista é editada anualmente pelo Serviço de Relações Universitárias da UFMG e vinculada ao Centro de Extensão da Faculdade de Letras;
- 3 — A Revista é dirigida por uma Comissão nomeada pelo chefe do Serviço de Relações Universitárias da UFMG;
- 4 — Não são aceitos os trabalhos de cunho político-partidário e os de temas ofensivos à moral e à religião;
- 5 — A Revista organiza, anualmente, um concurso de contos e de poemas, com prêmios aos três primeiros colocados e com a publicação dos melhores trabalhos na Revista;
- 6 — Podem participar do concurso os alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais.